

30 ANOS
DA FUNDAÇÃO CARGILL

Ricardo Azevedo



COLEÇÃO FURA-BOLO

EDIÇÃO COMEMORATIVA



coleção
FURABOLO
Alimentando um futuro melhor.

Cargill
Fundação Cargill

R I C A R D O A Z E V E D O

COLEÇÃO

FURA-BOLO

EDIÇÃO COMEMORATIVA

The Cargill logo features the word "Cargill" in a bold, sans-serif font. Above the letter "i" is a green graphic element consisting of two curved lines that resemble a stylized leaf or a drop.

Fundação Cargill

Programa Fura-Bolo

Fundação Cargill

Coordenação Geral

Fundação Cargill

Coordenação Gráfica

Edson Puglisi

Projeto Gráfico

Ricardo Azevedo

Editoração Eletrônica

Maria Jordan Azevedo

Colaboração

Kátia Karam Gonzalez

Revisão

Márcio Guimarães de Araújo

Pesquisa das receitas culinárias

Maria Jordan Azevedo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Azevedo, Ricardo, 1949-

Coleção Fura-Bolo : 30 anos da Fundação Cargill /
Ricardo Azevedo. - São Paulo : Fundação Cargill, 2004.

Vários ilustradores.

Ed. comemorativa

1. Literatura infanto-juvenil I. Título.

04-2352

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantil 028.5
2. Literatura infanto-juvenil 028.5

2004

Todos os direitos desta edição reservados à FUNDAÇÃO CARGILL
Av. Morumbi, 8234 - Brooklin - CEP 04703-002 - São Paulo - SP
Fone: 11-5099-3257 - Fax: 11-5099-3258
E-mail: fundacao_cargill@cargill.com

Impressão e Acabamento: *Pancrom*

Fundação Cargill

Criada em setembro de 1973, a Fundação Cargill teve como objetivo inicial patrocinar publicações que contribuíram para o avanço e a promoção da tecnologia e dos estudos científicos relacionados à agricultura, à agropecuária e ao incremento de atividades filantrópicas. Ao longo dos anos, a Fundação Cargill começou a participar ativamente do desenvolvimento educacional de algumas comunidades brasileiras. Em 1999 nasceu o Programa “Fura-Bolo”.

O “Fura-Bolo” é um programa educacional que tem como objetivo estimular a leitura através do resgate da cultura popular brasileira. A coleção é composta por oito livros e visa educar, emocionar, formar e divertir as crianças de 7 a 10 anos de escolas municipais do ensino fundamental, das comunidades onde a empresa atua.

Em 2004 o Programa está inserido em 7 estados, 18 municípios e são beneficiadas 186 escolas. Atualmente 60 mil crianças e 2000 educadores recebem a coleção “Fura-Bolo”. O Programa proporciona a capacitação semestral aos educadores das escolas municipais participantes do “Fura-Bolo”, garantindo a base necessária para o trabalho pedagógico com as crianças.

A Fundação Cargill conta com a participação de 230 voluntários, que são funcionários da empresa, dedicados e que colaboram para o desenvolvimento e crescimento do Programa de maneira muito especial.

Em 2000 a Fundação Cargill recebeu o Top Social da ADVB, que é um prêmio de reconhecimento às organizações que buscam no seu negócio, além da lucratividade, a cidadania empresarial com responsabilidade social.

Para celebrar os 30 anos da Fundação Cargill foi publicada esta edição comemorativa especialmente para você e sua família.

Boa Leitura.

Sergio Barroso



PREFÁCIO

Os textos da coleção “Fura-Bolo”, reunidos nesta edição comemorativa dos 30 anos da Fundação Cargill, foram criados tendo em vista as crianças do ensino fundamental, dois livros para cada série mas que, na verdade, são intercambiáveis e podem ser lidos em todas as séries. Tanto a coleção como o Programa “Fura-Bolo” têm como meta e principal objetivo a formação de novos leitores, ou seja, a formação de pessoas que saibam usar livros em benefício próprio. Para isso, os textos recorrem à ficção e à linguagem poética. O Programa, por outro lado, tem como característica lançar mão de elementos do imaginário e da cultura popular brasileira. Por trás deste procedimento, está a crença de que a maioria das pessoas, em nosso país, tanto analfabetos como gente formada na universidade, por razões familiares, de berço e de vida, costuma ter uma profunda ligação com a cultura do povo. Essa cultura informal, alegre e espontânea talvez funcione como uma espécie de tecido mediador que identifica e une todos os brasileiros e, sendo assim, pode exercer papel importante na formação de novos leitores. Por essas razões, os textos da coleção “Fura-Bolo” buscam sempre a linguagem popular e acessível e trazem um grande número de histórias, contos de encantamento, poemas, quadras, ditados, trocadilhos, anedotas, adivinhas, brincadeiras com palavras e até receitas culinárias populares. A esperança é a de que os pequenos leitores leiam, se distraiam, tenham idéias, soltem a imaginação, pensem na vida, caiam na gargalhada, se emocionem e, assim, encantados, passem a gostar de ler. Quem sabe, depois, alguns sintam vontade de ler outros livros. Se isso acontecer, é possível que passem a ser leitores e isso, tenho certeza, será muito bom para eles e para todos nós.

Ricardo Azevedo

SUMÁRIO

9



VOCÊ DIZ QUE SABE MUITO,
BORBOLETA SABE MAIS!

ilustrações

Mariana Massarani

33

VOCÊ ME CHAMOU DE FEIO,
SOU FEIO MAS SOU DENGOSO!

ilustrações

Eva Furnari



57

ENTREI NUM RAIOS DE SOL,
SAÍ NUM RAIOS DE LUA!

ilustrações

Alcy

81

NÃO TENHO MEDO DE HOMEM,
NEM DO RONCO QUE ELE TEM!

ilustrações



105

ZÉ PEDRO COMEU PIMENTA
PENSANDO QUE NÃO ARDIA!



ilustrações
Mariana Massarani

129

JOGUEI UM LENÇO PRA CIMA,
CAIU NA PONTA DA LUA!

ilustrações
Eva Furnari



153

PAPAGAIO COME MILHO,
PERIQUITO LEVA A FAMA!



ilustrações
Alcy

177

VOU-ME EMBORA DESTA TERRA,
É MENTIRA EU NÃO VOU NÃO!

ilustrações
Ricardo Azevedo



VOCÊ DIZ QUE SABE MUITO, BORBOLETA SABE MAIS!



Ilustrações de
Mariana Massarani



SUMÁRIO



Trovinhas populares	12
A periquita e o cachorro-do-mato	15
O sítio do Zé Valente	19
A rosa brigou com o cravo	22
O macaco e a goiabeira	23
Brincadeira com as palavras	28
Quadrilha da sujeira	30
Receitas	31



TROVINHAS POPULARES



Você diz que sabe muito
Borboleta sabe mais
Anda de perna pra cima
Coisa que você não faz.

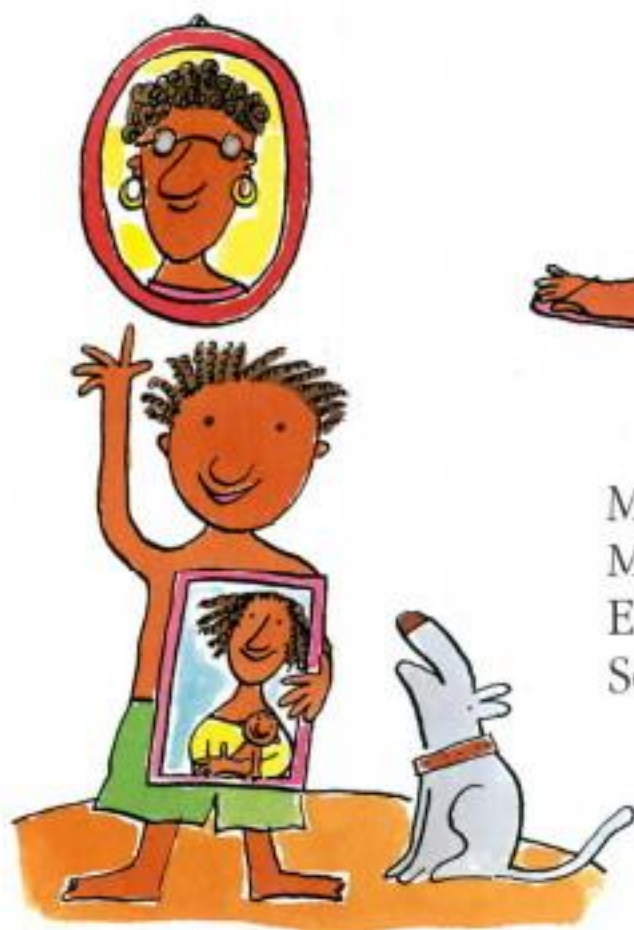


Tem dia que eu digo ui
Tem hora que eu digo ai
Tem vez que eu digo vem
Tem outras que eu digo vai.





Fui à feira comprar uva
Encontrei uma coruja
Eu pisei no rabo dela
Me xingou de cara suja.



Minha mãe chamava caca
Minha avó caca Maria
Em casa tudo era caco
Sou filho da cacaria.





A PERIQUITA E O CACHORRO-DO-MATO

versão de um conto popular



Era uma periquita toda verdinha. Estava um dia com seus três filhotes pousada na árvore, cantando, conversando e catando formiga.

Chegou o cachorro-do-mato.

– Quem está aí em cima cantando?

– Sou eu.

– Eu quem?

– A periquita.

– Com quem?

– Com meus três periquitinhos.

O cachorro-do-mato falou grosso:

– Ou joga um periquitinho já, ou eu pego meu rabo, corto a árvore e como você e seus três filhotinhos.

A passarinha chorou muito mas acabou jogando um filhotinho para o cachorro-do-mato comer.

No outro dia, o cachorro-do-mato apareceu de novo.

– Quem está aí em cima chorando?

– Sou eu.

– Eu quem?

– A periquita.

– Com quem?

– Com meus dois periquitinhos.

O cachorro-do-mato latiu grosso:

– Ou joga um periquitinho já, ou eu pego meu rabo, corto a árvore e como você e seus dois filhotinhos.

A passarinha chorou muito mas acabou jogando outro filhotinho para o cachorro-do-mato comer.

Mais tarde, passou a coruja. Ouvindo aquele chororô em cima da árvore, perguntou:

– Quem está aí em cima soluçando?

– É a periquita com seu último filhotinho.

– Cadê os outros dois?

– O cachorro-do-mato comeu.

– Comeu como?

– O danado disse que se eu não jogasse os filhotinhos ele pegava o rabo, cortava o tronco da árvore e não sobrava nada.

A coruja arregalou os olhos:

– Mas isso cachorro-do-mato não faz!

E ensinou um truque à passarinha.

No outro dia, o cachorro-do-mato escutou alguém cantando no galho da árvore.

– Quem está aí em cima cantando?

– Sou eu.

– Eu quem?

– A periquita.

– Com quem?

– Com meu último filhotinho.

O cachorro-do-mato falou grosso:

– Ou joga o periquitinho já, ou eu pego meu rabo, corto a árvore e como você e seu último filhotinho.

Mas a periquita retrucou:

– Come nada, que rabo de cachorro não presta pra cortar tronco de árvore!



O cachorro-do-mato desconfiou.

– Isso foi truque que a coruja ensinou!

A coruja apareceu e disse:

– E daí?

O cachorro-do-mato mandou:

– Então põe um pé no chão e outro no ar, que eu quero ver.

A coruja pôs.

O cachorro-do-mato mandou:



17

– Então abre um olho e fecha o outro, que eu quero ver.

A coruja abriu e fechou.

O cachorro-do-mato agora pediu com voz delicada:

– Agora fecha os dois olhinhos juntinhos assim um pouquinho.

A coruja fechou, o cachorro deu um bote, comeu a coruja e foi embora feliz da vida.

No caminho, a coruja, lá na barriga do cachorro, gritou:

– Quero ver quem tem coragem de contar que comeu a coruja.

O cachorro-do-mato deu até risada:

– Quer ver? – E falou: – A coruja tá no papo.

E a coruja:

– Assim é fácil. Quero ver gritar mais alto.

O cachorro-do-mato gritou:

– A coruja tá no papo.

E a coruja:

– Assim é fácil. Quero ver gritar mais alto.

O cachorro-do-mato berrou:

– A coruja tá...

Quando o cachorro disse *tá*, a coruja mais os dois periquinhos escaparam voando pela goela aberta do danado, foram pousar no alto da árvore e ficaram cantando:

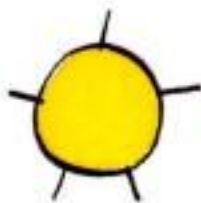


18

*Vem cá, cachorro-do-mato
Sobe aqui que eu quero ver
Bate o rabo, corta o tronco
Sobe aqui pra me comer!*



O SÍTIO DO ZÉ VALENTE



No sítio do Zé Valente
É tudo de trás pra frente
É tudo bem diferente
No sítio do Zé Valente



19

Lá no pé de laranjeira
Não sei se é louco ou maluco
Em vez de nascer laranja
Só cresce copo de suco!



Quem chega no cacauero
Não sabe se berra ou late
Diante dos galhos cheios
De bombom de chocolate!

Passando no milharal
Esperto fica boboca
Em vez de espiga de milho
Só tem saco de pipoca!



20

No sítio do Zé Valente
Acredite minha gente
É tudo tão diferente
Que sábio vira demente



Quem cismar de olhar o trigo
Pode até cair no chão
Em cada planta que vinga
Já nasce um pouco de pão

E o pé de amendoim?
Não é pinga nem pileque
Do danado brota e cresce
Paçoca e pé-de-moleque!



No sítio do Zé Valente
É tudo tão surpreendente
É tudo tão de repente
Que deixa triste contente

21



Não ria do Zé Valente
Cuidado que o bico racha
Não vê que o moço é parente
De um tal de Chico Bolacha?

A ROSA BRIGOU COM O CRAVO

O cravo brigou com a rosa
Defronte da minha casa
O cravo ficou ferido
E a rosa despedaçada



Palma, palma, palma
Pé, pé, pé
Roda, roda, roda
Caranguejo peixe é



O cravo deu um suspiro
E fez uma confissão:
Jurou que amava a rosa
Do fundo do coração



O cravo ficou doente
A rosa foi visitar
O cravo teve um desmaio
E a rosa pôs-se a chorar



A rosa chamou o cravo
Num canto, pra conversar
Contou que andava tristonha
Cansada de só brigar



Palma, palma, palma
Pé, pé, pé
Roda, roda, roda
Caranguejo peixe é



O MACACO E A GOIABEIRA

versão de um conto popular



O macaco chupava goiaba trepado na árvore. Um carocinho da goiaba caiu no chão.

– Oba! Vai nascer uma goiabeira só pra mim – disse o macaco.

Perto havia um pé de capim dos grandes.

Quando a goiabeira começou a brotar, o macaco procurou o dono da terra:

– Arranca esse pé de capim, que a sombra não deixa minha goiabeira crescer.

O dono da terra respondeu:

– Cai fora, macaco!

O macaco foi falar com o delegado:

– Delegado, manda prender o dono da terra que não quer arrancar o pé de capim que não deixa minha goiabeira crescer.

O delegado respondeu:

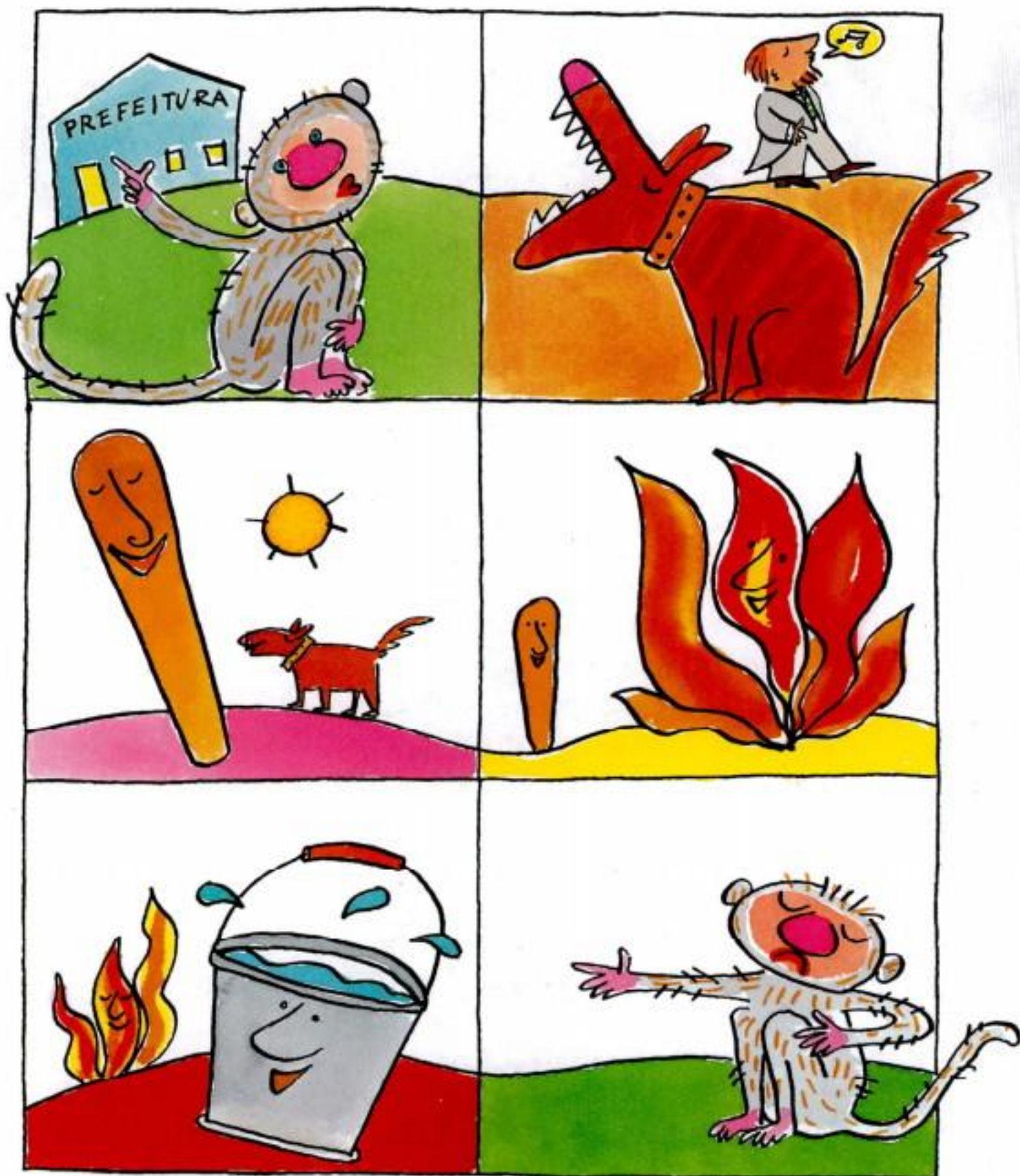
– Cai fora, macaco!

O macaco foi procurar o prefeito:

– Prefeito, manda o delegado prender o dono da terra que não quer arrancar o pé de capim que não deixa minha goiabeira crescer.

O prefeito respondeu:

– Cai fora, macaco!



O macaco foi falar com o cachorro:

– Cachorro, morde o prefeito que não quer mandar o delegado prender o dono da terra que não quer arrancar o pé de capim que não deixa minha goiabeira crescer.

O cachorro respondeu:

– Cai fora, macaco!

O macaco foi falar com o pedaço de pau:

– Pedaço de pau, bate no cachorro que não quer morder o prefeito que não quer mandar o delegado prender o dono da terra que não quer arrancar o pé de capim que não deixa minha goiabeira crescer.

O pedaço de pau respondeu:

– Cai fora, macaco!

O macaco foi falar com o fogo:

– Fogo, queima o pau que não quer bater no cachorro que não quer morder o prefeito que não quer mandar o delegado prender o dono da terra que não quer arrancar o pé de capim que não deixa minha goiabeira crescer.

O fogo respondeu:

– Cai fora, macaco!

O macaco foi falar com a água:

– Água, apaga o fogo que não quer queimar o pau que não quer bater no cachorro que não quer morder o prefeito que não quer mandar o delegado prender o dono da terra que não quer arrancar o pé de capim que não deixa minha goiabeira crescer.

A água respondeu:

– Cai fora, macaco!

O macaco foi falar com o boi:

– Boi, bebe a água que não quer apagar o fogo que não quer queimar o pau que não quer bater no cachorro que não quer morder o prefeito que não quer mandar o delegado prender o dono da terra que não quer arrancar o pé de capim que não deixa minha goiabeteira crescer.



O boi respondeu:

– Cai fora, macaco!

O macaco foi falar com o açougueiro:

– Açougueiro, mata o boi que não quer beber a água que não quer apagar o fogo que não quer queimar o pau que não quer bater no cachorro que não quer morder o prefeito que não quer mandar o delegado prender o dono da terra que não quer arrancar o pé de capim que não deixa minha goiabeira crescer.

O açougueiro respondeu:

– Cai fora, macaco!

O macaco foi falar com a morte:

– Morte, leva o açougueiro que não quer matar o boi que não quer beber a água que não quer apagar o fogo que não quer queimar o pau que não quer bater no cachorro que não quer morder o prefeito que não quer mandar o delegado prender o dono da terra que não quer arrancar o pé de capim que não deixa minha goiabeira crescer.

A morte resolveu levar o açougueiro, mas o açougueiro saiu correndo pra matar o boi que bebeu a água que apagou o fogo que queimou o pau que bateu no cachorro que mordeu o prefeito que mandou o delegado prender o dono da terra que arrancou o pé de capim que não deixava a goiabeira do macaco crescer.



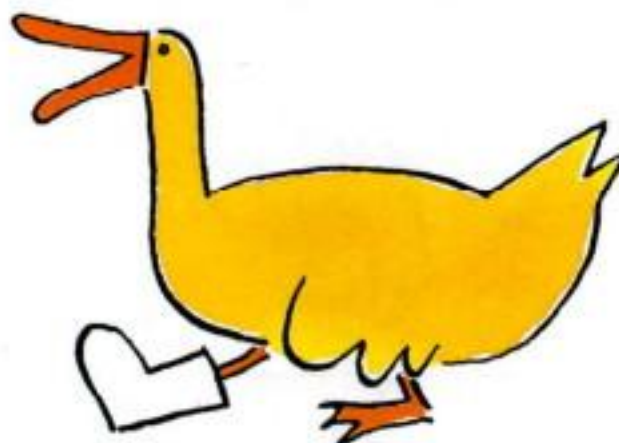
BRINCADEIRA COM AS PALAVRAS



Parte sempre a mesma parte.



O pinto pia na pia.



A pata quebrou a pata.



Dobra a manga e chupa a manga.



O anão gritou: "Ah, não!"



Toca música na toca.

A boy in a blue shirt and red cap is on a skateboard, waving. A girl in a red and white checkered dress is throwing a green bottle. A small fly is near the skateboard.

QUADRILHA DA SUJEIRA

*inspirado em Quadrilha,
de Carlos Drummond de Andrade*

João joga um palitinho de sorvete na rua de Teresa que joga uma latinha de refrigerante na rua de Raimundo que joga um saquinho plástico na rua de Joaquim que joga uma garrafinha velha na rua de Lili.

Lili joga um pedacinho de isopor na rua de João que joga uma embalagenzinha de não sei o quê na rua de Teresa que joga um lencinho de papel na rua de Raimundo que joga uma tampinha de refrigerante na rua de Joaquim que joga um papelzinho de bala na rua de J. Pinto Fernandes que ainda nem tinha entrado na história.



RECEITAS

BOLO DE MILHO

- 1 lata de milho verde com a água
- 1 vidrinho de leite de coco
- 1 xícara de leite
- 2 xícaras de açúcar
- 2 xícaras de farinha de milho em flocos
- 2 colheres grandes de margarina
- 3 ovos
- 1 colher de sopa de fermento em pó

Junte tudo no liquidificador e bata muito bem. Ligue o forno. Passe um pouco de margarina numa fôrma redonda de furo no meio, esfarinhe, despeje nela a massa e leve ao forno médio, já aquecido. Deixe assar durante uns 55/60 minutos. Espete com um palito, se sair seco já está assado. Tire do forno com um pano, espere esfriar e desenforme em cima de um prato grande. Bom apetite!



BISCOITOS AMANTEIGADOS

- 2 colheres de sopa de açúcar
- 1 xícara de manteiga
- 2 xícaras de farinha de trigo

Misture tudo numa tigela com a ponta dos dedos, sem apertar muito, até conseguir uma bola meio esfarinhenta. Lave as mãos, seque bem e passe margarina nelas. Separe pequenas quantidades da massa e achate com delicadeza na palma da mão, formando os biscoitos. Ponha em uma assadeira e leve ao forno fraco. Quando dourarem por baixo, pronto, tire do forno. Com uma faca, solte com cuidado, passe em açúcar, arrume num prato. Espere esfriar e é só comer. Pode guardar num pote ou lata.



N.E. - As *Trovinhas populares* foram pinçadas do material recolhido pelos folcloristas Luís da Câmara Cascudo, Gumercindo Saraiva e Afrânio Peixoto.

VOCÊ ME CHAMOU
DE FEIO,
SOU FEIO MAS SOU
DENGOSO!



Ilustrações de
Eva Furnari



SUMÁRIO



Se a terra não existisse	37
Adivinhe se puder	40
Poema do milho	42
Brincadeira com as palavras	43
Louco sentado no muro	44
Chico e o burro	46
Trovinhas populares	47
Ditados populares	48
As laranjas mágicas	50
Receitas	55



SE A TERRA NÃO EXISTISSE, A GENTE PISAVA ONDE?



Tênis é de lona e borracha. Cueca é de pano e elástico. Caderno é de arame e folha de papel. Televisão é de plástico com uma antena em cima e uma tela na frente. Casa é feita de telhado, parede, piso, porta e janela. Vaca é de couro, chifre e quatro tetas pingando leite. Cachorro é um ônibus peludo cheio de pulgas. Ser humano é feito de carne, osso, coração e idéias andando na cabeça.

E o mundo em que vivemos?

O mundo é um monte de terra cercada de água por todos os lados.

A água é o mar, o rio, o lago, a chuva, a poça, a lágrima e o cuspe.

A terra é a terra mesmo.

É tão importante que, se passar um extraterrestre pilotando um disco-voador, breicar no céu e perguntar como é que chama isso aqui, qualquer criança de colo vai gritar:

– Isso aqui é a Terra, nunca viu não?

Tem gente que pensa que terra só serve para cavar buraco no chão, para ser hotel de minhoca, para enfiar poste de luz ou então para sujar o pé de lama em dia de chuva, mas não é nada disso.

Se não fosse a terra, a gente pisava onde?

Se não fosse a terra, a gente construía nossa casa onde?

E as cidades? E as estradas? E os campinhos de futebol?

Sem a terra a gente não ia jogar bola nunca mais!

Uma vez eu tive um sonho. Sonhei que estava dormindo com vontade de fazer xixi. Continuei sonhando e pulei da cama. Pobre de mim! Quando pisei no chão, descobri que naquele sonho não existia chão. Lá fui eu caindo, despencando, voando, esvoaçando. O mundo ali era um lugar sem terra, por isso tudo vivia boiando no ar. Saí do quarto, fui voejando, passei pela sala cheia de cadeiras, móveis e mesas voando e cheguei no banheiro. Lá dentro, o chuveiro, a pia e a privada pareciam umas coisas brancas flutuando no espaço. Fui tentar fazer xixi, mas a privada não parava quieta. A vontade apertava cada vez mais. Tentei fazer pontaria, caprichei na mira, mas não deu. No fim, o sonho acabou. Acordei todo molhado com meu irmão, lá embaixo, gritando socorro. Acontece que a gente dorme em cama beliche, eu em cima e ele embaixo.

Meu irmão me xingou de tudo quanto foi nome. Expliquei a ele que se não fosse a terra firme o beliche estaria voando e aí, sim, ia ser muito pior.

Pensando bem, a terra é a coisa mais importante do mundo em que vivemos. Ela é o solo, o chão, a gleba, o piso, o porto, o lugar onde a gente fica em pé e constrói a vida.

Sem terra não ia dar para sair correndo, brincando de polícia e ladrão. Nem andar de bicicleta ou descer ladeira de skate. Jogar pião ou bolinha de gude, então, nem pensar.

Se não fosse a terra, os aviões iam ficar revoando no céu até acabar a gasolina, depois desabavam no nada.

Para falar a verdade, a terra é uma espécie de mãe. A mãe de todos nós.

De onde vêm as árvores para dar sombra e segurança? Da terra.
De onde vêm as frutas para a gente chupar? Da terra.

De onde vem a nascente do rio? E a flor? E o passarinho? E a onça? E a tartaruga? E a borboleta? E o macaco? E o besourinho? E todos os bichos do mundo inteiro menos os peixes e as estrelas-do-mar?

Sem a terra, a bicharada ia andar onde, caçar onde, morar onde, viver onde?

Sem a terra, não ia ter nem milho, laranja, caqui, jabuticaba, banana, pêra, uva, cacau, pitanga, mexerica, romã, maçã, abacate, melancia, abacaxi, nem amendoim nem nada.

O mundo ia ser só um monte de coisa nenhuma cercado de água por todos os lados.

Mas a terra tem seus truques. Ela não gosta de ser maltratada, não senhor!

Às vezes fica tão brava que até treme. Dá cada terremoto que Deus me livre e guarde. Ou então abre a boca, solta um fogaréu e vira vulcão.

Quando fazem queimadas ou destroem o mato ou enchem o chão de lixo e porcaria a terra fica triste e terra triste vira deserto, corpo árido, seco, estéril, que não dá mais nada.

Ela, que era generosa, formosa, úmida, florida, risonha, fofa, macia, fértil, cheia de sombra, cheia de perfume, cheia de água fresca, cheia de passarinho cantando, de flores coloridas, riachinhos, borboletas, besourinhos, bichinhos e bichões, de repente fica tão dura e rachada que só consegue inventar pó, areia e desolação.

Se a terra fosse um deserto ia ter chão, mas como a gente ia ficar?



ADIVINHE SE PUDER

1. O que é, o que é?
Quando nasce é uma alegria
Cada pé é uma festança
Cada espiga é uma certeza
Cada grão uma esperança?



40



2. O que é, o que é?
Deita na cama com a gente
Às vezes tapa o nariz
Às vezes dói na cabeça
Gosta de frio mas não diz?



3. O que é, o que é?
Desgraça desagradável
Aperta no corpo inteiro
Começa na hora errada
Termina lá no banheiro?

4. O que é, o que é?
Anda pra lá e pra cá
Com seu jeito de magrela
Prefere descer ladeira
Como é mesmo o nome dela?



5. O que é, o que é?
Tem asa mas não tem pena
É folha e não é mato
Tem ponta mas não é faca
Tem bico e não é sapato?

41

6. O que é, o que é?
Tem cara de ser minhoca
Tem jeito de ser gostoso
Enrola mas não dá nó
Com queijo é mais saboroso?





POEMA DO MILHO

Quem tem milho tem farinha
Tem canjica, tem curau,
Tem bolo, cuscuz, farofa
Polenta, pudim, mingau

Quem tem milho tem sorvete
Milho assado e mungunzá
Tem angu, sopa, pipoca
Pamonha, broa e fubá!



BRINCADEIRA COM AS PALAVRAS



Sendo assim eu digo: sim.



É prudente escovar dente.



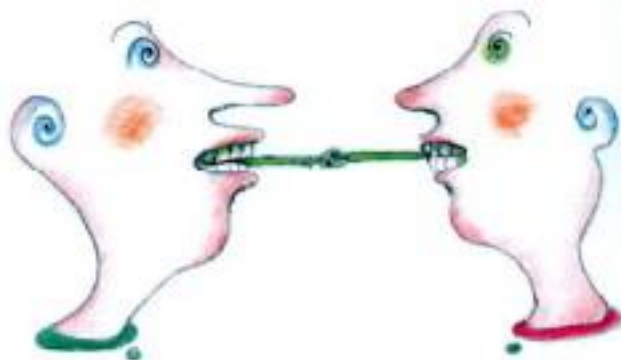
Trouxe a cesta no sábado.



Às vezes me sinto sem cinto.



Ver de perto o nosso verde.



Nós desatamos os nós.



LOUCO SENTADO NO MURO

Era noite escura. Um carro vinha passando na frente de um hospício. De repente, o pneu furou. Descendo do carro, o motorista abriu o porta-malas e pegou o pneu reserva. Depois, com o macaco, tirou o pneu furado e colocou os parafusos numa latinha. Quando colocava o pneu reserva na roda, passou um automóvel em alta velocidade atirando a latinha longe.



O sujeito ficou um tempão procurando os parafusos, mas não achou nada. Desanimado, sentou-se na calçada sem saber o que fazer. Sem os parafusos, como iria prender o pneu? O pior: uma garoinha fria e fina começava a cair.

Estava assim quando escutou um barulhinho.

– Psiu, moço.

Era um louco sentado no alto do muro do hospício. Vestia um pijama listado, tinha uns óculos desenhados no rosto e um penico enterrado na cabeça.

– Furou o pneu aí?

O homem do carro não queria puxar conversa mas, por educação, achou melhor responder:

– Furou, e o pior é que os parafusos sumiram.

O louco coçou a orelha com um espanador.

– Mas isso é muito simples!

“Lá vem besteira”, pensou o homem.

– Primeiro – explicou o louco – o senhor tira um parafuso de cada pneu; depois prende o pneu novo com os três parafusos. Com um parafuso a menos em cada roda, dá para andar muito bem. Amanhã, logo cedo, o senhor procura uma loja, compra um jogo de parafusos novos e o assunto está resolvido.

O homem ficou admirado. A idéia era muito boa. Em pouco tempo, o carro estava pronto para continuar a viagem.

Antes de partir, agradecido, o homem do carro quis saber:

– Desculpe a pergunta, mas... você não é louco?

– Sou – respondeu o outro, picando uma nota de cinco reais com uma tesoura.

– Como conseguiu ter uma idéia tão boa?

O louco sorriu:

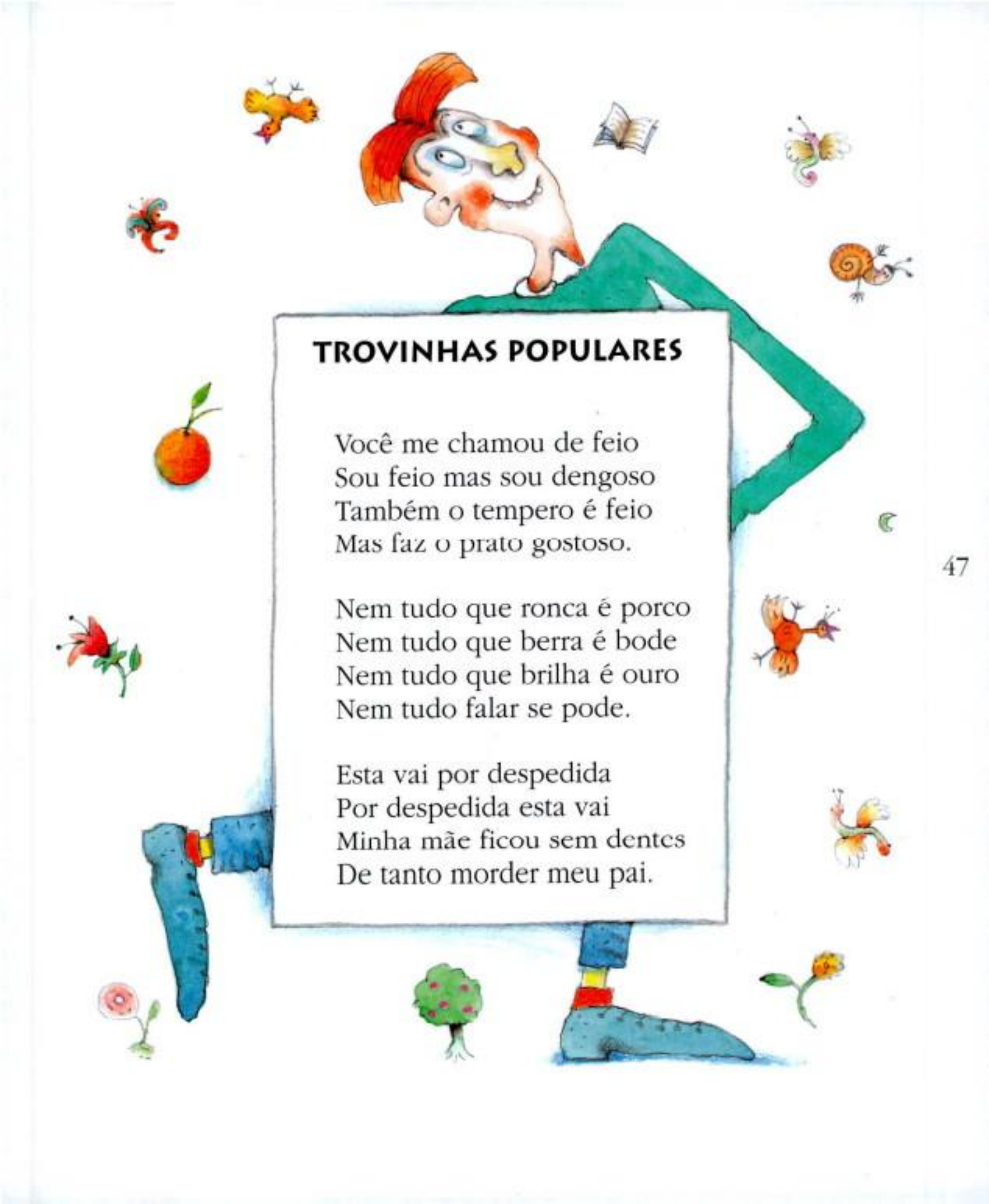
– Sou louco, mas não sou burro!



CHICO E O BURRO

Chamaram o Chico de burro
Mas o Chico nem ligou.
Chamaram o burro de Chico
Foi quando o burro chorou!





TROVINHAS POPULARES

Você me chamou de feio
Sou feio mas sou dengoso
Também o tempero é feio
Mas faz o prato gostoso.

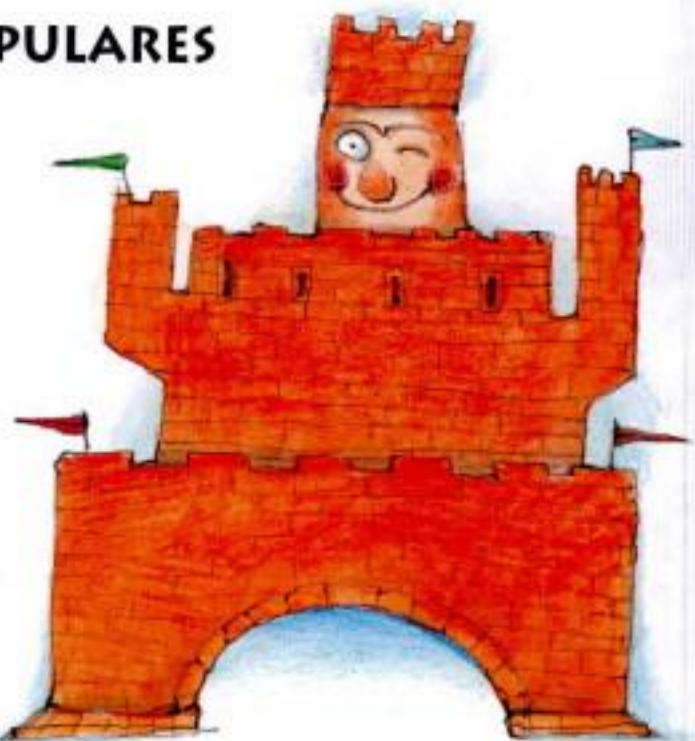
Nem tudo que ronca é porco
Nem tudo que berra é bode
Nem tudo que brilha é ouro
Nem tudo falar se pode.

Esta vai por despedida
Por despedida esta vai
Minha mãe ficou sem dentes
De tanto morder meu pai.

DITADOS POPULARES



Falar é fácil, fazer é que são elas



48



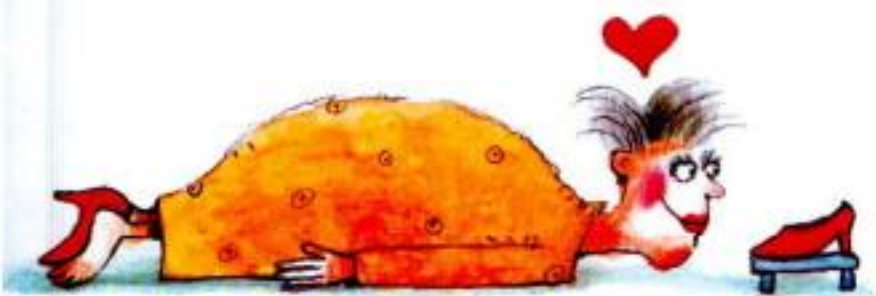
Em terra de cego, quem tem olho é rei



Feliz é quem feliz se julga



Não há tempero tão bom quanto a fome





AS LARANJAS MÁGICAS

versão de um conto popular



Era um homem pobre. Morava num casebre escondido atrás do matagal. O homem tinha dois filhos, ambos fortes, honestos e trabalhadores. O caçula, porém, era atrapalhado que nem só ele. Tudo o que o rapaz fazia dava errado.

Uma vez atirou uma pedra num marimbondeiro. Errou a mira e acertou a cabeça de um viajante.

Outra vez ficou com pena, foi escondido e soltou os vinte passarinhos de raça que o vizinho criava na gaiola. O vizinho quase mandou chamar a polícia.

E o rapaz era tão encabulado que às vezes não conseguia explicar direito nem o que queria, nem o que sentia.

E era tão distraído que volta e meia saía de casa com um sapato num pé e uma sandália no outro.

O pai do moço ficava cada vez mais desgostoso.

Um dia o rapaz foi à feira, vendeu um saco de milho que o pai tinha plantado, mas depois, no caminho de volta, deu o dinheiro a um mendigo velho.

Dias depois o moço estava na cidade quando tentaram assaltar uma loja. Em vez de pegar o assaltante, o rapaz tomou coragem, saiu correndo, agarrou e derrubou o dono da loja que estava justamente perseguindo o ladrão. Dessa vez o coitado foi preso, pois todo mundo achou que ele tinha tentado ajudar o bandido.

Quando saiu da cadeia, seu pai disse que o melhor era ele viajar pelo mundo afora. Quem sabe andando por aí, conhecendo outras pessoas, outros costumes e lugares, ele não criava juízo e dava um jeito na vida?

O moço aceitou o conselho, arrumou uma sacola e partiu.

Andou, andou, andou e, quando já estava cansado, sentou-se debaixo de uma laranjeira, na beira de um riacho. A laranjeira estava carregada de laranjas maduras. O dia estava quente. O rapaz sentiu vontade de chupar laranja.



Mal tinha acabado de comer a fruta e seu nariz começou a crescer e crescer e cresceu tanto e ficou tão imenso que chegou a bater com a ponta no chão.

Vendo aquela coisa comprida saindo de seu rosto, o moço começou a chorar, lamentando tanto azar. Nesse instante um velho apareceu. Era o mendigo a quem um dia, faz tempo, o jovem havia dado dinheiro. O mendigo disse que tinha vindo para ajudar.

Contou que logo adiante havia outro pé de laranjeira e que suas laranjas tinham o dom de desfazer o efeito das primeiras. O próprio velho foi buscar as laranjas, pois o moço não conseguia andar com aquele narigão pendurado no rosto.

Ao chupar a laranja do outro pé, o nariz diminuiu, diminuiu, encolheu, encolheu, e voltou ao tamanho normal. O rapaz ficou muito contente.



O velho mandou o moço beber um pouquinho da água do rio. O rapaz deu um gole e desembestou a falar feito uma matraca, sem conseguir parar. O outro dava risada enquanto o jovem papagueava cada vez mais aflito.

O mendigo explicou que logo adiante havia outro riachinho cuja água desfazia o efeito da primeira.

Aconselhou o rapaz a levar duas laranjas, uma de cada árvore, e duas garrafinhas cheias d'água, uma de cada riacho. Disse que podiam ser úteis durante a viagem.

O moço agradeceu e foi-se embora.

Andou, andou, andou e acabou chegando num reino. Descobriu que no lugar morava a princesa mais linda que ele jamais tinha visto. O rapaz viu a donzela no jardim do palácio e ficou apaixonado. Não conseguia tirar a moça da cabeça. De manhã, pensava nela. De tarde, pensava nela. De noite, dormindo, seus sonhos eram só dela.

O moço então teve uma idéia.

Foi ao palácio disfarçado de vendedor de laranjas. Disse que queria oferecer um presente ao rei. Era uma laranja especial, muito rara e muito gostosa.

Um criado levou a laranja ao rei, que, como estava com sede, foi pegando e chupando a laranja de uma vez só.

Nem bem tinha terminado, e já seu nariz começava a inchar, a embolotar e a crescer que mais parecia uma tromba de elefante, mole, gorda e comprida. O rei quase não conseguia se mexer com aquele nariz grudado em cima da boca.

Os melhores médicos e sábios foram chamados. Ninguém sabia o que fazer. O rei mandou convocar um cirurgião. Mandou arrancar o nariz fora. O cirurgião pediu desculpas, mas disse que não tinha coragem.

O rei chorava diante do espelho examinando o narigão inesperado.

No outro dia, o moço voltou ao palácio. Disse que sabia um meio de acabar com o sofrimento real. Levado aos aposentos do monarca, tirou uma laranja da sacola e deu para o rei chupar.

Foi tiro e queda. Já nas primeiras gotas do suco, o nariz real começou a murchar, a diminuir, e encolheu, encolheu até voltar ao tamanho natural.

O rei batia palmas de alegria. Abraçando o rapaz, declarou que ele podia pedir o que quisesse.

O moço pediu a mão da princesa em casamento.

O rei fez cara triste. Disse que tudo era possível, menos isso. Explicou que a princesa era muda por causa de um feitiço e ele não queria que ela se casasse enquanto o encanto não fosse quebrado.

O rapaz pediu, por favor, que mandassem chamar a moça.

Lá veio ela. Parecia uma rosa de tão linda.

Tirando uma garrafinha da sacola, o rapaz pediu para a princesa beber. A menina bebeu e desembestou a falar feito uma matraca, sem conseguir parar. Falava pelos cotovelos. As palavras pareciam uma correnteza saindo de sua boca. E a princesa foi ficando aflita, pois não conseguia nem parar para tomar fôlego.

O rei e os nobres do reino estavam alegres, mas também um pouco assustados. Como é que uma moça muda de repente podia começar a falar daquele jeito?

Foi quando o rapaz tirou outra garrafinha da sacola e pediu para a menina beber. A princesa bebeu e abriu um sorriso maravilhoso. A partir daquele dia passou a falar como todo mundo. E sua voz era tão doce, tão meiga, e suas palavras tão bonitas e delicadas, que o rapaz até se emocionou.

Diante do acontecido, o rei, feliz da vida, mandou realizar uma grande festa para celebrar o casamento.



RECEITAS

BOLO DE CENOURA

Massa: 1 copo de óleo de soja
2 xícaras de açúcar
2 xícaras de farinha de trigo
3 cenouras sem a casca
3 ovos
1 colher grande de fermento
1 limão (só a casca ralada)

Calda: 3 colheres de sopa de chocolate em pó
1 ou 2 colheres de sopa de leite para dissolver o chocolate

Vá juntando um ingrediente por vez no liquidificador (por último a farinha e o fermento), bata bem. Ligue o forno. Unte uma assadeira rasa com manteiga, esfarinhe. Despeje a massa na fôrma e leve ao forno médio já aquecido. Asse durante uns 30/35 minutos. Espete com um palito de madeira, se sair seco é que o bolo já está pronto. Tire do forno. Despeje a calda por cima. Volte um pouquinho para o forno e está pronto. Deixe esfriar e corte em quadrados.

55



PÉ-DE-MOLEQUE GRÃ-FINO

1 xícara de Karo branco rótulo vermelho
2 xícaras de açúcar
2 xícaras de amendoim cru
1 colher de chá rasa de bicarbonato ou pó Royal

Misture numa panela o Karo, o açúcar e o amendoim. Leve ao fogo fraco, sem mexer. Deixe até ficar dourado, então junte o bicarbonato e mexa. Retire do fogo, bata por alguns minutos com colher de pau. Despeje numa assadeira untada. Espere um pouco, corte ainda morno em quadrados ou losangos. Depois de frio guarde em lata ou vidro.



N.E. - As *Trovinhas populares* foram pinçadas do material recolhido pelos folcloristas Luís da Câmara Cascudo, Gumercindo Saraiva e Afrânio Peixoto.

ENTREI NUM RAIO
DE SOL,
SAÍ NUM RAIO
DE LUA!



Ilustrações de
Alcy Linares

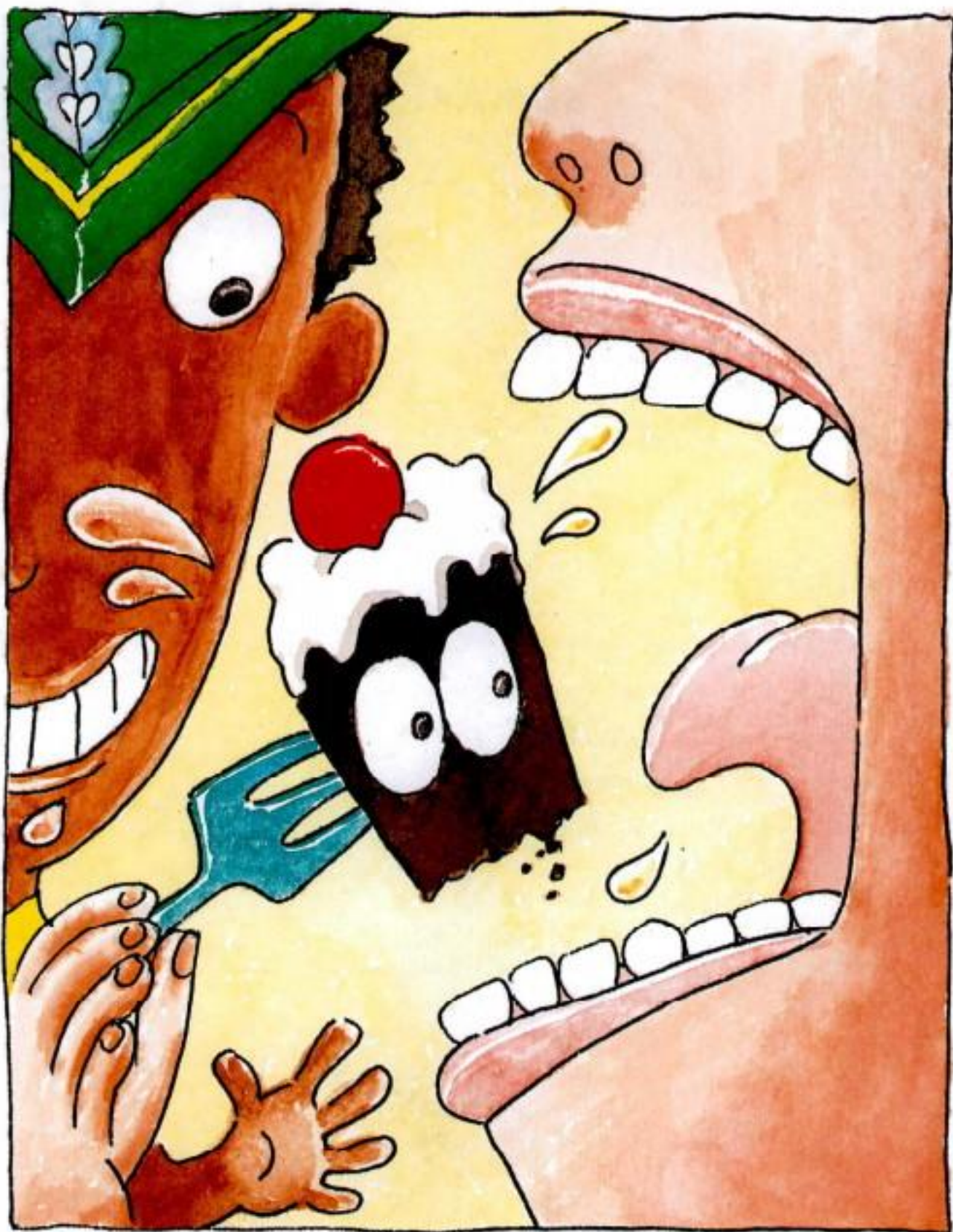


SUMÁRIO



Se eu fosse um cacau	61
Tive um sonho	65
Adivinhe se puder	66
O louco que subiu no poste	68
Trovinhas populares	70
O poema da borracha	72
O giz e o apagador	73
O rei que virou vaca	75
Ditados populares	77
Disparate	78
Receitas	79





SE EU FOSSE UM CACAU



Se eu fosse um cacau acho que ia viver molhado, seboso e, às vezes, morto de medo.

Tem gente que pensa que cacau é apelido de gente ou tinta branca de parede ou nome de cidade ou um tipo de dinheiro ou um monte de caco de vidro e até que cacau é plantação de caca e porcaria. Tem gente que confunde cacaueiro com cacareco, mas não é nada disso.

O cacau é uma frutinha que nasce no cacaueiro e serve para um monte de coisas.

Se alguém, por exemplo, pega o fruto do cacau e espreme, o cacau vira um suco muito gostoso. Se eu fosse cacau e me transformassem em suco eu ia ficar por aí todo molhado, dentro da geladeira, preso numa garrafa, matando a sede das pessoas.

Meu avô contou que, antigamente, existia um negócio chamado licor de cacau, um líquido com gosto amargo que era um vermífugo daqueles.

Se meu avô estiver certo e se, por acaso, eu fosse esse tal licor de cacau e aparcesse uma criança desanimada, magra, raquítica, cheia de vermes, sem vontade de brincar, sem força para jogar bola, eu todo dia seria obrigado a entrar numa colher de sopa para ser tomado por essa criança. Deve ser triste virar remédio, mas também ia ser uma beleza ver a cor, a alegria e a saúde da criança voltando aos poucos!

Outra coisa. Se eu fosse cacau e virasse manteiga de cacau para passar no lábio rachado por causa do frio, ia ser duro.

Já pensou ficar nos lábios de uma pessoa que come cebola, alho, repolho e rabanete e ainda por cima não escova os dentes?

Já pensou ficar nos lábios de algum barbudo bigodudo sendo espetado, sentindo cócegas, sentindo vontade de rir sem poder, porque manteiga de cacau não consegue rir de jeito nenhum?

Já pensou ficar nos lábios de gente que aprecia morder os próprios lábios?

Em compensação, já pensou ficar nos lábios da Juliana?

A Juliana é a pessoa mais linda, mais inteligente, mais fofa, mais cheirosa, mais divertida, mais charmosa, mais alegre e maravilhosa da classe e do colégio inteiro, da primeira à oitava série.

62

Se eu fosse manteiga de cacau, ia ficar lá no bem-bom beijando a Juliana a vida toda.

Uma coisa ia ser pior que terrível.

E se eu fosse um cacau e alguém tivesse a infeliz idéia de pegar minha semente, torrar e transformar em pó de fazer chocolate?

Se eu virasse chocolate minha vida ia ser a coisa mais perigosa, insegura, assustadora e arriscada da face da terra.

Pior que ser alpiste em terra de passarinho. Pior que ser minhoca em terra de peixe. Pior que ser presunto em terra de leão.

Acontece que os cientistas fizeram uma pesquisa de laboratório e de campo, entrevistaram mais de não sei quantas mil pessoas e descobriram que não existe na face da terra, nunca existiu, nem vai existir, uma única pessoa que não goste de comer chocolate.

Se eu fosse chocolate ia correr risco de vida o tempo inteiro.

Podia acabar como chocolate quente, numa xícara, tomado com torrada nos dias frios de inverno.

Podia acabar como bolo de aniversário, cheio de creme, com uma vela acesa enterrada na testa.



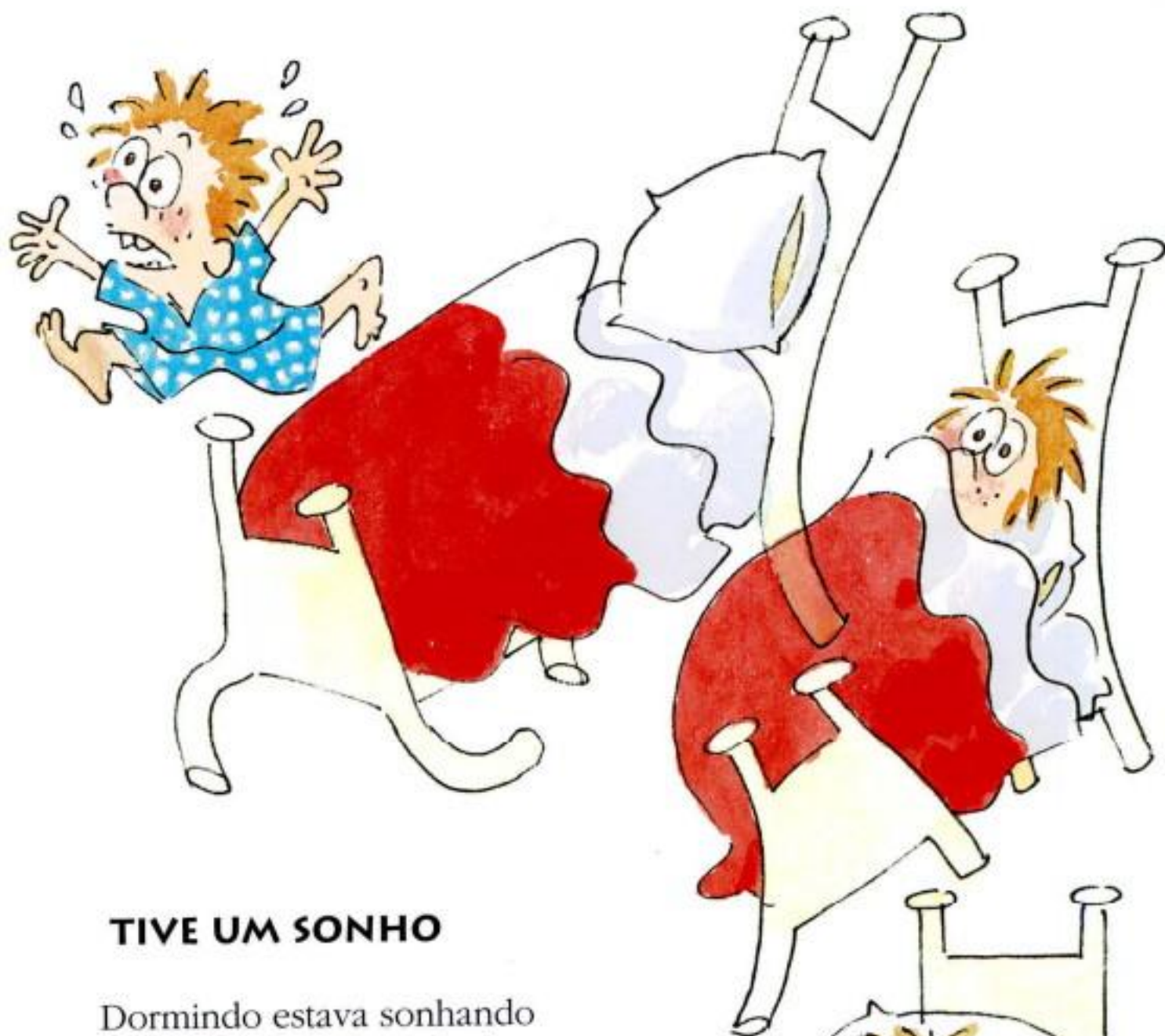
Podia acabar feito um bombom ou um tablete, chupado, lambido, mordido, mastigado, escangalhado e engolido.

Já pensou estar na prateleira da loja, empilhado calmamente, batendo papo com os amigos? Já pensou chegar, de surpresa,

uma mulher de cento e noventa e sete quilos? Já pensou sentir dois olhinhos gulosos escolhendo você? E cinco dedinhos gordos pegando você e abrindo? E uma boca imensa chegando perto, seu coração batendo assustado, a língua lambendo os beijos, aqueles dentes...

Se eu fosse tablete de chocolate e vivesse empilhado numa prateleira de supermercado, acho que nem estaria aqui para contar minha curta e triste história.





65

TIVE UM SONHO

Dormindo estava sonhando
Sonhei que tinha sonhado
No sonho estava dormindo
Sonhando estar acordado.





ADIVINHE SE PUDER

1. O que é, o que é?
Costuma ser bem difícil
De vez em quando se aprende
Às vezes é impossível
Às vezes ninguém entende?



2. O que é, o que é?
Adora filme e novela
Vira e mexe diz besteira
Fala feito uma matraca
Mas é boa companheira?



3. O que é, o que é?
Muita gente mata a bola
Só dois agarram com a mão
Tem meia-lua, chaleira
Carrinho, chapéu, chutão?



4. O que é, o que é?
Às vezes traz más notícias
Às vezes é lindo olhar
Preocupa quando não chega
Preocupa mais ao chegar?



6. O que é, o que é?
Brilha mas não é jóia
Bóia redonda e nua
Cresce e desaparece
Durante a noite flutua?



5. O que é, o que é?
Seu botão ninguém aperta
Seu perfume ninguém vende
Sua cor não é pintura
Sua beleza surpreende?



7. O que é, o que é?
Duas bolas coloridas
Carregam um brilho profundo
São feito duas janelas
Mostrando a vida e o mundo?



O LOUCO QUE SUBIU NO POSTE

Um dia, num hospício, um louco saiu correndo e subiu num poste de luz elétrica. Ficou lá em cima feliz da vida olhando a paisagem, conversando com os passarinhos, fingindo que ia cair. O vigia do hospício veio gritando:

- Desce daí.
- Não desço.
- Desce daí.
- Não desço.



- Olha que você cai e se esborracha no chão. Desce daí senão eu subo aí e te pego!

O louco soltou um cuspe que foi cair bem na testa do vigia. O vigia chamou o médico. O médico veio gritando:

– Desce daí.

– Não desço.

– Desce daí.

– Não desço.

– Olha que você cai e quebra a cabeça. Desce daí senão eu mando chamar a polícia.

O louco tirou o sapato, deu um beijo e atirou na cabeça do médico. O médico chamou o diretor do hospício. O diretor veio gritando:

– Desce daí.

– Não desço.

– Desce daí.

– Não desço.

– Olha que você pode levar um choque. Desce daí ou eu mando chamar o exército.

O louco abaixou as calças e fez xixi na careca do diretor.

Quando ninguém mais sabia o que fazer, alguém disse:

– Faço ele descer de lá na hora que eu quiser.

Era outro louco.

Ninguém acreditou no sujeito, mas resolveram deixá-lo tentar. O louco chegou perto do poste, olhou para cima e gritou:

– Desce daí.

– Não desço.

– Desce daí.

– Não desço.

– Ah é? Então espera que você vai ver uma coisa.

Tirou um canivete do bolso da camisa e começou a serrar o poste.

Foi quando o outro berrou lá de cima:

– Não, isso não! Não, pelo amor de Deus, tudo menos isso!

E desceu do poste correndo.



TROVINHAS POPULARES

Ô seu moço inteligente
Faça o favor de dizer
Vinte cinco par de gatos
Quantas unhas podem ter?



Entrei num raio de sol
Saí num raio de lua
Vinte e cinco par de gatos
Certamente têm mil unhas.



Pintor que pintou Ana
Também pintou Leonor
Se Ana saiu formosa
Que culpa tem o pintor?



Quem corre nem sempre alcança
Nem vence por madrugar
Quem quiser chegar a tempo
Ande firme e devagar.



Eu fui lá não sei aonde
Visitar não sei nem quem
Saí assim não sei como
Morrendo não sei por quem.



Quem tem asa não avôa
Quem não tem quer avoar
Quem tem razão não se queixa
Quem não tem quer se queixar.



Cresce a lua, cresce o mar
Cresce a planta, cresce a flor
Só não cresce no teu peito
A raiz do meu amor.



Fui pro mar colher laranja
Fruta que no mar não tem
Saí de lá todo molhado
Das ondas que vão e vêm.

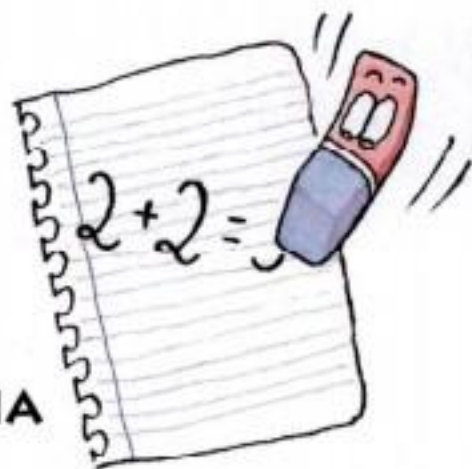
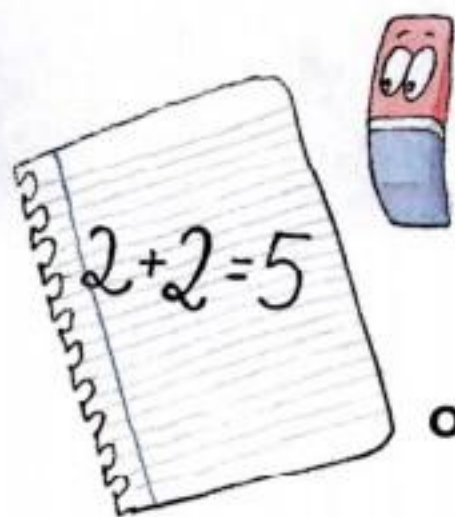


O gosto não tem princípio
Às vezes não tem de quê
Gosto de ti porque gosto
Sem mesmo saber por quê.



Eu subi na laranjeira
Para ver se te enxergava
Cada folha que caía
Era um suspiro que eu dava.

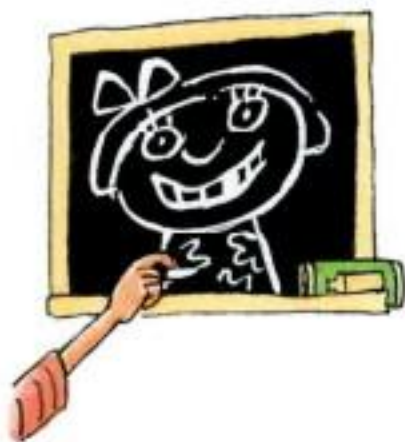




O POEMA DA BORRACHA

Apaga a burrada aqui
E a besteira que alguém disse
Assim caminha a borracha
Lutando contra a burrice

Curando a palavra errada
Abrindo espaço pro certo
Passando o desenho a limpo
Tirando o erro de perto.



O GIZ E O APAGADOR

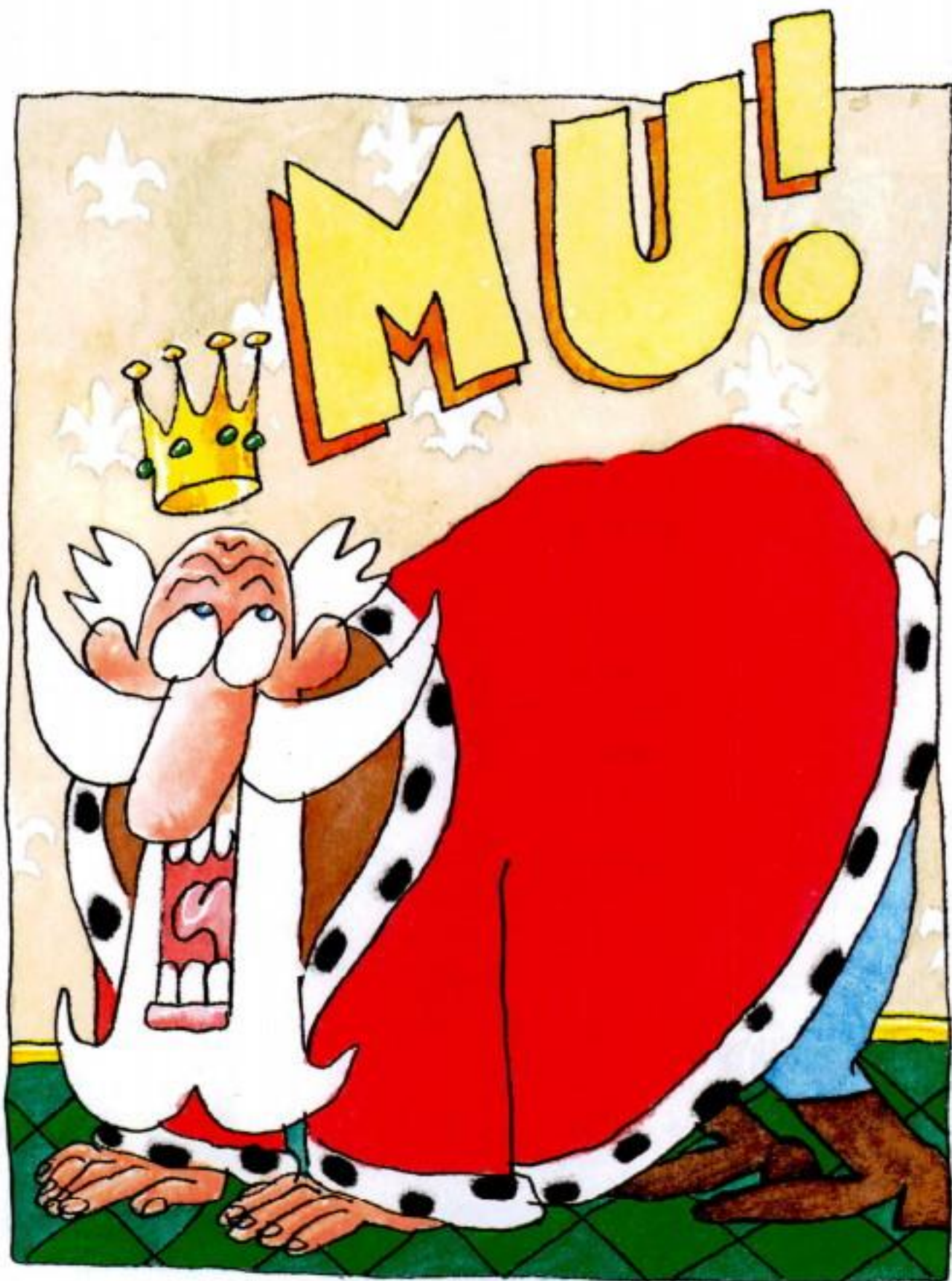


Amigos inseparáveis
Lá vão esses dois vivendo
Feito dois atrapalhados
Refazendo e desfazendo

Quando um chega o outro vai
Quando um volta o outro parte
Um escreve caprichado
Outro apaga descuidado

Destruindo e construindo
Matando o que o outro fez
La vão esses dois comparsas
Recomeçando outra vez.





O REI QUE VIROU VACA *versão de um conto popular*



Certa vez um rei convocou os nobres da corte e declarou que era uma vaca. Os nobres ficaram assustados. O soberano disse mais: desejava ser morto e ter sua carne cortada e distribuída ao povo.

Achando que o rei havia enlouquecido, os nobres convidaram os principais médicos do reino. Remédios e ungüentos foram experimentados, mas infelizmente sem nenhum resultado.

Enquanto isso o monarca piorava. Mugia o dia inteiro. Sujava o chão do palácio. De vez em quando saía galopando, dando coices e cabeçadas.

Passado um tempo, o rei chamou novamente seus principais nobres e ministros. Parecia contrariado. Esbravejou. Disse que, porque suas ordens não haviam sido cumpridas, a partir daquele dia não iria comer mais nada.

Uma nuvem negra pousou no futuro do reino. O povo, angustiado, acompanhava o drama de seu querido rei, cada vez mais magro, fraco e abatido.

Um dia, um famoso cientista apareceu no reino. Diziam que era um grande médico. Diziam que era um filósofo capaz de lidar com os mais intrincados segredos da alma humana.

O sábio foi ao palácio examinar o rei. Deitado na cama, o monarca repetiu ao médico a sua loucura. Mugiu. Confirmou que era uma vaca. Confirmou que seu único desejo era ser morto, cortado e ter sua carne distribuída ao povo.

Coçando as longas barbas, o sábio declarou que o rei tinha razão. Ordens reais eram leis que precisavam ser cumpridas imediatamente. Em seguida, abrindo a porta, chamou o açougueiro.

Um homem imenso, vestido de branco, entrou no quarto com uma faca na mão. Perguntou onde estava a tal vaca.

– Estou aqui! – gemeu o soberano exultante, com os olhos alegres da loucura.

O açougueiro aproximou-se da cama. Levantou, cuidadoso, a perna fina e branca do monarca. Balançou a cabeça decepcionado. Aquela vaca estava magra demais. De que adiantava matar um animal que era só pele e osso? Cortar o quê? Distribuir o quê?

– Primeiro – aconselhou ele – é necessário que essa vaca aprenda a se cuidar, a comer, dormir direito e caminhar pelas montanhas, até ficar forte, alegre e cheia de saúde.

Dizendo que só voltaria quando a vaca estivesse no ponto certo, o açougueiro guardou a faca e foi embora.

A partir desse dia, o rei decidiu alimentar-se de novo. Aos poucos foi engordando, começou a fazer caminhadas, as cores voltaram a brilhar em seu rosto, ficou forte e até acabou esquecendo que um dia havia sido vaca.

Governou ainda por muitos e muitos anos, para alegria e encanto de todos.



DITADOS POPULARES



Em terra de sapo,
mosca não dá rasante.



Mais vale um ovo hoje do
que uma galinha amanhã.



Quem compra o que não pode,
vende o que não quer.



Não há bem que sempre dure
nem mal que nunca acabe.



Quem canta de graça é galo.



Quem gosta sempre volta.

DISPARATE



1. Quem é ele?  Diga o nome de alguém conhecido.
2. Quem é ela? Diga o nome de  alguém conhecido.
3. Como  ele estava? Imagine como.
4. Como ela estava? Imagine  como.
5. Onde eles estavam?  Imagine um lugar.
6. Quem  chegou? Diga o nome de alguém conhecido.
7. O que ele disse? Blá, blá,  blá.
8. O que ela disse?  Blá, blá, blá.
9. O que  disse o último que chegou? Blá, blá, blá.
10. O que ele fez? Imagine o  quê.
11. O que ela fez?  Imagine o quê.
12. O que fez o último que chegou? Imagine  o quê.
13. O  que aconteceu com ele? Imagine o quê.
14. O que aconteceu com ela?  Imagine o quê.
15. O que  aconteceu com o último que chegou? Imagine o quê.

O disparate é um jogo de inventar histórias. Junta-se um grupo de pessoas, uma tira comprida de papel e um lápis. Cada pessoa tem que responder a uma série de perguntas (veja o exemplo acima). Dependendo do número de participantes, podem ser feitas mais ou menos perguntas. Quem começa o jogo responde, por escrito, à primeira – quem era ele? –, depois dobra a tira de papel e passa para o segundo, que faz o mesmo, e assim por diante até completar todas as perguntas. Após cada resposta escrita, o papel deve ser bem dobrado. Ninguém pode saber o que o outro escreveu. No fim, alguém desdobra a tira inteira e lê em voz alta a história maluca que se formou.

RECEITAS

BOLO DE BANANA

- 1 copo de óleo de soja
- 2 xícaras de açúcar
- 2 xícaras de farinha de trigo
- 2 bananas-nanicas grandes ou 3 pequenas
- 3 ovos
- 1 colher grande de fermento em pó para bolo
- 1 colher de chá de canela em pó na massa
(mais um pouco de canela com açúcar para enfeitar)

Vá juntando um ingrediente por vez no liquidificador (por último a farinha e o fermento), bata bem. Ligue o forno. Unte uma fôrma redonda com óleo, depois polvilhe com açúcar. Despeje a massa na fôrma e leve ao forno médio já aquecido. Asse durante uns 55 minutos. Espete com um palito de madeira, se sair seco é que o bolo já está pronto. Tire do forno com cuidado. Espere esfriar e desenforme sobre um prato. Ponha por cima um pouco de açúcar misturado com canela em pó. Está pronto!

79



PÃOZINHO DE QUEIJO

- 1 xícara de óleo
- 1 xícara de leite
- 2 xícaras de polvilho azedo
- 2 ovos
- 1 colher de chá de sal
- 4 colheres de sopa bem cheias de queijo ralado

Bater tudo no liquidificador e despejar em forminhas de empada sem untar. Leve ao forno médio por 20/25 minutos.



N.E. - As *Trovinhas populares* foram pinçadas do material recolhido pelos folcloristas Luís da Câmara Cascudo, Gumercindo Saraiva e Afrânio Peixoto.

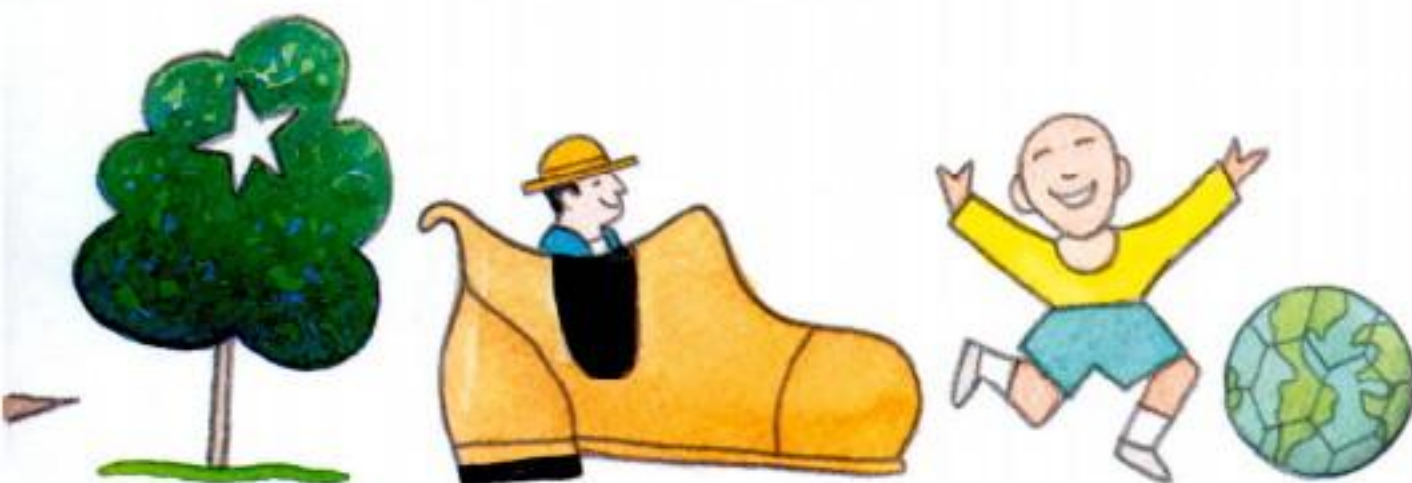
NÃO TENHO MEDO DE HOMEM, NEM DO RONCO QUE ELE TEM!



Ilustrações de
Ricardo Azevedo

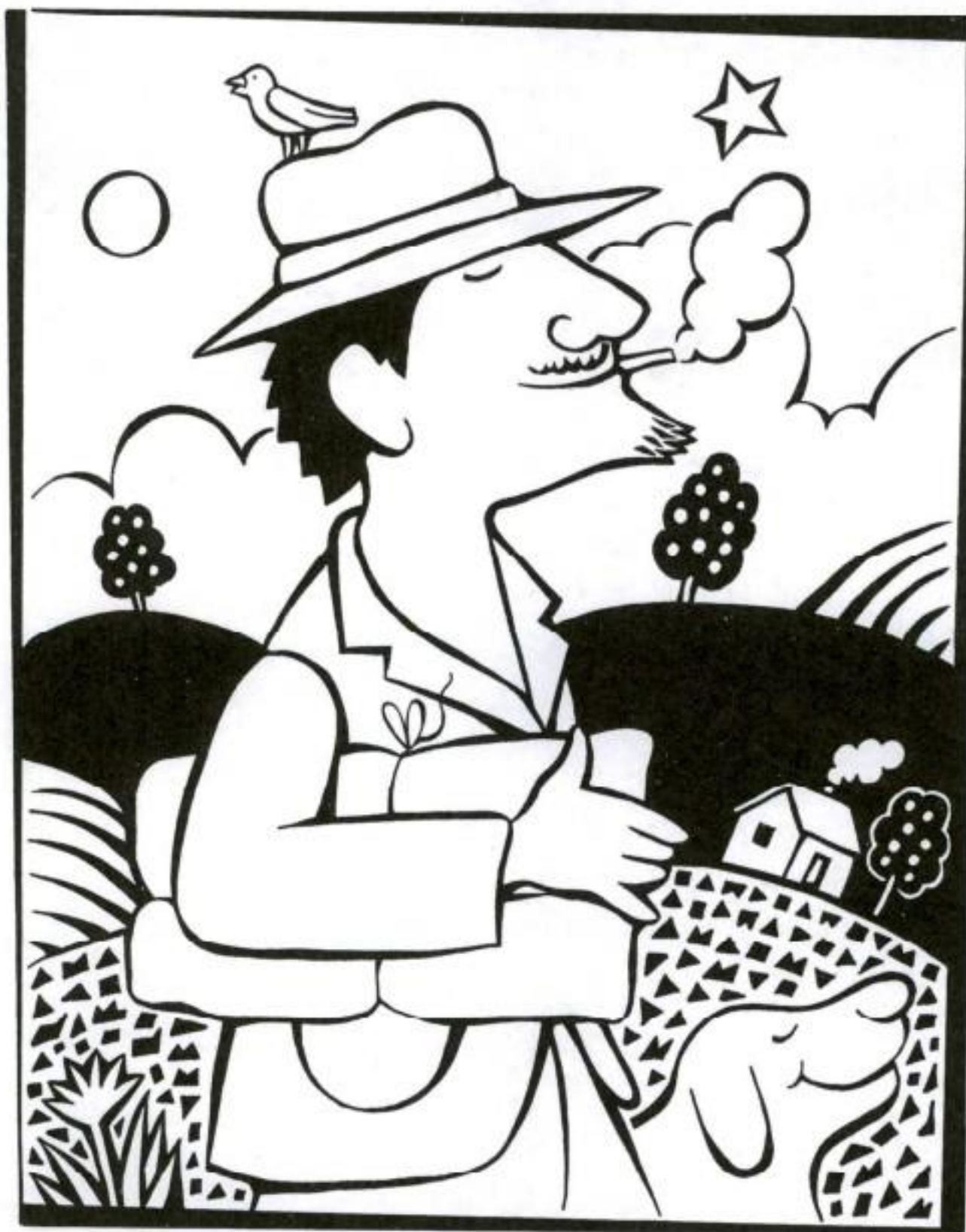


SUMÁRIO



O caso do espelho	85
Adivinhe se puder	87
A festa do Zé Valente	89
Trovinhas populares	94
A conta maluca	95
Trocadilhos	96
Ditados populares	97
Voltando da escola pra casa	99
Vamos inventar uma história de aventura?	102
Receitas	103







O CASO DO ESPELHO

versão de um conto popular



Era um homem que não sabia quase nada. Morava longe, numa casinha de sapé esquecida nos cafundós da mata.

Um dia, precisando ir à cidade, passou em frente a uma loja e viu um espelho pendurado do lado de fora.

O homem abriu a boca. Apertou os olhos. Depois gritou, com o espelho nas mãos:

– Mas o que é que o retrato do meu pai está fazendo aqui?

– Isso é um espelho – explicou o dono da loja.

– Não sei se é espelho ou se não é, só sei que é o retrato do meu pai.

Os olhos do homem ficaram molhados.

– O senhor... conheceu meu falecido pai? – perguntou ele ao comerciante.

O dono da loja sorriu. Explicou de novo. Aquilo era só um espelho comum, desses de vidro e moldura de madeira.

– É não! – respondeu o outro. – Isso é o retrato do meu pai. É ele sim! Olha esse rosto. Olha a testa. E o cabelo? E o nariz? E aquele sorriso meio sem jeito?

O homem quis saber o preço. O comerciante sacudiu os ombros, embrulhou e vendeu o espelho, baratinho.

Naquele dia, o homem que não sabia quase nada entrou em casa todo contente. Guardou, cuidadoso, o espelho embrulhado na gaveta da penteadeira.

A mulher ficou só olhando.

No outro dia, esperou o marido sair para o trabalho e correu até o quarto. Abrindo a penteadeira, desembulhou o espelho, olhou e deu um passo para trás. Fez o sinal-da-cruz tapando a boca com as mãos. Em seguida, guardou o espelho na gaveta e saiu andando e chorando.

– Ah, meu Deus! – gritava ela, desnorteada. – É o retrato de outra mulher! Meu marido não gosta mais de mim! A outra é linda demais! Que olhos bonitos! Que cabeleira solta! Que pele macia! A diaba é mil vezes mais bonita e mais moça do que eu!

Quando o homem voltou no fim do dia, encontrou a casa toda desarrumada. A mulher, chorando sentada no chão, não tinha feito nem comida.

– Que foi isso, mulher?

– Ah, seu traidor de uma figa! Quem é aquela jararaca lá no retrato?

– Retrato? – perguntou o marido.

– Aquele mesmo que você escondeu na gaveta da penteadeira!

O homem não estava entendendo nada.

– Mas aquilo é o retrato do meu pai!

Indignada, a mulher colocou as mãos no peito:

– Cachorro sem-vergonha, miserável! Pensa que eu não sei a diferença entre um velho lazarento e uma jibiraca safada horrorosa?

A discussão fervia feito água na chaleira.

– Velho lazarento coisa nenhuma! – gritou o homem ofendido.

A mãe da moça morava perto. Escutando a gritaria, veio ver o que estava acontecendo. Encontrou a filha soluçando feito criança que se perdeu e não consegue mais voltar.

– Que é isso, menina?

– Aquele cafajeste arranhou outra!

– Ela ficou maluca – berrou o homem, de cara amarrada.

– Ontem vi ele escondendo um pacote na gaveta lá no quarto, mãe! Hoje, depois que ele saiu, fui ver. Tá lá! É o retrato de outra mulher!

A boa senhora resolveu, ela mesma, verificar o tal retrato.

Entrando no quarto, abriu a gaveta, desembulhou o pacote e espiou. Arregalou os olhos. Olhou de novo. Soltou uma sonora gargalhada:

– Só se for o retrato da tataravó dele! A tal fulana é a coisa mais enrugada, feia, velha, encardida, cacarenta, murcha, arruinada, capenga, careca, caduca, torta e desdentada que eu já vi até hoje!

E completou feliz, abraçando a filha:

– Fica tranqüila. A bruaca do retrato já está com os dois pés na cova!



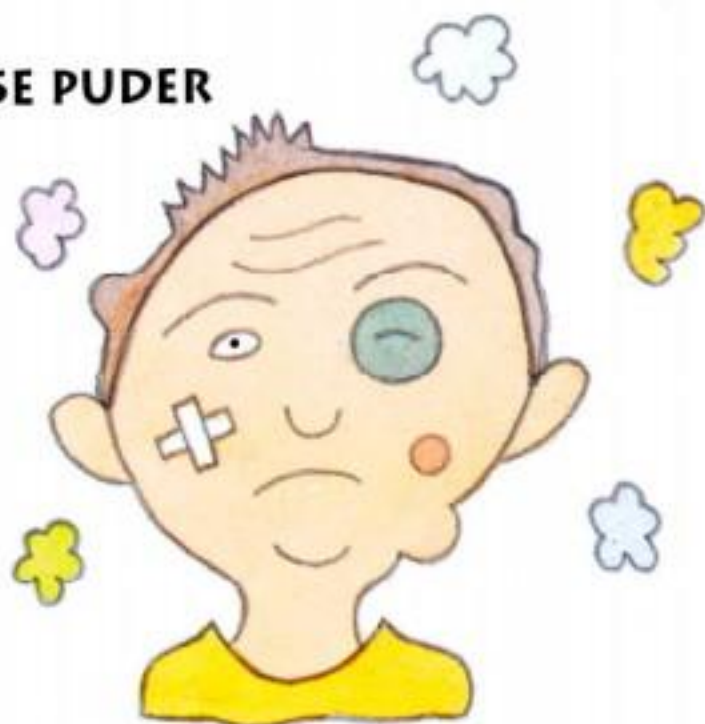
ADIVINHE SE PUDER



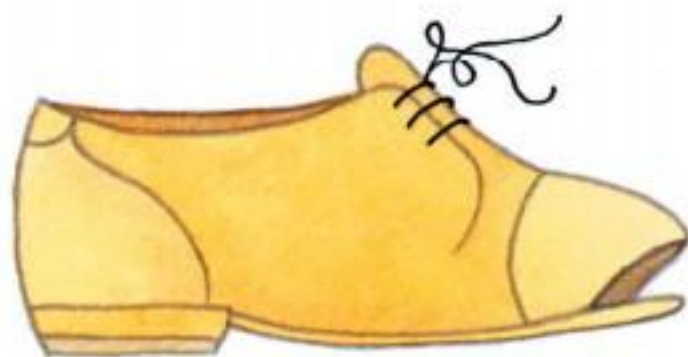
1. O que é, o que é?
Enche o mundo de fumaça
Faz mal a qualquer pessoa
Começa em ponta queimada
Nunca acaba em coisa boa?



3. O que é, o que é?
Feito um buraco no peito
Cheio de sonho e lembrança
Não tem cura, não tem jeito
Costuma ter esperança?



2. O que é, o que é?
Agarra, coça e atira
Escreve, pinta e inventa
Aperta, aponta e dá soco
Faz carinho e cumprimenta?

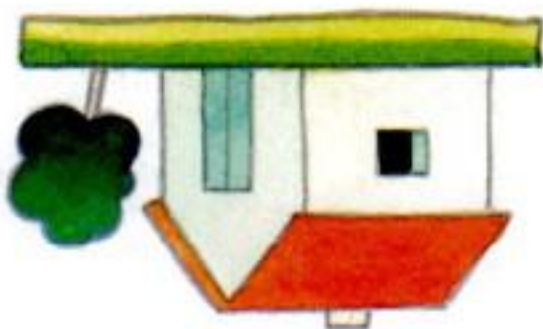


4. O que é, o que é?
Tem corda mas não amarra
Precisa muito da mão
É boa na melodia
É prima do violão?

5. O que é, o que é?
É uma bola viva
Cheia de luz e de cor
Tem terra, tem ar, tem água,
Pedra, gente, bicho e flor?



7. O que é, o que é?
Vestido todo de branco
Costuma ser enrolado
E dele só digo isso
Chega, vence e vai pro lixo?



9. O que é, o que é?
Sabe dar nó na cabeça
Engana e faz confusão
Diz uma coisa e é outra
Tem sempre uma solução?



6. O que é, o que é?
Faz a vida mais bonita
Deixa a pessoa encantada
Costuma chegar à noite
Pode tudo e não é nada?



8. O que é, o que é?
Avacalham com a terra
Escangalham com o mar
Esculacham nossa vida
E ainda esculhambam o ar?





A FESTA DO ZÉ VALENTE



No sítio do Zé Valente é tudo bem diferente. Papagaio dá aula na escola. Cachorro toma conta de salsicha. Gato pratica natação. Formiga canta e toca violão. Burro usa óculos para ler. Bicho preguiça entrega telegrama. Passarinho muge. Porco faz faxina. Borboleta bate continência. Macaco é religioso. Cavalo joga futebol. Vaca voa tanto que às vezes dá medo.

Quem anda no sítio do Zé Valente às vezes precisa sair correndo por causa de umas coisas moles, malcheirosas e quentes que caem enquanto as vacas revoam risonhas pelo céu.

Uma vez Zé Valente andava muito ocupado. Tinha que fazer não sei o quê para levar não sei onde. Tinha que buscar alguma coisa para deixar ali. Tinha que subir lá em cima para chegar lá embaixo. E o pior: só podia acabar tudo quando chegasse ao fim e começar só na hora do começo.

Era tanto serviço que Zé Valente decidiu ir passear na cidade.

Convidou seu ajudante João Ninguém, que estava sentado no alto da bananeira. João Ninguém agradeceu o convite, mas não foi.

– Se eu fosse alguém eu ia – explicou ele. – Mas como sou ninguém não posso ir porque ninguém não vai em lugar nenhum.

Zé Valente deu até-logo e foi embora.

– Volte às vezes – gritou João Ninguém.

Zé Valente chegou na cidade e foi até a venda. Perguntou se tinha semente de milho.

O dono da venda disse que tinha.

Zé Valente respondeu que não queria. Perguntou se tinha semente de laranja.

O dono da venda disse que tinha.

Zé Valente respondeu que não queria. Perguntou se tinha semente de trigo.

O dono da venda disse que tinha.

Zé Valente respondeu que não queria. Perguntou se tinha semente de utopim.

O dono da venda nunca tinha ouvido falar nisso.

– Uto o quê?

– Pim – respondeu o Zé.

– Mas não é aipim?

– Não.

– Mas não é alecrim?

– Não.

– Mas não é amendoim?

– Não.

– Mas não é capim?

– Não – respondeu Zé.

O dono da venda ainda perguntou se não era carambolim, gergelim, jasmim, pau-marfim, xaxim e até bandolim, coisa-ruim, cupim, pirlimpimpim, pudim, querubim, talharim, tinta nanquim e tudo quanto era coisa terminando em “im”.

– Nada disso – insistiu Zé Valente. – Eu quero é semente de utopim!

– Mas utopim é o quê? – quis saber o outro.

Zé Valente admirou-se:

– Qué qué isso? Um dono de venda, um comerciante, um homem de negócios e não sabe nem o que é utopim?

O sujeito não sabia.

– O milho não serve pra fazer pipoca? – perguntou o Zé.

– Serve.

– A laranja não serve pra fazer suco?

– Serve.

– O trigo não serve pra fazer pão?

– Serve.

– Então! – concluiu Zé Valente.

– Então o quê? – perguntou o dono da venda.

Só que Zé Valente estava com pressa:



– Cadê a semente de utopim?
– Utopim infelizmente a gente não tem – respondeu o dono da venda.

– Ainda bem, porque no meu sítio tem um monte!

O dono da venda coçou a cabeça...

– Mas, afinal, que tipo de coisa é esse tal de utopim? – perguntou ele, que já estava ficando curioso. – É verdura? É cereal? É legume? É hortaliça? É tubérculo? É árvore? É arbusto? É fruta? É trepadeira?

Foi quando o Zé Valente pegou o telefone e discou um número.

– Alô, é do sítio? Quem está falando?



Uma voz respondeu do outro lado da linha:

– Não é ninguém. Sou eu.

– Eu quem?

– O João Ninguém.

Zé Valente ficou feliz.

– Era com você mesmo que eu precisava falar. Junte um monte de utopim que eu já vou já.

Zé Valente convidou o povo da cidade para comer bolo de utopim no sítio dele.

Chegando lá, o Zé teve outra idéia:

– Vamos fazer uma festa junina?

– Mas não é época – lembrou alguém.

– Melhor ainda! – respondeu Zé Valente.

E fizeram festa de São João com fogueira, balão, buscapé, quadrilha, paçoca, quentão, doce de coco, pé-de-moleque, pipoca e pamonha.

Depois cada um fez uma fantasia e saiu brincando de Carnaval. E brincaram de festa de Natal com árvore enfeitada e Papai Noel. E brincaram de Páscoa com coelho, ovo de chocolate e tudo. No fim, todo mundo caiu no forró.

Antes de o pessoal ir embora, Zé Valente perguntou:

– Quem faz aniversário hoje, levanta a mão!

– Ninguém – respondeu alguém.

– Ótimo – exclamou Zé Valente. – Então o bolo vai ser para todos!

– Nada disso! – disse João Ninguém. E completou feliz da vida: – Como ninguém faz aniversário hoje, a festa vai ser só minha.

– Não vai não! – gritou alguém.

– Sim vai sim! – respondeu Ninguém.

Para acabar com a discussão, ficou combinado que o bolo de aniversário ia ser de todo mundo, mas só João podia assoprar as velas.

Zé Valente foi à cozinha preparar o bolo de utopim.

Foi o bolo mais gostoso, saboroso, delicioso e maravilhoso que jamais alguém havia provado.

Seu gosto era uma mistura de sonho com luz, festa e poesia. Tinha perfume de horizonte, arco-íris, semente, sombra, água fresca, flor e fruta boa. Seu recheio era brincadeira, imaginação, amor, paixão, trabalho, inteligência e alegria. Sua massa tinha de tudo: entusiasmo, fantasia, carinho, otimismo, paciência, encantamento, confiança, magia, vontade, bom humor e, principalmente, esperança.

Aquele dia todo mundo voltou para casa bem alimentado.



TROVINHAS POPULARES

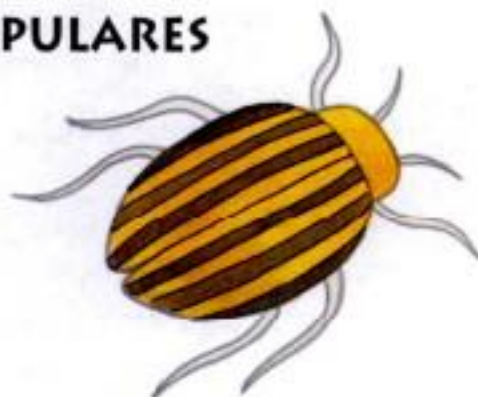
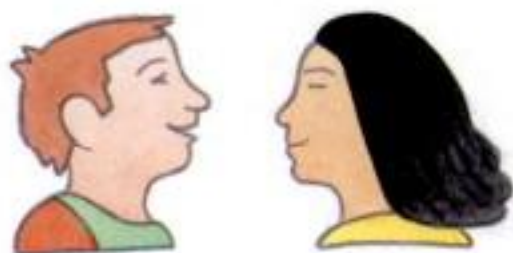
Não tenho medo de homem
Nem do ronco que ele tem
O besouro também ronca
Vai se ver não é ninguém.



As idades neste mundo
Têm os quinhões desiguais
Moço pode mas não sabe
Velho quer não pode mais.



Eu queria, ela queria
Eu pedia, ela negava
Eu chegava, ela fugia
Eu fugia, ela chorava.



Quando eu vim da minha terra
Muita moça me chorou
Eu também chorei um pouco
Por uma que lá ficou.



Na hora de namorar
Escute o que for melhor
Um é pouco, dois é bom
Três é ruim, quatro é pior.



Eu te vi e tu me viste
Tu me amaste e eu te amei
Qual de nós amou primeiro
Nem tu sabes, nem eu sei.



Era uma vez um hospício que estava com a lotação esgotada. Não havia mais quarto para tanta gente. Como era preciso diminuir o número de pacientes, os médicos resolveram fazer um exame para descobrir quem era menos louco. Os que passassem no teste seriam mandados de volta para casa. O tal exame consistia numa pergunta bem simples: qual o resultado da conta dois vezes dois.

Os médicos começaram a chamar os loucos, um de cada vez.

– Quanto é dois vezes dois? – perguntou um dos médicos.

– É trezentos e setenta e cinco milhões – respondeu o primeiro louco, depois de fazer mil contas complicadas no ar.

Mandaram chamar o seguinte.

– Quanto é dois vezes dois?

– É 12 horas, 27 minutos e 32 segundos – explicou o segundo, com um relógio preso em volta do pescoço.

– Quanto é dois vezes dois? – perguntaram ao terceiro.

– É 35 metros – respondeu o sujeito, depois de medir a si mesmo com uma régua.

Os médicos já estavam desanimados quando apareceu o quarto louco.

Chegou sério, de pijama listado, cumprimentou a todos e sentou-se numa cadeira.

– Quanto é dois vezes dois? – perguntou o doutor.

O louco puxou um papel e um lápis e calculou. Depois respondeu confiante:

– É 4!

Os médicos bateram palmas admirados. Até que enfim alguém que podia sair do hospital. Pelo sim, pelo não, resolveram conversar mais um pouco com o sujeito.

– Mas, afinal, como você chegou ao resultado? – perguntou um dos médicos.

– Foi fácil – respondeu o louco. – Dividi trezentos e setenta e cinco milhões por 12 horas, 27 minutos e 32 segundos e descontei os 35 metros!

TROCADILHOS

a

Dito e feito e digo e deito



Pouca fé e pôr café



Abacaxi e abaixa aqui

u



Bife à milanesa e bife ali na mesa



A porca ria e a porcária

e



Vou-me já e vou mijar

i



Filha única e fila única



DITADOS POPULARES



Quem senta na garupa
não pega na rédea



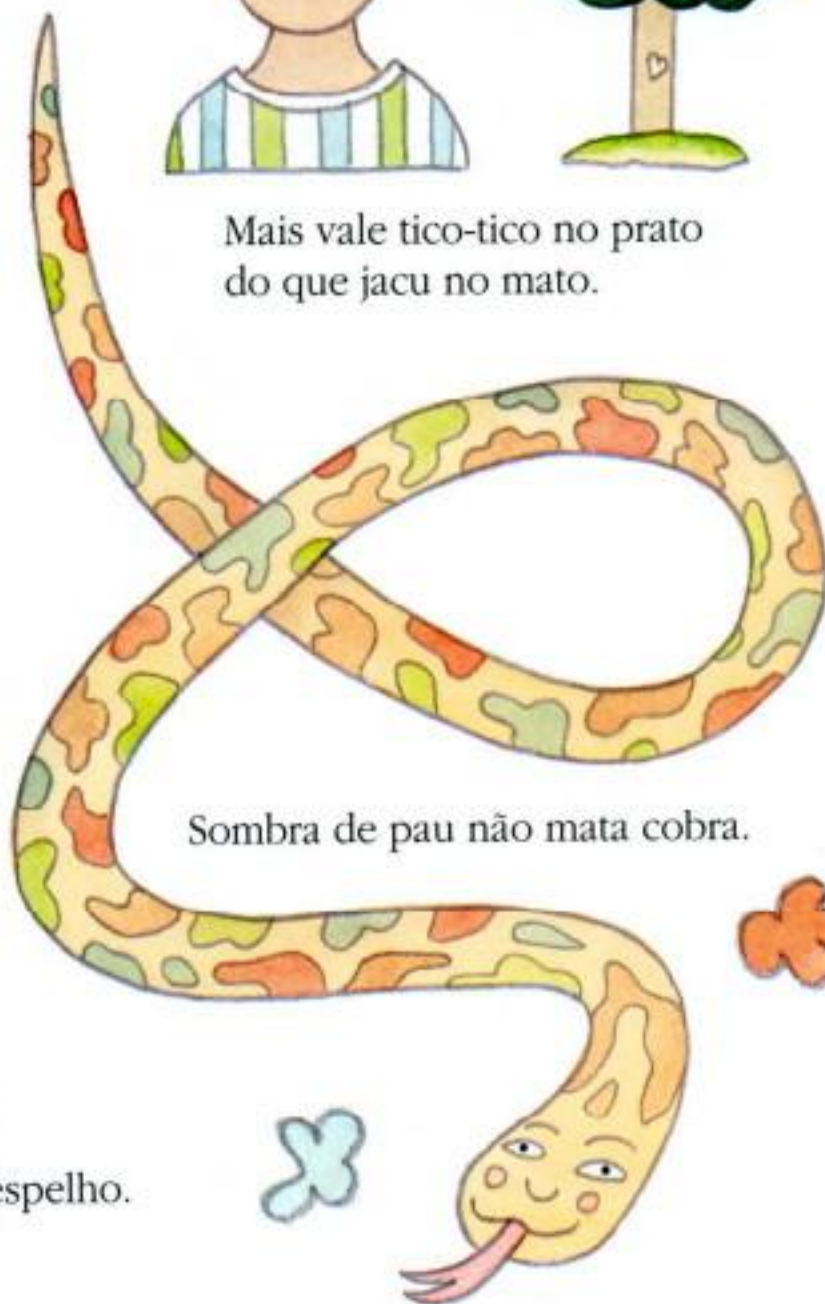
Quando a esmola é grande,
o santo desconfia.



Quem tira retrato de graça é espelho.



Mais vale tico-tico no prato
do que jacu no mato.



Sombra de pau não mata cobra.





VOLTANDO DA ESCOLA PRA CASA



O menino voltava da escola para casa chutando as pedras do caminho, pensando e resmungando. A vida para ele era uma coisa todo o dia igual. Acordava, levantava, trocava de roupa, comia, escovava dente, ia à escola, voltava para casa, comia, fazia lição, brincava, tomava banho, jantava, dormia, acordava, levantava... Agora, por exemplo, ele estava na hora de voltar para casa. Dali a pouco chegava a hora de comer, depois de fazer lição, de brincar. Era todo dia tudo igual como havia sido ontem. E o pior é que no dia seguinte tudo seria igual outra vez.

O menino morava na roça. A estrada de volta era de terra batida. Lá ia ele andando e pensando quando escutou um barulhinho vindo de um terreno baldio. Parecia uma voz. Prestando mais atenção, talvez fosse uma espécie de gemido. O garoto espiou entre as folhagens. Havia um cachorro caído perto de uma pedra. O cachorro gemia e suspirava baixinho. De vez em quando, cobria o focinho com as patas. De repente, o animal gritou:

– Isso não podia ter acontecido!

Foi quase como um choque elétrico atravessando o peito do menino. O cabelo ficou duro feito arame, na nuca e na testa. Um cachorro falando? O moleque simplesmente virou o corpo e saiu voando. Correu um pouco, mas parou. Que besteira! Onde já se viu cachorro falar? O garoto riu de si mesmo. Já estava quase na quarta série. Sabia fazer contas. Sabia escrever e ler. Sabia até um pouco de ciência. É claro que alguém tinha passado ali perto, falado alguma coisa e ele, distraído, tinha feito confusão, pensando que a voz era do cachorro.

O menino voltou pelo caminho e, passando de novo perto do terreno baldio, resolveu dar uma olhadinha.

Agora o cachorro estava andando de um lado para o outro. De vez em quando, sentava, sacudia a cabeça e rosnava:

– Não, não e não!

Uma voz dentro da orelha dizia que era melhor desaparecer dali, mas a curiosidade foi maior.

Quase sem respirar, o garoto resolveu chegar mais perto. Tinha escutado “não, não, não”, mas podia ter escutado mal e aquilo ser apenas “au, au, au”.

Foi quando o cachorro encostou a testa no chão e batendo as duas patas dianteiras na terra soltou um latido inesperado:

– É a pior desgraça que podia ter acontecido em minha vida!

O menino sabia que era melhor fugir e esquecer aquela voz. Sabia que aquilo era impossível. Achou que talvez estivesse ficando doente da cabeça. Ao mesmo tempo, sentiu pena do cachorro. Era um animal não muito grande, de pêlo curto bege-claro e orelhas caídas, meio gordo, com o focinho grosso um pouco sujo de terra.

O cachorro soltou um uivo abafado.

Foi uma voz tão triste, tão sem esperança, que o moleque, sem pensar, tomou coragem, entrou no mato e perguntou se o cachorro estava precisando de alguma coisa.

Os olhos surpresos e amarelos do cachorro examinaram o menino de alto a baixo. Depois o bicho deitou e escondeu o rosto com as patas.

O garoto sentia dó e medo.

Sentou do lado do cachorro e, cuidadoso, acariciou sua cabeça peluda.

O bicho abanou o rabo. Depois ganiu baixinho e, deitando a cabeça na perna do menino, disse, meio latindo, meio falando:

– Se eu contar o que acabo de descobrir hoje, você não vai acreditar.

E o bicho começou a falar, quase como se estivesse falando consigo mesmo:

– Faz tempo, conheci uma cachorra muito bonita. Eu estava na rua, cheirando um poste e ela passou. Olhei para ela. Ela olhou para mim. Eu abanei o rabo. Ela abanou o rabo. Lati. Ela latiu de volta. A gente se cheirou inteirinho. Foi amor à primeira vista.

O garoto não conseguia nem fechar a boca nem piscar os olhos.

– No fim, a gente começou a sair junto, acabou namorando e casando. A cachorra era viúva e tinha uma filha já grandinha. Recebi e cuidei da cadelinha como se fosse minha própria filha.

O cachorro deu um longo e misterioso suspiro.

– Mas a vida é cheia de surpresas. Passaram-se uns dois anos. Um dia meu pai veio me visitar. Ele era viúvo também. Conheceu a cadelinha que agora era minha filha e ficou encantado. Os dois acabaram gostando um do outro, namorando e casando.

O menino olhava o cachorro, ouvia as palavras saindo de sua boca, olhava a sua mão passando na cabeça do animal e, mesmo assim, não conseguia acreditar. Beliscou a própria perna para ver se estava sonhando. Não estava.

– Sim – ganiu o cachorro. – O bicho que me botou no mundo casou com minha própria filha e, deste casamento, nasceu uma ninhada de três cachorrinhos que, ao mesmo tempo, são meus netos, pois são filhos de minha filha, e meus irmãos, pois são filhos do meu pai. Eu também tive três filhotinhos – explicou o cachorro olhando para o menino. – Meus filhinhos passaram a ser irmãos da minha madrasta, filha de minha mulher, portanto, além de meus filhos, são meus tios.

As lágrimas espirravam dos olhos amarelos do cachorro.

– Meu pai é casado com minha filha, portanto, minha madrasta é também minha filha. Por outro lado, sou pai do irmão do meu pai, logo, pai de meu próprio pai. E como o pai do pai desse alguém é avô desse alguém e eu sou pai de meu pai... – e aí o cachorro levantou-se colocando as duas patas no peito do menino e soltando um uivo – descobri que sou avô de mim mesmo!

O queixo do menino só não caía porque estava grudado na pele da bochecha.

O cachorro chorou ainda durante um bom tempo, abraçado com o garoto. Depois, com os olhos molhados, pediu desculpas, lambeu as mãos e o rosto do amigo e, com ar agradecido, despediu-se sumindo no matagal.

Aquele dia o menino chegou em casa mais tarde, beijou e abraçou a mãe, almoçou e foi para o quarto.

Deitado na cama, ficou só pensando e pensando. Como a vida pode ser uma coisa rica, complicada, inesperada, interessante, meio louca, bonita, espantosa e cheia de surpresas!



VAMOS INVENTAR UMA HISTÓRIA DE AVENTURA?

1. Invente o herói da história e o lugar onde ele mora.
2. Um dia, acontece alguma coisa muito errada. O quê?
3. O herói sente mil coisas.
4. O herói resolve partir para acabar com a coisa muito errada.
5. Ele sabe ou dizem que vai enfrentar muitos perigos. Quais?
6. Há até uma coisa proibida. O quê?
7. O herói parte e no caminho encontra falsos amigos, ou cai numa armadilha e coisas assim.
8. O herói recebe ajuda de alguém. Esse alguém dá ao herói um objeto, algum conselho, que irá ajudá-lo mais tarde.
9. O herói continua a viagem e chega num certo lugar.
10. O herói desrespeita a coisa proibida.
11. O herói encontra e luta com o inimigo (aquele que fez a coisa muito errada).
12. Graças ao conselho, ou ao instrumento, ganho anteriormente, o herói vence.
13. Enquanto isso um falso herói aparece e mente dizendo que matou o inimigo.
14. O herói volta e é maltratado, por exemplo, como mentiroso.
15. O herói enfrenta o falso herói e é reconhecido como o verdadeiro herói.
16. O falso herói recebe punição.
17. O herói recebe um prêmio.



Esse é um roteiro geral para você criar uma história de aventura. Pense bem nesses 17 pontos e comece a trabalhar. Se for necessário, corte ou imagine outras situações. Tente fazer a melhor história possível. Desenvolva cada ponto com fatos, idéias, detalhes e elementos inventados por você. Tomara que a história fique bem legal. Compare depois sua história com as criadas por seus colegas.

RECEITAS

BOLO DE LARANJA

Massa:

1/2 xícara de manteiga

2 xícaras de açúcar

2 1/2 xícaras de farinha

3 ovos (as claras separadas numa tigela, batidas em neve)

1 copo de suco de laranja e a casca ralada de 2 laranjas

1 colher de sopa de fermento em pó para bolos

Calda:

1 copo de suco de laranja

2 colheres de sopa de açúcar

2 colheres de chá de maisena

Misture bem numa tigela grande a manteiga e o açúcar. Junte as gemas e bata mais. Vá juntando o suco, a casca ralada, a farinha com o fermento e por último as claras em neve, sempre mexendo. Ligue o forno. Unte uma fôrma redonda de furo com manteiga, esfarinhe. Despeje a massa na fôrma e leve ao forno médio já aquecido. Deixe assar durante uns 55/60 minutos. Espete o bolo com um palito, se sair seco já está assado. Tire do forno e espere esfriar um pouco para tirar da fôrma. Enquanto espera prepare a calda: numa panelinha ponha a maisena e o açúcar, misture, dissolva aos poucos com o suco de laranja, leve ao fogo baixo mexendo com colher de pau até ferver e pronto. Desenforme o bolo e cubra com a calda.

103



BRIGADEIROS

1 lata de leite condensado

1 colher de sopa de manteiga

4 colheres de sopa de chocolate em pó

1 pacote de chocolate granulado para enrolar

Misture os três primeiros ingredientes em uma panela. Mexa com colher de pau, em fogo baixo, com cuidado para não deixar grudar. Deixe ferver e continue mexendo sempre até que, aos poucos, comece a engrossar. Quando perceber que a mistura parece estar descolando do fundo, está no ponto. Tire do fogo e espere esfriar. Com uma colher de chá, vá pegando pequenas quantidades do doce e enrolando na mão, untada de manteiga, formando bolinhas. Passe no chocolate granulado e ponha em forminhas.

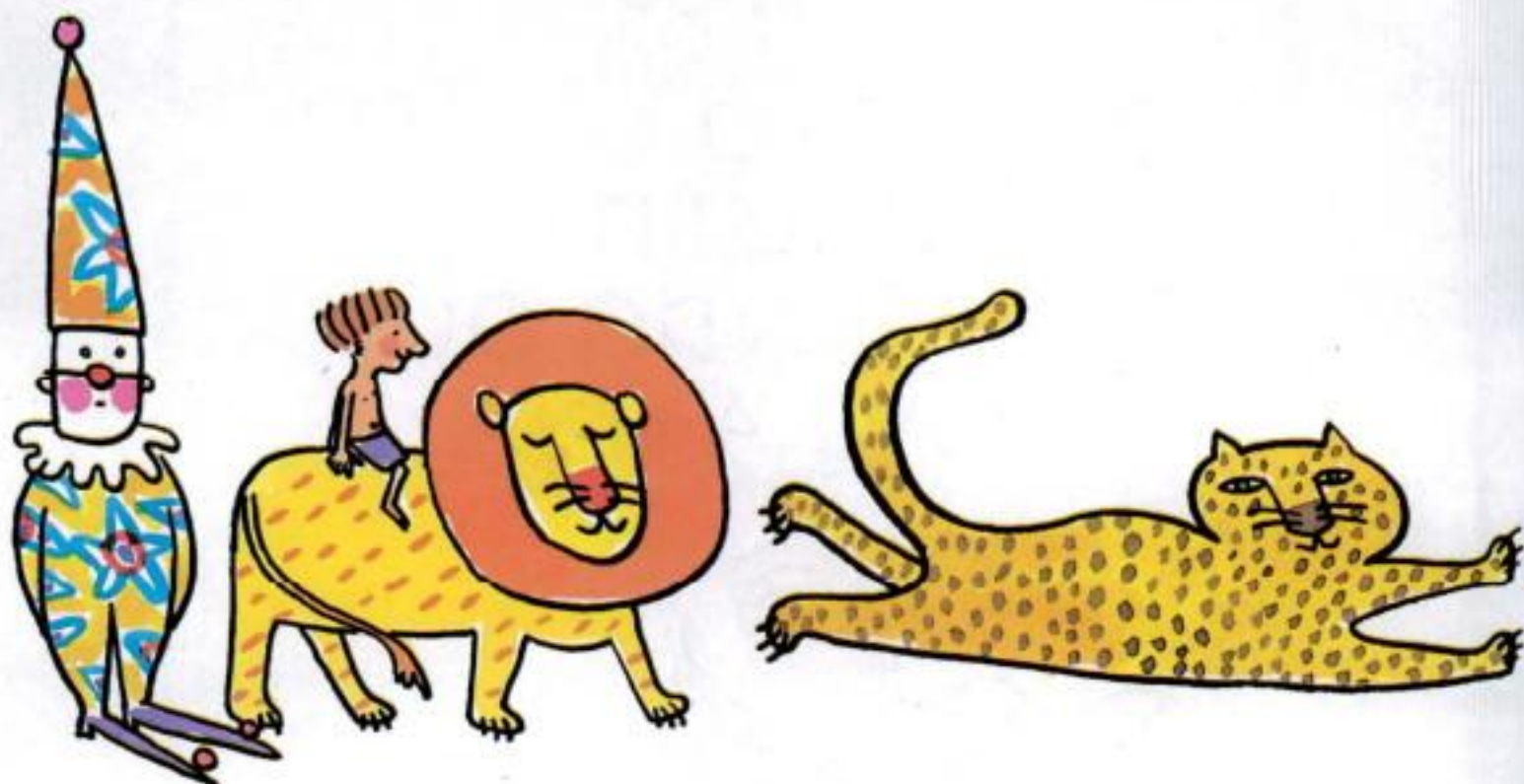


N.E. - As *Trovinhas populares* foram pinçadas do material recolhido pelos folcloristas Luís da Câmara Cascudo, Gumercindo Saraiva e Afrânio Peixoto.

ZÉ PEDRO COMEU PIMENTA PENSANDO QUE NÃO ARDIA!



Ilustrações de
Mariana Massarani



SUMÁRIO



Trovinhas populares	108
O macaco sapeca	111
No sítio do Zé Valente	115
Atirei um pau no gato	118
A onça, o tatu e a coruja	119
Brincadeira com as palavras	124
Poema da laranja	126
Receitas	127





TROVINHAS POPULARES

Zé Pedro comeu pimenta
Pensando que não ardia,
Agora Zé Pedro chora
Dia e noite, noite e dia.



Caranguejo não é peixe
Caranguejo peixe é,
Caranguejo só é peixe
Na enchente da maré.

Você diz que nunca viu
Laranjeira dar limão,
Pois na minha horta tem
Pepino dando feijão.



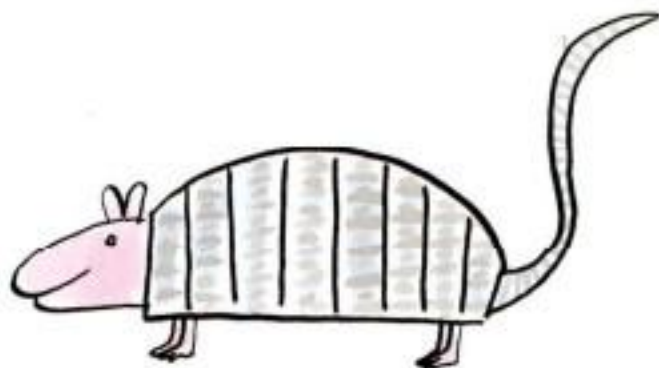
O cravo por ser poeta
Pedi à rosa um botão,
A rosa por ser ingrata
Jogou o cravo no chão.

Minha gente venha ver
Coisa que nunca se viu,
Cavalo guiando carro
Peixe andando de navio.



A pulga me deu um tapa
O piolho um bofetão,
Depois foram espalhar
Que me botaram no chão.

O tatu é homem pobre
Que não tem nada de seu,
Tem uma casaca velha
Que o defunto pai lhe deu.



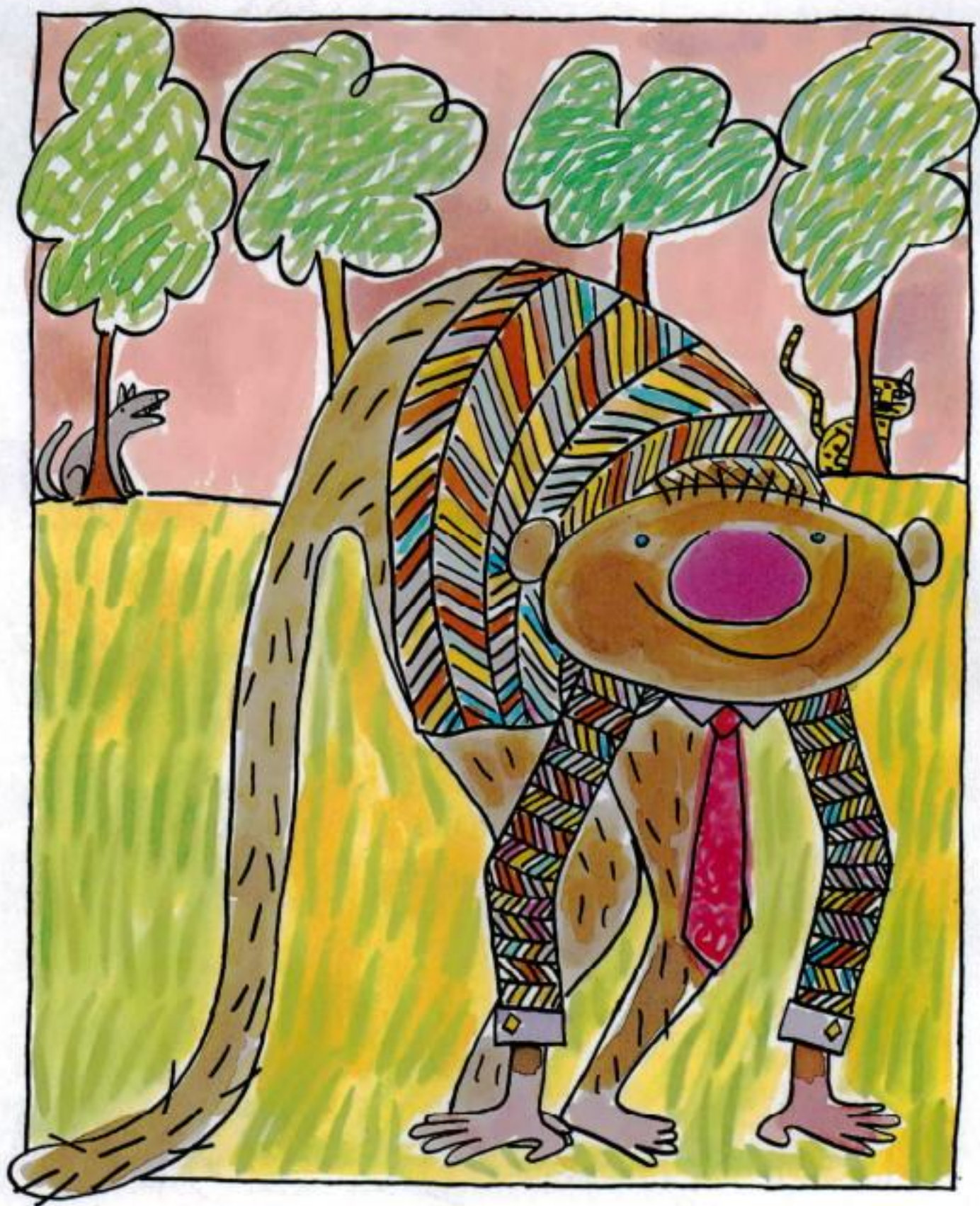
109



Eu ando em busca da dita
Mas a dita não aparece,
Quando eu desço a dita sobe
Quando eu subo a dita desce.

A minhoca é bicho feio
Tão feio que entrou no chão,
Você também é bem feio
E entrou em meu coração.







O MACACO SAPECA

versão de um conto popular



O macaco sapeca vivia andando para lá e para cá. Um dia encontrou um pedacinho de lã no chão, foi na costureira e mandou fazer um paletó com manga, bolso, botão, lapela e tudo.

Quando o paletó ficou pronto, o macaco olhou no espelho e se achou muito elegante. Teve até uma idéia:

– Agora sim! Vou pra cidade arranjar emprego!

E assim, vaidoso que nem só ele, o macaco pegou a estrada e foi embora.

Andou, andou, andou e no começo do caminho encontrou um cachorro-do-mato. O cachorro-do-mato disse:

– Espera aí macaco elegante que eu te pego e te mordo inteirinho!

O macaco respondeu:

– Não me morda não, que agora eu não posso.

– Não pode por quê?

– Estou indo pra cidade arranjar um empreginho. Quer vir comigo?

O cachorro-do-mato disse que sim. O macaco sapeca guardou o cachorro dentro da boca e foi embora.

Andou, andou, andou e quase no meio do caminho encontrou uma onça. A onça disse:

– Espera aí macaco elegante que eu te pego e te como inteirinho!

O macaco respondeu:

– Não me coma não, que agora eu não posso.

– Não pode por quê?

– Estou indo pra cidade arranjar um empreguinho.

Quer vir comigo?

A onça disse que sim. O macaco sapeca guardou a onça dentro da boca e foi embora.

Andou, andou, andou e no meio do caminho encontrou uma pedra pendurada no alto do morro. A pedra disse:

– Espere aí macaco elegante que eu te pego e te amasso inteirinho!

O macaco respondeu:

– Não me amasse não, que agora eu não posso.

– Não pode por quê?

– Estou indo pra cidade arranjar um empreguinho.

Quer vir comigo?

A pedra disse que sim. O macaco sapeca guardou a pedra dentro da boca e foi embora.

Andou, andou, andou e quase no fim do caminho encontrou um rio. O rio disse:

– Espere aí macaco elegante que eu te pego e te afogo inteirinho!

O macaco respondeu:

– Não me afogue não, que agora eu não posso.

– Não pode por quê?

– Estou indo pra cidade arranjar um empreguinho.

Quer vir comigo?

O rio disse que sim. O macaco guardou o rio dentro da boca e foi embora.

No fim, chegou à cidade e procurou o dono da loja. Encontrou o gerente tomando conta da porta.

– Cadê o dono da loja? – perguntou o macaco.

– Que é que você quer? – quis saber o gerente.

– Vim arranjar um empreguinho – respondeu o macaco.

O gerente achou graça:

– Ah é? – Agarrou o macaco pela orelha e o levou até o dono da loja.

Chegando lá, o macaco sapeca ajeitou o paletó e explicou de novo que queria um emprego.

O dono da loja achou graça e mandou o macaco para o galinheiro limpar sujeira de galinha.

Mas o macaco sapeca não gostou e chamou o cachorro-do-mato. O cachorro-do-mato saiu da boca do macaco e comeu tudo quanto foi galinha.

Quando o gerente viu, foi correndo avisar o dono da loja.

O dono da loja ficou bravo e mandou o macaco para o curral limpar sujeira de vaca.

Mas o macaco sapeca não gostou e chamou a onça. A onça saiu da boca do macaco e comeu tudo quanto foi vaca.

Quando o gerente viu, foi correndo avisar o dono da loja.

O dono da loja ficou mais bravo e mandou o macaco para a cadeia.

Mas o macaco sapeca não gostou e chamou a pedra. A pedra saiu da boca do macaco e quebrou tudo quanto foi grade.

Quando o gerente viu, foi correndo avisar o dono da loja.

O dono da loja ficou mais bravo ainda e disse:
– Agora chega!

Mandou cozinhar o macaco no forno da cozinha para comer com molho e farofa na hora do jantar.

O macaco sapeca não gostou e chamou o rio. O rio saiu da boca do macaco, apagou o fogo do forno e inundou a cidade inteira.

O gerente fugiu de barco para não morrer afogado.

O dono da loja desistiu, desanimou, chorou, arrancou os cabelos e, chamando o macaco, disse que dava um saco de dinheiro se ele jurasse que ia embora e nunca mais voltava.

O macaco sapeca jurou de pé junto, pegou o dinheiro, bateu continência e foi embora cantando:

*La la ri, la la ró
La la ró, la la reiro,
Fui sair de paletó
Voltei cheio de dinheiro!*

Com o dinheiro, o macaco sapeca namorou, noivou, construiu uma casinha, casou e teve dezessete macaquinhos.



NO SÍTIO DO ZÉ VALENTE



No sítio do Zé Valente
Cachorro fuma charuto
Jumento manda na escola
Papagaio anda de luto

115



No sítio do Zé Valente
Formiga nunca trabalha
Gato vive dentro d'água
Cigarra carrega palha

No sítio do Zé Valente
Pé de milho dá paçoca
Vaca dá doce de leite
Farinha vira mandioca

No sítio do Zé Valente
 Valentão foge de medo
 Medroso cria coragem
 Preguiçoso acorda cedo



No sítio do Zé Valente
 Automóvel come milho
 Avião janta farelo
 Trem anda fora do trilho



No sítio do Zé Valente
 Burro nunca se atrapalha
 Quem não sabe sempre acerta
 Sabe-tudo se escangalha

No sítio do Zé Valente
A certeza às vezes falha
A água não apaga o fogo
O fogo não queima a palha



No sítio do Zé Valente
O surdo leva recado
O cego vira vigia
O mudo fala um bocado

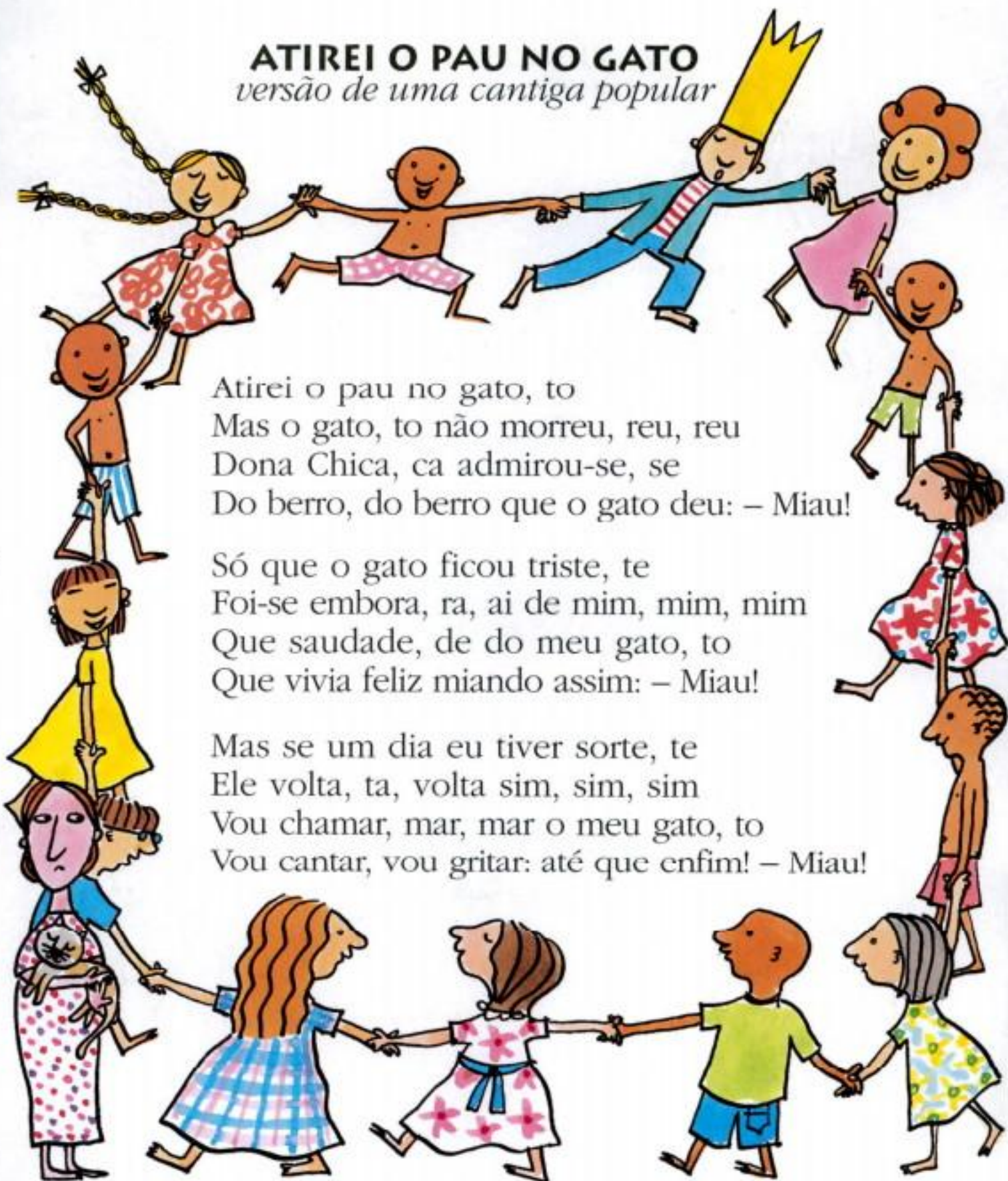
117



No sítio do Zé Valente
O impossível é verdade
Alegria é coisa séria
Sonho vira realidade!

ATIREI O PAU NO GATO

versão de uma cantiga popular



Atirei o pau no gato, to
Mas o gato, to não morreu, reu, reu
Dona Chica, ca admirou-se, se
Do berro, do berro que o gato deu: – Miau!

Só que o gato ficou triste, te
Foi-se embora, ra, ai de mim, mim, mim
Que saudade, de do meu gato, to
Que vivia feliz miando assim: – Miau!

Mas se um dia eu tiver sorte, te
Ele volta, ta, volta sim, sim, sim
Vou chamar, mar, mar o meu gato, to
Vou cantar, vou gritar: até que enfim! – Miau!



A ONÇA, O TATU E A CORUJA

versão de um conto popular



O tatu estava passeando no mato quando escutou alguém chorando. Quando foi ver, encontrou a onça atolada no lamaçal.

A onça gritou:

– Tatu, me acuda! Vim beber água e me atolei. Me ajude a sair dessa lameira, que sozinha eu não dou conta!

O tatu teve medo.

– Eu hein? – disse ele. – Não vou não, que depois você me come!

A onça fez cara espantada:

– Que é isso, amigo tatu? Onde já se viu? Você acha que eu ia ter coragem de comer justo um amigo numa hora de tamanha necessidade?

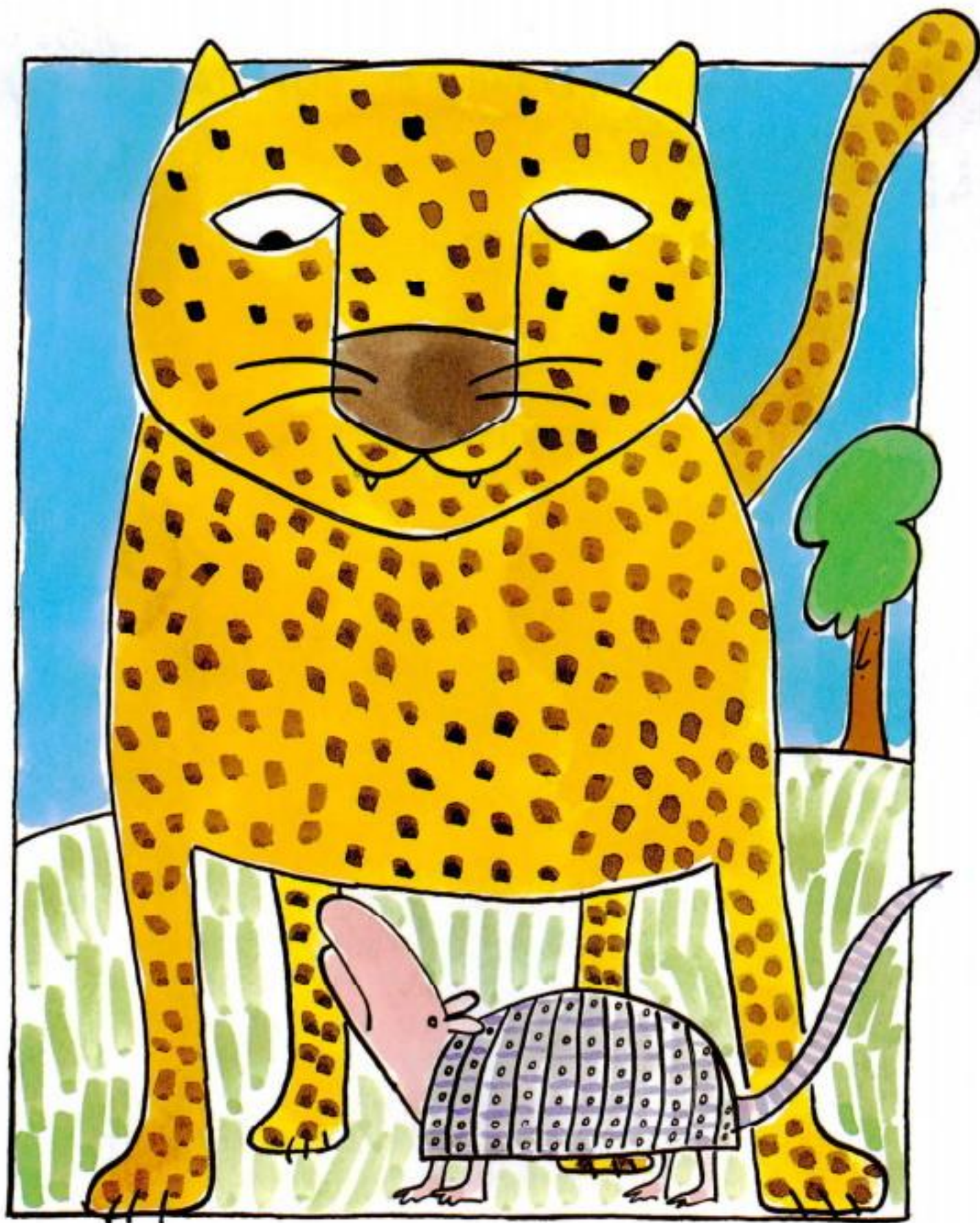
O tatu respondeu:

– Acho!

Foi quando os olhos da onça ficaram cheinhos de lágrima:

– Me acuda, querido tatu, que a coisa está preta e eu já estou mais pra lá do que pra cá. Me ajude, por favor, que eu sou mãe de família e tenho sete filhinhos pra cuidar!

Com pena da onça, o tatu correu, arranjou um pedaço de cipó, amarrou e puxou a bicha para fora. Livre da lameira, a onça deu um bote e pegou o tatu.



– Peço desculpas, caro amigo – disse ela –, mas fiquei um tempão presa no lamaçal e agora me deu uma fome danada!

Mas o tatu teve uma idéia. Disse à onça:

– Primeiro vamos sair pela mata e perguntar se isso é justo ou não é justo. Se for justo, você me come. Se for injusto, você me solta. Topa ou não topa?

A onça topou.

Lá foram os dois andando pelo mato. Encontraram uma árvore e explicaram o caso. A árvore balançou seus milhares e milhares de folhas.

– Ora, tatu – disse ela. – Isso não é nada! E eu? Logo, logo vou ser derrubada, cortada, virar lenha e morrer queimada no fogareiro!

A onça lambeu os beiços, mas o tatu disse que o certo era ouvir outra opinião.

Lá foram os dois andando pelo mato. Encontraram uma estrada de terra e explicaram o caso. A estrada suspirou levantando poeira:

– Ora, tatu – disse ela. – Isso não é nada! E eu? Os homens passam e cospem em cima de mim, os bichos fazem cocô na minha cara, as crianças jogam papel de bala, os carros passam tão pesados que quase me arrebentam e ainda me deixam cheia de buracos!

A onça lambeu os beiços, mas o tatu disse que o certo era ouvir mais uma opinião.

– Vai ser a última – avisou a onça, arreganhando os dentes.

Lã foram os dois andando pelo mato. Encontraram um boi e explicaram o caso. O boi soltou um mugido tristonho:

– Ora, tatu – disse ele. – Isso não é nada! E eu? Trabalhei a vida inteira puxando carroça e agora que fiquei velho e sem forças vou ser morto e cortado pra virar carne de churrasco!



A onça lambeu os beijos e já ia comendo o tatu quando apareceu uma coruja. A coruja viu o tatu chorando e quis saber o que estava acontecendo. A onça explicou o caso.

A coruja escutou tudo direitinho e disse:

– Acho melhor a gente ir até o lamaçal. Não estou conseguindo entender esse caso direito.

A onça e o tatu levaram a coruja até o lamaceiro. A onça explicou tudo de novo.

A coruja não entendeu:

– Como? Quer dizer que a árvore ficou cheia de buracos, virou churrasco e foi parar no meio da lama?

A onça disse que não era nada disso e explicou o caso de novo.

A coruja não entendeu:

– Como? Quer dizer que a estrada foi derrubada, foi cortada, virou lenha, caiu no chão, a onça vinha passando, tropeçou e foi parar no lamaçal?

A onça disse que não era nada disso e explicou tudo de novo.

A coruja não entendeu:

– Como? Quer dizer que a onça fez cocô na cara do boi, o boi não gostou, deu uma chifrada e a onça foi atirada no lamacairo?

A onça perdeu a paciência:

– Mas será o benedito? Essa coruja é mais burra do que uma porta! Não consegue entender nada direito!

Irritada e cheia de fome, pulou dentro do lamaçal e começou a explicar:

– Presta atenção! Eu estava bem aqui, presa assim, e então...

Foi quando a coruja disse:

– Estava aí e vai continuar aí mesmo. Vamos embora, amigo tatu. Deixa a onça se azarar.

E lá foram os dois embora, enquanto a onça berrava e gritava e miava e afundava e engasgava no meio do lamaçal.



BRINCADEIRA COM AS PALAVRAS

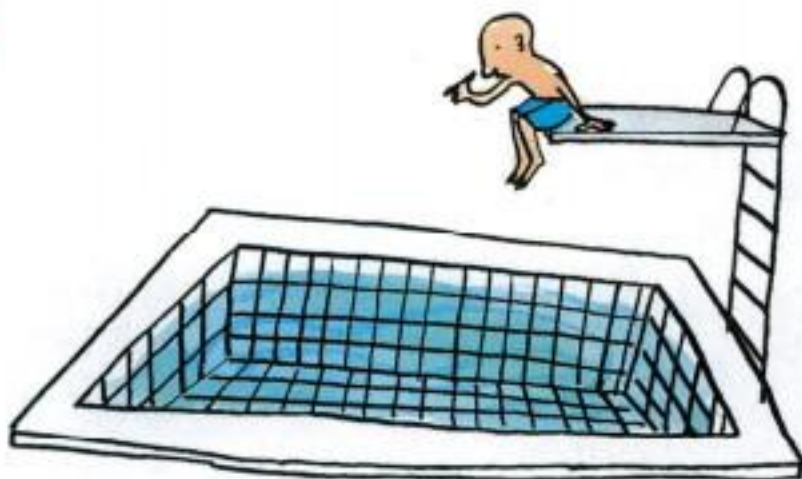
Canto em qualquer canto.



Pega a bota e bota a bota.



Sua mão às vezes sua.



No verão eles verão.



O cachorro deu uma olhadinha e uma molhadinha.



Rio brincando no rio.

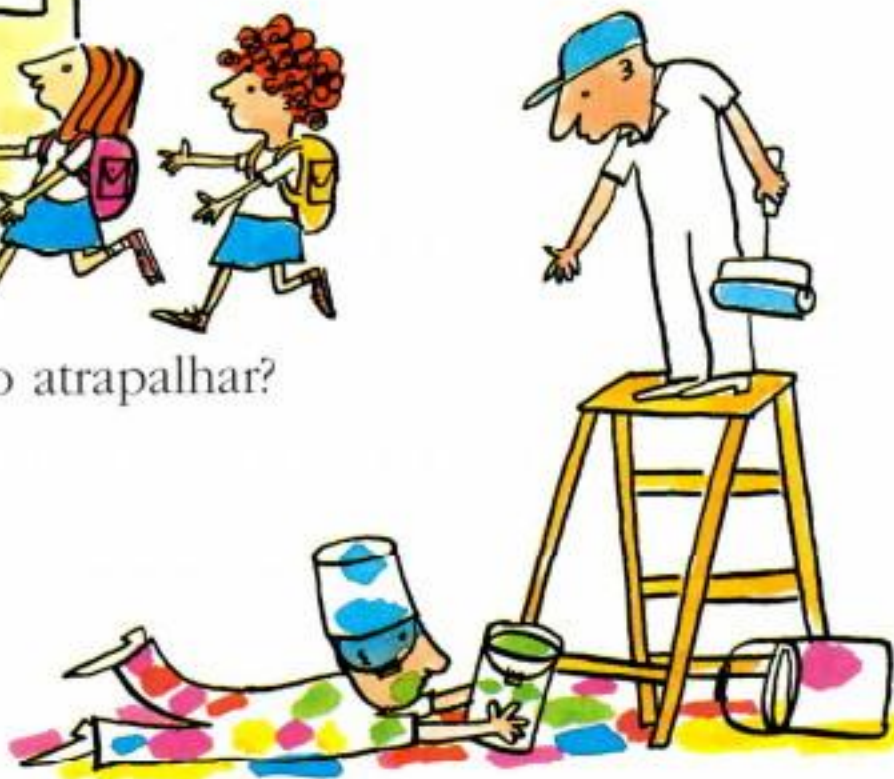
Me passa um pouco de passa?



A escola abriu em abril.

125

Veio trabalhar ou veio atrapalhar?



O homem gritou: – Tá na cara! – E levou um tapa na cara.



POEMA DA LARANJA

Quanta coisa, minha gente
Vem direto da laranja:
Vêm bala, bolo e bombom,
Vem geléia, vem pudim,
Vem sorvete, vem licor,
Delícias que não têm fim.

Vêm torta, creme e confeito,
Chá quente e suco gelado,
Pirulitos, gelatinas,
E doces cristalizados,
Sem falar na feijoada
E outros pratos salgados.

Por isso, diz o ditado,
Laranja boa e madura,
Largada à toa na estrada,
Não é laranja qualquer:
Ou tem praga, está bichada
Ou tem marimbondo no pé!



RECEITAS

BOLO FORMIGUEIRO

Massa:

3 xícaras de farinha
3 xícaras de açúcar
3 ovos
2 colheres de margarina
1 colher de fermento em pó
1 vidrinho de leite de coco
1 pacote de chocolate granulado

Cobertura:

4 colheres de chocolate
em pó
4 colheres de açúcar
1 copo de leite
Numa panela em fogo
baixo, mexer até ferver.

Junte os ingredientes da massa numa tigela, menos o granulado, batendo bem. Por último, misture levemente o granulado com uma colher. Ligue o forno. Unte uma fôrma de furo com margarina, esfarinhe, despeje a massa e leve ao forno médio, já aquecido. Deixe assar durante uns 45 a 50 minutos. Espete com um palito, se sair seco já está assado. Tire do forno com um pano, espere esfriar um pouco, desenforme em cima de um prato grande e cubra com a calda de chocolate. Bom apetite!

127



2 xícaras de açúcar (granulado se tiver)
1/2 coco ralado fresco (ou 1 pacote de coco ralado)
1 colher grande de manteiga
6 ovos inteiros (ou 10 gemas e 2 claras)

Misture tudo muito bem. Deixe a massa descansar enquanto prepara as forminhas: bem untadas com margarina e polvilhadas com açúcar (granulado). Ponha a massa nas forminhas e leve ao forno médio, em banho-maria (as forminhas dentro de um tabuleiro raso, que tenha um pouco de água no fundo) uns 30 a 40 minutos até ficarem corados. Tire do forno, passe uma faca ao redor para soltar e desenforme ainda quente.



A seleção das trovas populares foi feita a partir da recolha de inúmeros pesquisadores: Afrânio Peixoto, Amadeu Amaral, Anna Augusta Rodrigues, Gumercindo Saraiva, João Dornas Filho, Leonardo Mota, Luís da Câmara Cascudo, Mauro Mota, Nilza Megale e Sílvia Romero.

JOGUEI UM LENÇO
PRA CIMA,
CAIU NA PONTA
DA LUA!



Ilustrações de
Eva Furnari



SUMÁRIO



No sítio do Zé Valente	132
O gato e o rato	135
Adivinhe se puder	136
Dois viajantes no meio da noite escura	137
Poema do cacau	139
Buraco na parede	140
Trovinhas populares	141
João e o pé de feijão	143
Parentes e amigos	150
Receitas	151
Respostas das adivinhas	200



NO SÍTIO DO ZÉ VALENTE

No sítio do Zé Valente
Tem dia em que tudo é ão,
Tem dia em que tudo é em,
E im, om, um, por que não?



No dia em que tudo é ão,
Gavião vai de avião,
Refeição é só feijão,
Tubarão vai pra prisão.

132

No dia em que tudo é ão,
Beliscão brota do chão,
Bobalhão é campeão,
Diversão vira lição.



No dia em que tudo é em,
Parabéns vai pra ninguém,
Trem cansa de vai e vem,
Neném é homem de bem.

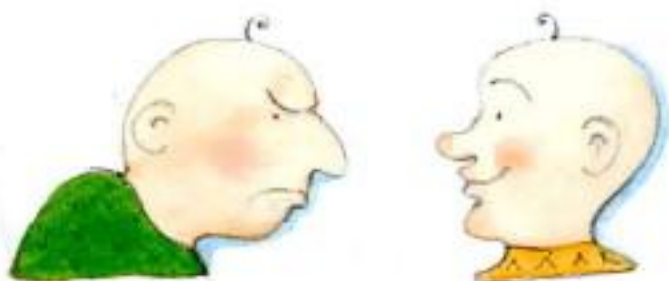
No dia em que tudo é em,
Armazém custa vintém,
Quem nada tem diz amém,
Tudo além é nhenhêném.



No dia em que tudo é im,
Boletim chega chinfrim,
Cupim toca bandolim,
Manequim espirra: – Atchim!



No dia em que tudo é om,
Som que é bom vem de pistom,
Garçom só serve bombom,
Batom é sempre marrom.



No dia em que tudo é um,
Atum come jerimum,
Jejum só se for nenhum,
Bumbum é lugar comum.



No dia em que tudo é im,
Aipim come capim,
Quindim cresce no jardim,
Pudim nunca chega ao fim.



No dia em que tudo é om,
Bom-tom é um jeito bom,
Acordeom faz fom-fom,
Ser bom não é nenhum dom.



No dia em que tudo é um,
Nenhum vale sempre algum,
Bodum cada um tem um,
Soltar pum dá zunzunzum!





O GATO E O RATO



O rato morava numa toca atrás do armário. Um dia, resolveu passear na sala e deu de cara com o gato.

O gato pulou em cima do rato que fugiu apavorado.

O rato jurou que nunca mais ia sair da toca. O tempo passou. O rato lembrava quanta coisa boa existia na face da terra. Quanto queijo cheiroso em cima da mesa da sala de jantar. Quanto doce de milho no armário da copa. Quanta panela cheia de feijão-preto com toucinho defumado e ele ali sem poder fazer nada.

O rato sonhava com aquelas delícias mas, de noite, tinha pesadelos com os olhos amarelos do gato. Com suas garras afiadas. Com seus dentes arreganhados.

Por isso não tinha coragem de sair da toca.

Um dia, de repente, o rato escutou um latido de cachorro. Depois, uma correria desenfreada pela sala. Miados nervosos. Roncos. Uivos. Latas caindo. Louça quebrando. Latidos cada vez mais fortes. Barulho de luta. Miados desesperados. Grunhidos e gemidos.

No fim, a casa ficou em silêncio.

– Pobre gato – pensou o rato saindo da toca feliz da vida, pronto para, enfim, dar seu passeio.

Foi agarrado pelo gato que estava escondido atrás da porta.

– Mas como? – perguntou o rato. – O cachorro não comeu você?

– Que nada! – respondeu o gato lambendo os beiços. – Foi só um truque. Além de gatês e ratês eu também falo cachorrês. Hoje em dia, amigo rato, quem não sabe no mínimo duas línguas está ferrado!

ADIVINHE SE PUDER

1. O que é, o que é?
Tem folha e não é caderno
Tem vida e é de madeira
Tem raiz e não é dente
Tem fruta e não vai à feira?



3. O que é, o que é?
Segue pra cima e pra baixo
É oco e sem coração
Leva a gente pelo mundo
E vive com o pé no chão?



5. O que é, o que é?
Tem asa mas não é ave
Tem cor mas ninguém pintou
Voa voa pelo vento
Só vive beijando a flor?



2. O que é, o que é?
É um perfume andarilho
Anda a pé, mas ninguém vê
Quando entra no nariz
Faz todo mundo sofrer?



4. O que é, o que é?
Tem lona, couro e borracha
Adora fazer esporte
Corre, chuta, salta, breca
Solta um perfume de morte?



6. O que é, o que é?
Adora carregar pulgas
Morde sempre tudo à toa
Nunca sabe a diferença
De bandido e gente boa?



DOIS VIAJANTES NO MEIO DA NOITE ESCURA

Dois viajantes chegaram cansados num lugar deserto, montaram a barraca, prepararam um pouco de comida, comeram e foram dormir.

No meio da noite, um deles acordou chamando o outro.
– Nossa! Acorda, cara! Olha pra cima!



O outro abriu os olhos e resmungou:

– Que é que tem?

– O que você está vendo? – perguntou o primeiro.

O sujeito examinou o céu e sorriu. Espreguiçou-se maravilhado:

– Que coisa bonita! Vejo uma noite linda. Parece um imenso pedaço de veludo cheio de jóias e pedras preciosas brilhando. Vejo estrelas de todo tipo. Vejo as constelações. Vejo a lua, redonda, flutuando solitária na escuridão. Vejo estrelas cadentes e cometas passando. Vejo um avião cruzando os ares. Vejo satélites artificiais. Vejo discos voadores. Vejo lindos vagalumes. Vejo nuvens se mexendo no céu. Vejo as galáxias. Vejo Vênus. Vejo a Via Láctea. Vejo como o universo é maravilhoso, misterioso e infinito. Vejo tanta coisa, meu amigo! Vejo ainda que amanhã vamos ter um bom tempo, sem chuvas, ótimo dia para continuar a viagem.

O primeiro viajante ficou furioso:

– Mas você é uma anta mesmo!

– Por quê? – exclamou o outro, surpreso.

– Você é burro demais!

O sujeito não estava entendendo nada.

Foi quando o outro gritou:

– Não vê que roubaram nossa barraca?





POEMA DO CACAU

Faz batom e faz pomada
Faz manteiga e faz licor
Mas chega de disparate
Discussão só se for pouca
Não precisa bate-boca
Pois é tranqüilo o debate.
A coisa mais importante
A coisa mais preciosa
O segredo mais brilhante
Do cacau é o chocolate!



Quem sabe fazer bombom?
Quem sabe fazer com arte
Bolos, balas, brigadeiros
E cremes de chocolate?
Eu garanto, minha gente,
Quem conhece tudo isso
Esse alguém especial
É justamente o cacau!



E quem não acreditar
É só pegar um jornal
É só procurar num livro
Pesquisar nunca fez mal
Estudar é uma beleza
A vida fica moleza
Porém, não me leve a mal
Falo com toda a franqueza
O tempo passa, é normal,
Já vou-me embora: tchau!



BURACO NA PAREDE

O louco vivia no hospício olhando por um buraquinho na parede do quarto. O médico acabou ficando curioso. Um dia, perguntou o que afinal o louco estava espiando pelo tal buraco.

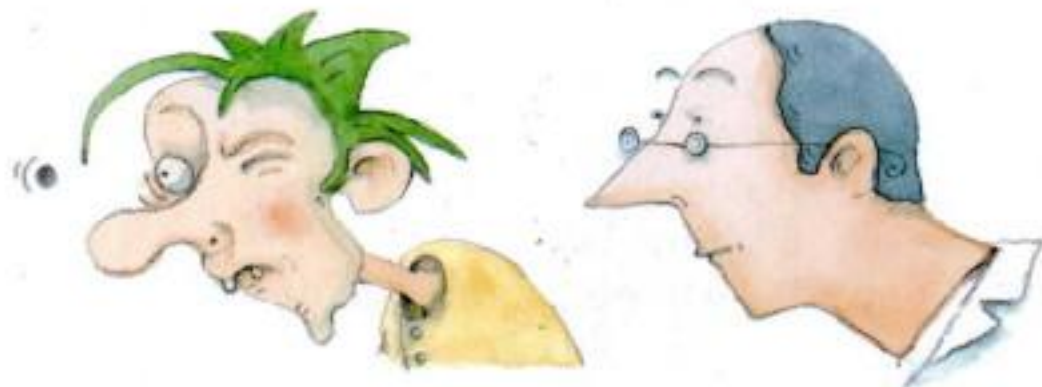
Ao ver o médico, o louco gritou com os olhos alegres:

– Pai, você voltou!

O médico disse que não era pai coisa nenhuma.

O louco abraçou e beijou emocionado a mão do médico:

– Papai, que saudade! Quanto tempo!



O médico resolveu mudar de assunto.

– Mas afinal – perguntou ele – o que tanto você espia pelo buraquinho?

O louco respondeu:

– Quer olhar? Você eu deixo, pai!

Inclinando o corpo para a frente, o médico olhou pelo buraco. Apertou os olhos. Franziu a testa.

– Ué – disse ele. – Não estou enxergando nada!

O louco caiu na risada:

– Pai! Tenha dó! Estou tentando ver alguma coisa há dez anos e ainda não vi nada e você já quer enxergar logo na primeira olhadinha!

TROVINHAS POPULARES

Joguei um lenço pra cima
Caiu na ponta da lua
Quero ouvir você dizer
Que o nosso amor continua



Eu não ligo nem me meto
Em briga de namorados
Pois se hoje estão brigando
Amanhã estão agarrados!



Acuda tatu acuda
Acuda senão eu morro
Venho todo machucado
Das dentadas do cachorro



Minha gente se prepare
Só responda se puder
Que bicho é que veste saia
Mas anda nos quatro pés?



A Chica pediu ao Chico
Dinheiro para gastar
Respondeu o Chico à Chica:
— Por que não vai trabalhar?



Sete e sete são quatorze
Com mais sete vinte e um
Ontem mesmo eu tinha sete
Hoje não tenho nenhum



Se você vier por bem
Pode entrar que a casa é sua
Se quiser pedir fiado
É melhor ficar na rua



O bicho não é besteira
De vestido azul-marinho
É a macaca dançadeira
Do circo de cavalinho





JOÃO E O PÉ DE FEIJÃO

versão de um conto popular



Era uma viúva muito pobre que vivia com o filho numa casinha na beira da estrada. Um dia, a viúva chamou o filho:

– João, a gente não tem mais um tostão furado. Pega nossa vaquinha e leva pra vender na cidade.

O menino amarrou uma corda no pescoço da vaca e foi. No meio do caminho, encontrou uma velhinha. A mulher perguntou:

– Quer trocar sua vaca por um punhado de feijões mágicos? Os olhos da velhinha eram bonitos e brilhantes.

– Pode confiar em mim – disse ela. – Esses feijões ainda vão ajudar você muito.

O menino sentiu que podia confiar na mulher, trocou a vaca pelo punhado de feijões e voltou para casa.

Ao saber que o filho havia trocado a vaca a pobre viúva quase arrancou os cabelos:

– Feijões mágicos? Mágicos como, filho? Mágicos da onde? Mágicos por quê?

O menino não conseguiu explicar nada. Furiosa, a viúva arrancou os feijões da mão do filho e atirou pela janela. Aquela noite, uma chuvarada começou a cair e continuou caindo durante o resto da noite.

Na manhã seguinte, quando abriu a janela, João descobriu que os grãos de feijão tinham germinado e virado uma árvore imensa, tão alta que quase batia no céu. O menino não pensou duas vezes. Despediu-se da mãe, trepou no pé de feijão e foi embora.

– Não se preocupe, mãe – disse ele antes de partir. – Esse pé de feijão é mágico. Quero ver aonde ele vai dar.

E João subiu, subiu e acabou chegando num país que existia lá no alto. Pegou uma estrada e foi andando. No meio do caminho, encontrou uma velhinha. Era a mesma que havia trocado a vaca pelo punhado de feijões.

– Se seguir sempre em frente – disse ela – você vai acabar chegando num castelo. Não tenha medo. Lá mora um gigante malvado. Ele é um bandido muito perigoso. Fique sabendo que tudo o que esse gigante tem pertence a você.

Antes de partir, a velha deu ao menino três saquinhos: o primeiro cheio de agulhas, o segundo cheio de cinza e o terceiro cheio de sal.

– Use isso só se precisar muito.



Em seguida, desapareceu no ar.

O menino guardou os três sacos no bolso, mas sentiu medo. E se ele não conseguisse enfrentar o gigante? Depois lembrou de sua mãe viúva sozinha lá embaixo. Pensou também em seu pai. Se fosse vivo, na certa teria coragem de lutar com o tal gigante.

– Se meu pai era corajoso eu também sou! – gritou o menino e foi em frente.

Acabou chegando no castelo e bateu na porta. Apareceu uma mulher imensa.

– Quem é você? – perguntou ela. – Como teve coragem de vir até aqui? Se o gigante meu marido chega, menino, come você inteirinho. Não vai sobrar nem um isso!

Explicando que estava cansado, João pediu para passar a noite no castelo.

– Vai ser só uma noite – disse a mulher, admirada, da coragem do menino. – Amanhã cedo você precisa ir embora.

A mulher escondeu o menino no armário da cozinha. Logo depois, o gigante chegou. E já entrou gritando: – Sinto cheiro de carne de gente! Sinto cheiro de carne de gente!

Mas a mulher respondeu:

– Que nada, homem! São os cinco carneiros que eu preparei pra você comer.



– Bota já na mesa que eu estou com fome! – mandou o gigante.

A mulher serviu a comida e o gigante limpou o prato. Depois pediu à mulher que trouxesse sua galinha mágica.

De dentro do armário, João só espiava.

A galinha botou vários ovos de ouro em cima da mesa. O gigante ria e batia palmas. No fim, ficou cansado e pegou no sono.

No meio da noite, João saiu do armário, agarrou a galinha e deu o fora.

Quando desceu o pé de feijão, encontrou sua mãe chorando de saudade e preocupação. João deu à mãe a galinha de ovos de ouro. Foi uma beleza. A partir desse dia, a vida da viúva e seu filho parece que começou a melhorar.

O tempo passou. Um dia, João acordou com vontade de subir de novo no pé de feijão. Sua mãe recomendou:

– Não vá que é perigoso!

Mas ele arranjou um disfarce, deu um beijo na mãe e foi.

Subiu, subiu, andou, andou, chegou no castelo do gigante e bateu na porta.

A mulher imensa apareceu, mas não reconheceu João por causa do disfarce. Tudo se repetiu, só que dessa vez a mulher escondeu João num vaso que havia no corredor.

Logo depois o gigante chegou. E já entrou gritando:

– Sinto cheiro de carne humana! Sinto cheiro de carne humana!

Mas a mulher respondeu:

– Que nada, homem! Foram os seis leitões que eu preparei pra você comer.

– Bota já na mesa que eu estou com fome! – mandou o gigante.

A mulher serviu a comida e o gigante limpou o prato. Depois disse que estava bravo porque sua galinha de ouro havia sido roubada e pediu à mulher que trouxesse seu saco de dinheiro.

De dentro do vaso, João só espiava.

O gigante riu e bateu palmas diante de tanta riqueza espalhada em cima da mesa. Contou e recontou o dinheiro até ficar com sono e dormir.

No meio da noite, João saiu do vaso, pegou o saco de dinheiro e deu o fora.

Quando desceu o pé de feijão, encontrou sua mãe chorando de saudade e preocupação. João deu à mãe o saco de dinheiro. Foi uma beleza. A partir desse dia, a vida da viúva e seu filho parece que ficou melhor ainda.

O tempo passou e, um dia, João acordou com vontade de subir de novo no pé de feijão. Sua mãe recomendou:

– Agora chega. É perigoso demais!

Mas ele arranjou outro disfarce, deu um beijo na mãe e foi.

Aconteceu tudo de novo. João subiu no pé de feijão, chegou no castelo e falou com a mulher do gigante, que, sem reconhecer o menino, escondeu-o num baú que havia na sala.

Logo depois o gigante chegou. E já entrou gritando:

– Sinto cheiro de carne humana! Sinto cheiro de carne humana!





Mas a mulher respondeu:

– Que nada, homem! Foram as sete vacas que eu preparei pra você comer.

– Bota já na mesa que eu estou com fome! – mandou o gigante.

A mulher serviu a comida e o gigante limpou o prato. Depois disse que estava furioso por causa do sumiço da galinha de ouro e do saco de dinheiro.

– Se eu pego o ladrão eu arrebento!

Pedi para a mulher trazer sua viola mágica.

De dentro do baú, João só espiava.

A viola chegou e começou a tocar sozinha. O gigante riu, bateu palmas e dançou até cansar. Depois ficou quieto e caiu no sono.

No meio da noite, João saiu do baú, pegou a viola mágica e deu o fora.

Mas quando estava saindo a viola cantou:



*Adeus eu vou-me embora
Vou sair por esse mundo
Vou tocar pra gente boa
Já cansei de vagabundo!*



Dando um pulo da cama, o gigante soltou seu vozeirão:

– Então foi você que roubou minha galinha e meu dinheiro? Agora eu te pego, te pico e te ponho no penico!

E saiu correndo atrás de João. O menino corria muito, mas as pernas do gigante eram maiores. Quando o monstro estava chegando perto, João pegou o primeiro saco, aquele que a velhinha tinha lhe dado, e atirou as agulhas no ar. As agulhas viraram um matagal cheio de espinhos. Atrapalhado, o gigante quase não conseguiu passar e ainda ficou todo arranhado.

João continuou correndo. Quando viu que o gigante já estava perto de novo, pegou o saco cheio de cinza e atirou no ar. Um nevoeiro escuro tomou conta do espaço. Atrapalhado e sem conseguir enxergar nada, o gigante tropeçou e bateu o nariz no chão.

João continuou correndo. Quando chegou no pé de feijão viu que o gigante já estava muito perto. Pegou o saco cheio de sal e atirou no ar. Um mar imenso apareceu atrapalhando o gigante, que não sabia nadar e precisou fazer um barco para atravessar a água.

Enquanto isso, João desceu o pé de feijão. Chegou em casa gritando:

– Mãe, corre, pega o machado!

A mãe deu o machado para o filho, que rápido bateu, bateu, bateu até que o tronco estalou, rachou, balançou e caiu. O gigante veio junto com o tronco da árvore, bateu a cabeça numa pedra e morreu.

Ao ver aquele homem imenso deitado no chão a viúva começou a chorar:

– Mas foi ele!

Chegou mais perto para ver melhor.

– Foi ele mesmo!

E contou que, muito tempo atrás, aquele bandido tinha entrado em sua casa, roubado e matado seu marido.

A partir desse dia a vida da viúva e seu filho ficou cheia de alegria, felicidade e muita música bonita.





PARENTES E AMIGOS

Eu não tenho pai nem mãe
Não tenho irmã nem irmão
Não tenho tio nem tia
Avó e avô também não

Nem primo eu tenho, nem prima
Não tenho nenhum parente
Nem padrinho nem madrinha
Assim como muita gente

Mesmo assim vivo contente
Amor eu nunca mendigo
Na vida não vou sozinho
E meu segredo eu já digo

É que eu gosto das pessoas
Tenho sempre alguém comigo
Como sentir solidão
Quando se tem tanto amigo?





RECEITAS

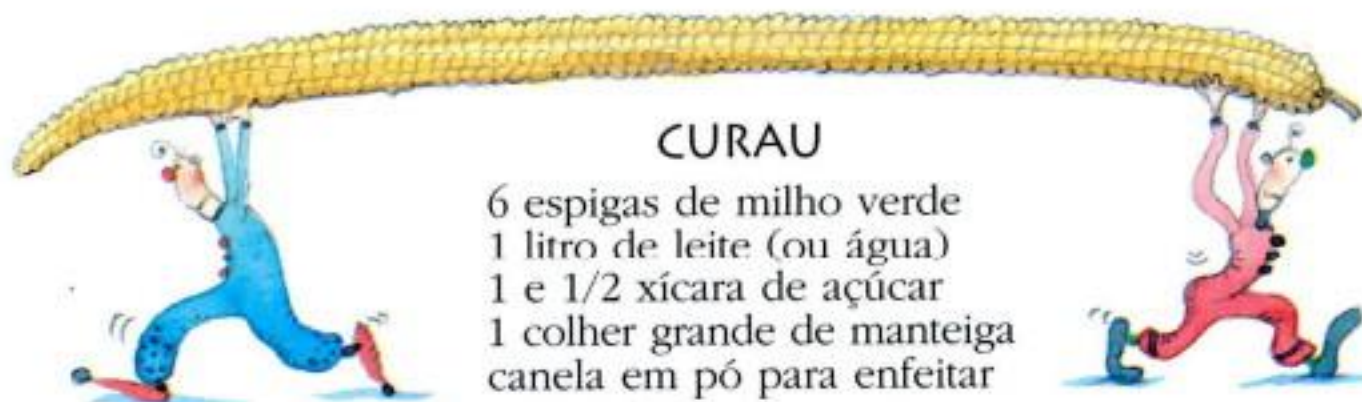
BOLINHO FRITO

- 3 ovos
- 1 xícara de açúcar
- 1 colher pequena de fermento em pó
- 3 xícaras de farinha
- 1 xícara de margarina ou óleo para fritar



Ponha numa tigela os ovos, o açúcar e o fermento. Junte a farinha até dar o ponto de enrolar (se ficar duro, pode-se juntar um pouco de leite). Passe margarina nas mãos, pegue bolinhos da massa e enrole como salsicha, juntando as pontas. Ponha para fritar algumas argolas por vez (elas crescem muito), em bastante gordura bem quente, fogo médio. Mexa com um garfo, para espalhar na panela. Retire para um prato as que forem ficando douradas e polvilhe açúcar. É uma delícia!

151



CURAU

- 6 espigas de milho verde
- 1 litro de leite (ou água)
- 1 e 1/2 xícara de açúcar
- 1 colher grande de manteiga
- canela em pó para enfeitar

Você pode ou ralar o milho e misturar com parte do leite, ou então debulhar o milho e bater no liquidificador com parte do leite. Depois passe esta mistura por uma peneira, sobre uma panela, espremendo bem com a colher e juntando mais leite para sobrar só o bagaço, a casca do milho, que você joga fora. Misture o açúcar, a manteiga e o leite restante, leve ao fogo, nem muito forte nem muito fraco, deixando ferver bem e mexendo sempre. Quando virar um mingau grosso, pode desligar. Ainda quente, despeje em travessa molhada e polvilhe com a canela. Espere esfriar um pouco para comer.

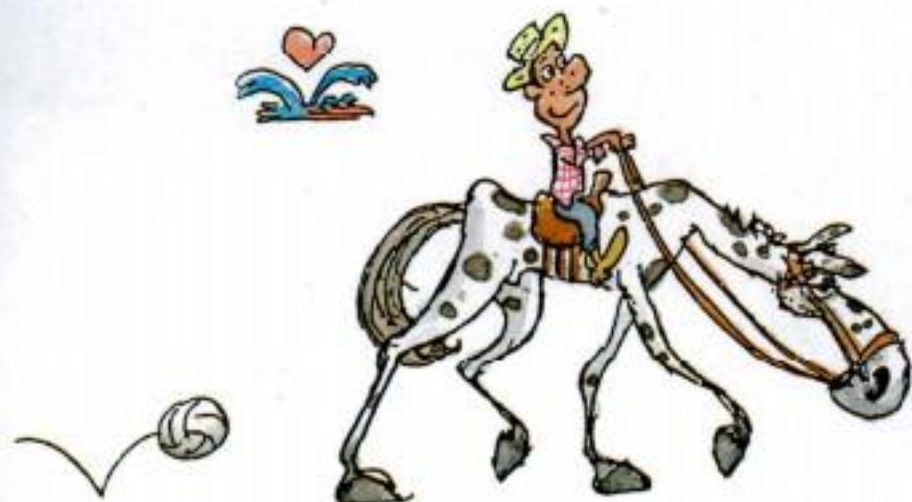


A seleção das trovas populares foi feita a partir da recolha de inúmeros pesquisadores: Afrânio Peixoto, Amadeu Amaral, Anna Augusta Rodrigues, Gumercindo Saraiva, João Dornas Filho, Leonardo Mota, Luís da Câmara Cascudo, Mauro Mota, Nilza Megale e Sílvio Romero.

PAPAGAIO COME MILHO, PERIQUITO LEVA A FAMA!



Ilustrações de
Alcy



SUMÁRIO



O homem que não sabia ler	157
Lições do Zé Valente	160
Questão de ponto de vista	162
Adivinhe se puder	164
O pai, o filho e a escola	166
Trovinhas populares	167
Zé Valente mandou fazer aquilo	169
O velho	172
Duas línguas secretas	173
Receitas	175
Respostas das adivinhas	200



vivia dizendo. O que eu fiz foi uma limpeza. Ali-
 i o mundo. A vida agora vai começar de novo —
 uito mais interessante. Acabaram-se os canhões e tan-
 es e pólvora e bombas incendiárias. Vamos ter coisa
 uito superiores — besouros para voar, tropas de for-
 ga para o transporte de cargas, o problema da ali-
 mentação resolvido, porque com uma isca de qualche-
 isa um estômago se... roctera e tal.

— Mas...

O Visconde, como
 meçou a achar razão.

— Pense bem, V.
 ca” estava chegando
 utra solução além da
 atar, destruir

ilização —
 ense bem.
 ado. Hav
 saída que
 anhão. O
 ábio com
 6 do



que era, engasgou
 idéias da Emília.

A tal “civilização clá-

Os homens não via-

— isto é, matar, mata-

riadas pela própria

as, os navios, tud-

ivilização havia f-

sem saída —

ar-se a tir-

iro de v-

ender n-

utro



O HOMEM QUE NÃO SABIA LER

Um menino andando na rua encontrou um homem sentado na calçada.

O menino voltava da escola. O homem descansava depois de um dia duro de trabalho.

– Moço, que horas são? – perguntou o menino.

O homem disse que não tinha relógio e, para falar a verdade, nem sabia ver as horas. O menino não entendeu. O homem explicou:

– Não sei pra que servem aquele ponteiro e aquele ponteirozinho. Eles giram, giram, giram, mas não consigo entender direito como a coisa funciona.

– Mas é tão fácil! – espantou-se o menino. – O ponteiro marca as horas e o ponteirozinho marca os minutos. Por exemplo: se o ponteiro está no dez e o ponteirozinho está no cinco, isso quer dizer que são dez horas e cinco minutos.

O sujeito balançou os ombros.

– Mas qual é o dez e qual é o cinco? Sempre me atrapalho com os números.

O homem tinha idade para ser pai do menino.

– O senhor não conhece os números?

– Nem os números, nem as letras.

– O senhor não sabe ler?

– Nem ler, nem escrever.

O menino espiou aquela pessoa sentada na calçada.

– Às vezes na rua – contou o homem – fico olhando as letras dos cartazes e perguntando o que será que elas dizem. Outras vezes, na banca, fico admirando as revistas e os jornais. Queria tanto poder ler as notícias; entender o que se passa no mundo;

compreender as placas de rua; entender o que está escrito nas embalagens; ler os letreiros dos ônibus e saber para onde eles vão...

O homem suspirou.

– Às vezes sinto vergonha! – confessou ele. – Tenho que ficar perguntando tudo para todo mundo. Parece que estou sempre por fora. Queria tanto poder sentar debaixo de uma árvore, abrir um livro e ler uma história!

Um sujeito de capa passou apressado lendo jornal. No banco da praça, uma moça lia uma revistinha. Um rapaz estacionou a motocicleta e puxou um guia da mochila para saber onde ficava alguma rua.

– Não sou daqui – explicou o homem. – Minha cidade fica longe, depois da serra, pegando a rodovia, passando a outra serra e depois a outra, perto do mar. De ônibus dá mais ou menos três dias de viagem.

E seus olhos brilharam tristes.

– Agorinha mesmo estava lembrando de casa, minha mãe, meu pai, meus irmãos, o povo de lá...

O menino procurou um lugar para sentar.

– E você? – quis saber o homem examinando o garoto. – Sabe escrever?

O menino estufou o peito:

– Já sou quase da terceira série!

O outro sorriu:

– Tenho uma noiva lá na minha terra. É que nem uma princesa. A coisa mais linda desse mundo. Um dia a gente vai casar...

O homem teve uma idéia. Pediu:

– Escreve uma carta pra mim?

Dizendo sim com a cabeça, o menino tirou um caderno e uma caneta esferográfica do fundo da mochila.

O homem endireitou o corpo. Pensou um pouco. O vento soprava morno. O homem contou que a cidade grande era cheia de fumaceira e carro buzinando. Contou que se sentia sozinho. Contou que às vezes tinha medo, que estava trabalhando muito, que ganhava pouco e que tudo na cidade era caro demais. Perguntou como iam o pai, a mãe e os irmãos. Perguntou da chuva. Perguntou se a vaca Lindóia já tinha dado cria. Perguntou se Jandira estava bem.

O menino escrevia e escrevia.

O homem continuou. Contou que alugava um quarto numa pensão, que morava com mais três e que pegava duas conduções para chegar no serviço. Prometeu que ia dar um jeito de conseguir juntar um dinheirinho. Terminou mandando dizer que estava morrendo de saudade e que, no fim do ano, se Deus ajudasse, pegava o ônibus e voltava para casa.

O menino escreveu tudo com letra caprichada, dobrou o papel e entregou ao homem.

A noite já tinha caído. O menino precisava ir embora.

Uma luz surgiu no céu sem ninguém perceber.

O homem apertou a mão do menino.



LIÇÕES DO ZÉ VALENTE

No sítio do Zé Valente
A esperança é um estudo
A beleza é uma ciência
A alegria explica tudo



O acaso lá está perto
A verdade às vezes muda
O erro pode dar certo
O certo nem sempre ajuda

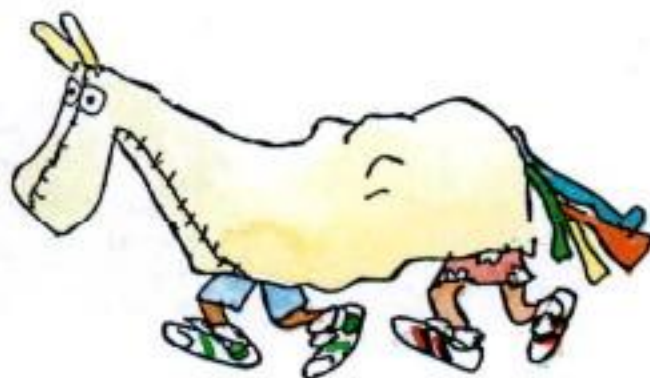


Lá no sítio minha gente
Cara feia é proibida
A lição vira bagunça
Besteira é bem recebida

Pro Zé, invenção é tudo
Brincadeira é uma matéria
Improviso é exercício
Criação é coisa séria



No sítio do Zé Valente
Sabatina é de folia
O teste é de reboição
A prova é de alegria



A regra ali é o recreio
O muito parece pouco
O vazio sempre está cheio
E o cheio por dentro é oco



Pro Zé, uma coisa é certa
Nem tudo o que é parece
Nem sempre o certo é melhor
Mas sempre o Bem prevalece

Ali toda hora é hora
Quem não brincou vai brincar
Quem já partiu foi embora
Quem foi embora vai voltar



No sítio do Zé Valente
Quem não perdoa não vive
Quem não sonha está doente
Quem ama sempre está livre

Por lá, quem não sabe entende
Por lá, aprendiz opina
Por lá, gente grande aprende
Por lá, só criança ensina



QUESTÃO DE PONTO DE VISTA

versão de um conto popular

Três homens muito velhos, conversando na sombra de uma árvore, começaram a lembrar do passado, a contar aventuras antigas e reviver os tempos alegres e distantes da juventude:



– Infelizmente meu corpo já não é o mesmo – resmungou o primeiro. – Hoje estou velho e acabado. Costumava correr por

aí, viajar pelo mundo, agüentar horas e horas de trabalho duro sem me cansar e à noite ainda arranjava tempo e energia para fazer um monte de coisas. Agora, por causa da idade, sinto dores pelo corpo inteiro, ando esquecido e sou obrigado a andar agarrado nesta maldita bengala!

– É isso mesmo – concordou o segundo velho, cheio de melancolia. – O tempo é uma desgraça que destrói tudo. A força da minha juventude simplesmente secou. Antes as mulheres gostavam de mim e eu vivia cheio de lindas namoradas. Agora todas me desprezam, falam baixinho e até dão risada ao me verem passar.

O terceiro velho, um homem de cabelos brancos e pele queimada de sol, discordou com veemência:

– Que é isso, gente? – exclamou todo risonho. – Pois comigo não é assim. Sou velho mas ainda me sinto muito bem. Para falar a verdade, não mudei quase nada. Faço tudo o que sempre fiz e garanto que tenho hoje a mesma força que tinha cinquenta anos atrás.

Os outros dois duvidaram.

– Você está caindo aos pedaços! – disseram.

O velho de pele queimada de sol continuou:

– Digo e posso provar! – garantiu ele. – Tenho no meu quarto um baú muito pesado feito de ferro e madeira. Lembro que um dia, há cinquenta anos, tentei levantá-lo do chão e não consegui.

Os outros, em silêncio, escutavam a narrativa.

– Ontem – prosseguiu o velho – tentei erguê-lo de novo e de novo não consegui.

Seus olhos brilharam alegres dentro do rosto:

– Isso prova que continuo tão forte como cinquenta anos atrás!



ADIVINHE SE PUDER

1. O que é, o que é?
Lambuza a ponta do dedo
É massa mole e sebenta
Pinga e purga peganhenta
Melada, gruda gosmenta?



2. O que é, o que é?
Começa na batucada
Vira festa e brincadeira
Enche a rua de alegria
Vai embora na quarta-feira?



3. O que é, o que é?
Brilha no céu sem ser raio
Ronca mais do que besouro
Leva gente na barriga
Quando cai não tem socorro?

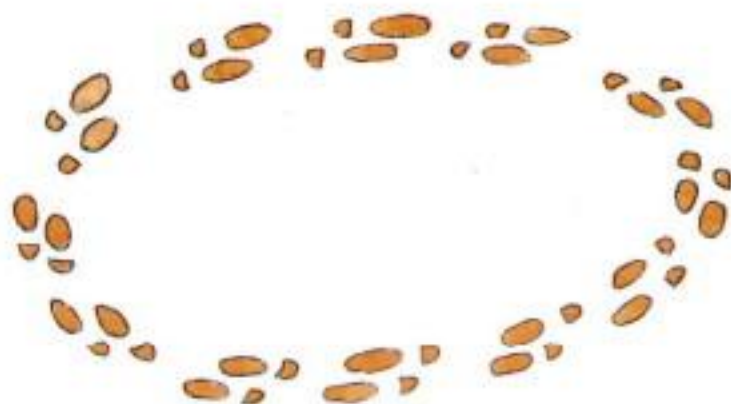
VRUUUUUUUM!



4. O que é, o que é?
Sempre acorda o tempo todo
Enlaça, enrola e amarra
Existe curta e comprida
Às vezes prende na marra?



5. O que é, o que é?
 Corre sempre atrás do tempo
 Mesmo preso sabe andar
 Vive parado e se mexe
 Não dorme e sabe acordar?



6. O que é, o que é?
 Presa dentro de uma casa
 Lá no céu vive encostada
 Quer chova, quer faça sol
 Leva a vida bem molhada?

7. O que é, o que é?
 Voa no céu sem ter asa
 Tem ar e não tem pulmão
 É gorda mas bem ligeira
 Sem ter pé corre no chão?



8. O que é, o que é?
 Todo mundo gosta muito
 Não existe quem não quer
 Tanto faz ser moço, velho,
 Criança, homem ou mulher?

O PAI, O FILHO E A ESCOLA

Seis horas da manhã. O pai grita chamando o filho:

– Acorda, menino! Tá na hora da escola!

O filho responde lá do quarto:

– Pai, por favor, hoje não!

– Levanta, filho – diz o pai –, que assim você vai perder a hora!

E o filho, deitado na cama:

– Hoje eu não vou, pai. Me deixa dormir só mais um pouquinho!

O pai começa a ficar bravo:

– Que é isso, moleque? Não tem juízo na cabeça? Levanta já daí!

– Me deixa em paz!



– Levanta imediatamente – grita o pai, perdendo a paciência.

– Parece vagabundo! São quase sete horas!

E o filho:

– Não vou, não vou e não vou! Hoje não quero saber da escola, pai, e vou lhe dar três razões: primeiro, estou com preguiça; segundo, não agüento mais; e terceiro, lá na escola ninguém me deixa em paz. Ficam o dia inteiro pegando no meu pé!

O pai explode:

– Filho, será que você não tem responsabilidade? Vou dar três razões para você se levantar da cama imediatamente: primeiro, é sua obrigação; segundo, você tem 57 anos; e, terceiro, você é o diretor da escola!

TROVINHAS POPULARES



Papagaio come milho
Periquito leva a fama
Vai fazer teu fingimento
Lá com aquele que te ama



Essa noite eu tive um sonho
Mas foi um sonho de louco
Eu abraçado com a pedra
Dando beijinho num toco



Dentro do meu peito trago
Duas escadas de flor
Uma pra subir saudade
Outra pra descer amor



Você diz que bala mata
Bala não mata ninguém
A bala que mais me mata
São os olhos de meu bem



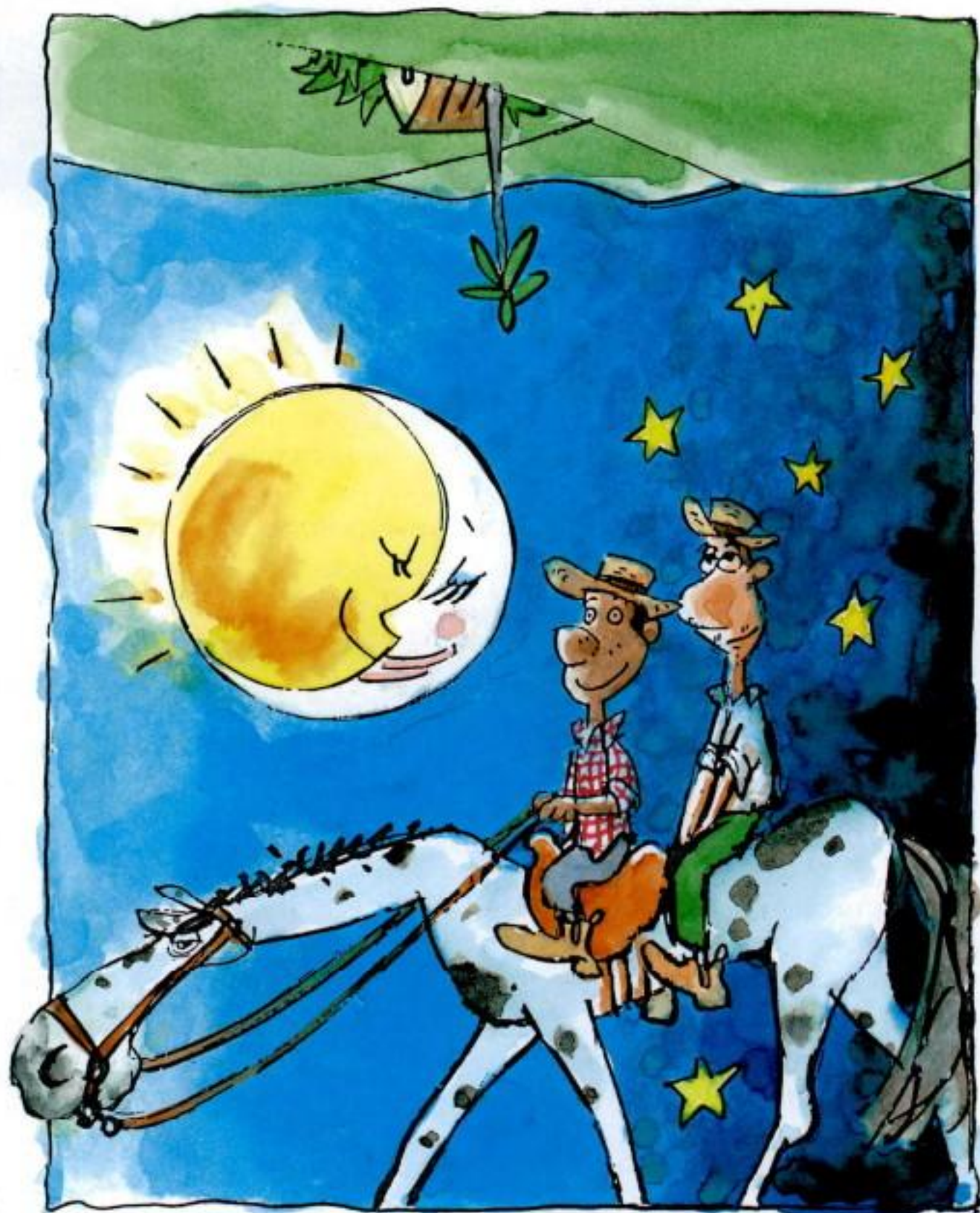
Pode pegar minha mão
Mas não quebre meu dedinho
Não quero que ninguém saiba
Desse nosso segredinho



Eu joguei um limão nágua
Nem boiou nem foi ao fundo
Meu amor é tão ingrato
Que namora todo mundo



Minha mãe brigou comigo
Por causa de uma tigela
Brigava mais se soubesse
Que eu namoro na janela



ZÉ VALENTE MANDOU FAZER AQUILO

Um belo dia, Zé Valente mandou Zé Ninguém fazer aquilo.
O rapaz levou um susto.

– Tem certeza?

Zé Valente respondeu:

– Tenho!

E Zé Ninguém:

– Assim, sem mais nem menos?

E Zé Valente:

– É!

E Zé Ninguém começou a reclamar. Disse que fazer aquilo sozinho era muito difícil. Disse que cansava demais. Disse que não ia dar certo nem aqui nem na China.

Zé Valente então pegou seu cavalo impuro-sangue e foi à cidade. Foi depois e voltou antes. Foi sozinho e voltou com alguém.

Quando Zé Ninguém viu alguém com Zé Valente, fez cara de poucos amigos.

– Quem é esse aí? – foi logo perguntando.

Zé Valente explicou:

– O nome dele é Zé Alguém. Veio ajudar você a fazer aquilo.

Zé Ninguém botou as mãos na cabeça:

– Qué qué isso! Sai pra lá! Pode mandar esse Alguém embora porque eu sei fazer aquilo sozinho.

E Zé Valente:

– Mas você não disse que precisava de ajuda?

– Nunca disse isso!

– Disse sim! – teimou Zé Valente.

– Disse não!

Foi quando Zé Alguém entrou na conversa:

– Esqueci de dizer que não sei fazer aquilo.

Zé Ninguém sorriu espantado:

– Você não sabe fazer aquilo?

E o outro:

– Não.

– Pode deixar que eu ensino – disse Zé Ninguém com ar de superioridade.

Então, Zé Ninguém e Zé Alguém pegaram aquelas coisas e foram fazer aquilo.

Zé Ninguém tinha razão. Aquilo não é fácil de fazer.

Zé Ninguém e Zé Alguém tiveram que subir. Tiveram que dessubir. Tiveram que levar. Tiveram que deslevar. Tiveram que pegar. Tiveram que despegar. Tiveram que tirar. Tiveram que destirar. Tiveram que carregar. Tiveram que descarregar. Tiveram que encher. Tiveram que desencher. Tiveram que dobrar. Tiveram que desdobrar. Tiveram que inventar. Tiveram que desinventar.

No fim do dia, aquilo ficou pronto.

Zé Ninguém e Zé Alguém chamaram Zé Valente e os três foram ao Bar Baridade descansar e conversar.

– Não disse que fazer aquilo ia ser difícil? – perguntou Zé Valente.

E Zé Ninguém:

– Quem disse isso fui eu!

– Isso o quê? – quis saber Zé Alguém.

– Aquilo – respondeu Zé Valente.

E Zé Ninguém:

– É isso mesmo!

E Zé Valente:

– Isso o quê?

– Aquilo – respondeu Zé Ninguém.

Uma pessoa que estava sentada na mesa ao lado ficou curiosa com a conversa dos três amigos e perguntou:

– Afinal de contas, o que é aquilo?
Zé Valente, Zé Ninguém e Zé Alguém caíram juntos na mesma gargalhada.

E Zé Valente:

– Jura que você não sabe mesmo?

E Zé Ninguém:

– Na sua idade?

E Zé Alguém:

– Essa não dá pra acreditar!

Então, Zé Ninguém chamou o sujeito de lado e cochichou uma coisa em seu ouvido. O outro arregalou os olhos:

– Não diga! Quer dizer que aquilo é isso? Você tem certeza? Mas então será que aquilo pode ser? Será que aquilo vai dar certo?

E foi embora cheio de dúvidas.

Outra pessoa, em outra mesa, também quis saber.

Então, Zé Alguém chamou o sujeito de lado e cochichou uma coisa em seu ouvido. O outro franziu a testa:

– Mas então aquilo é horrível! Aquilo devia ser proibido! Aquilo pode ser perigoso! É uma desgraça! É o fim da picada!

E foi embora cheio de medo e preocupação.

Outra pessoa, em outra mesa, também quis saber.

Então, Zé Valente chamou o sujeito de lado e cochichou uma coisa em seu ouvido. O outro sorriu maravilhado:

– Que alegria! Que coisa boa! Que jóia! Sem aquilo já era bom! Com aquilo vai ser mil vezes melhor! Viva! Até que enfim aquilo chegou!

Abraçou e beijou os três amigos, despediu-se e, cheio de felicidade, caiu no mundo para espalhar a novidade.





O VELHO

O velho não tinha dente
Enxergava muito pouco
E além de duro de ouvido
Quando falava era rouco

Fora isso era esquecido
Andava meio de lado
Era fraco, magro, seco
Capenga, torto e enrugado

Mesmo assim era feliz
Lá ia ele inseguro
Cheio de planos e sonhos
Só pensando no futuro

E quando alguém se lembrava
Que ele era velho, na hora
Ele dizia: — Que nada!
Eu sou um jovem de outrora!



DUAS LÍNGUAS SECRETAS



A língua portuguesa serve para a gente falar, contar casos, conversar, escrever ou ler cartas e livros, xingar, cantar, mandar recados e tudo mais. No Brasil, todo mundo conhece a língua portuguesa. Tanto é verdade que a gente pode sair por aí, viajar para o norte, para o sul, para o lado que quiser e sempre vai ser entendido e entender o que as pessoas estão falando. Mesmo quem infelizmente ainda não sabe ler e escrever sabe falar a língua portuguesa, e isso já ajuda muito.

Acontece que na vida a gente às vezes precisa mandar uma mensagem secreta, um recado para ser lido e compreendido apenas pela pessoa que irá recebê-lo.

Pode ser um bilhete de amor, um bilhete combinando alguma coisa particular, um recado íntimo que a gente não gostaria que fosse lido por outras pessoas.

Para isso existem línguas secretas. É claro que, para a coisa funcionar, quem vai receber o recado também precisa conhecer a língua secreta. Vou dar exemplo de duas.

Na primeira, a gente usa a língua portuguesa mas quebra as palavras de forma errada, criando uma língua estranha. Faz de conta que a gente queira mandar o seguinte bilhete:

“Carlão, tenho certeza que quem botou os carrapatos no seu cachorro foi o chato do Joaquim. Vai quebrar a cara dele? Assinado: Chico.”

Quebrando as palavras, o bilhete vai ficar assim:

“Car lãoten hocer tezaque quembo tou oscar rapa-
tos noseuca chorrofoi ocha todojo aquim. Vaique
brara ca radele? Assi nadochi co.”

Fácil, né? Na verdade são as mesmas palavras do bilhete mas juntadas de forma errada.

Existe uma outra língua secreta interessante e que pode ser muito útil. Sempre dentro da língua portuguesa, a gente usa partes das palavras da mensagem escrevendo outras para confundir o leitor indesejado. Vou usar o mesmo bilhete já citado para dar o exemplo:

“Cartola lão tentação homem certinho tesoura zabumba
querida quem bonita touca ossos carros ratazanas pate-
ta tostão novidade seu catavento chororo rodando foice
o chamada tomate doloroso joaninha química.
Vassoura i querido brasileiro r a caramelo demais lelê?
Asno sinal nada dondoca: chines cocozudo.”

Olhando assim parece difícil, mas não é. Olha só:

“**Cartola lão tentação homem certinho tesoura zabum-
ba querida quem bonita touca ossos carros ratazanas
pateta tostão novidade seu catavento chororo rodan-
do foice o chamada tomate doloroso joaninha quimi-
ca. Vassoura i querido brasileiro r a caramelo demais
lelê? Asno sinal nada dondoca: chines cocozudo.**”

Agora escreva um bilhete, primeiro normalmente, depois passe para as duas línguas secretas. Em seguida, leve para casa e veja se seus avós, pais, irmãos, parentes, vizinhos ou amigos conseguem decifrar. Vai ser divertido!

RECEITAS

TORTA DE LIMÃO EM TRÊS CAMADAS

- 1) Massa: 1 pacote de biscoitos maisena
2 colheres grandes de margarina
3 colheres grandes de água
- 2) Creme: 1 lata de leite condensado
1 colher grande de maisena dissolvida em
1 copo de leite (ponha a maisena antes e o leite aos poucos)
3 gemas
suco de 1 limão
- 3) Merengue: 3 claras batidas em neve
3 colheres de açúcar de confeiteiro
a casca do limão ralada

1) Esmague bem os biscoitos numa tigela, misture com a margarina e a água, até formar uma massa. Unte com margarina uma fôrma de torta (ou pirex) e espalhe a massa, apertando e ajeitando com as mãos.

2) Cozinhe numa panela os ingredientes do creme, menos o suco de limão, em fogo baixo, mexendo até ferver. Tire do fogo, misture o suco e ponha sobre a massa arrumada.

3) Prepare então o merengue: numa tigela bata as claras até ficarem bem firmes, junte o açúcar e misture bem. Ponha sobre o creme e enfeite com a casca de limão ralada.

Leve então esta deliciosa torta ao forno quente por 10 a 15 minutos para dourar. Tire do forno, espere esfriar um pouco e pode comer.



CAJUZINHOS

- 1 prato fundo de amendoim torrado e moído
1 prato fundo de coco ralado
1 prato fundo de açúcar
6 ovos inteiros
açúcar cristal para enrolar

Coloque tudo numa panela, mexendo sempre até desprender do fundo. Desligue o fogo, espere esfriar um pouco e, ainda morno, enrole os cajuzinhos. Depois passe-os pelo açúcar cristal.

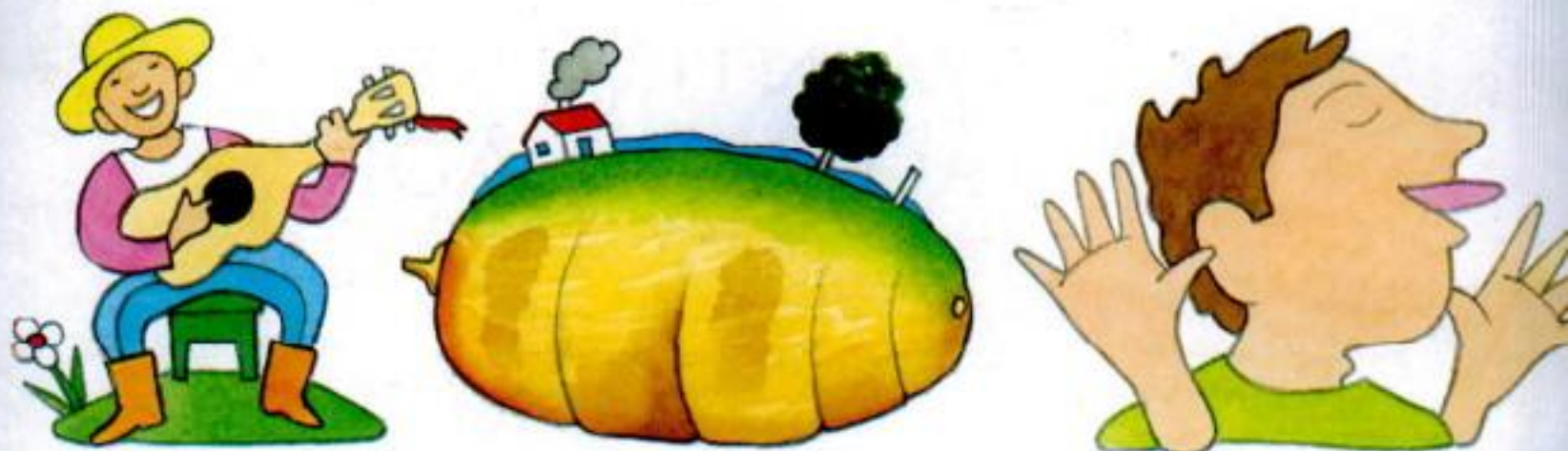


A seleção das trovas populares foi feita a partir da recolha de inúmeros pesquisadores: Afrânio Peixoto, Amadeu Amaral, Anna Augusta Rodrigues, Gumercindo Saraiva, João Dornas Filho, Leonardo Mota, Luís da Câmara Cascudo, Mauro Mota, Nilza Megale e Sílvio Romero.

Ricardo Azevedo
VOU-ME EMBORA
DESTA TERRA,
É MENTIRA
EU NÃO VOU NÃO!



Ilustrações de
Ricardo Azevedo



SUMÁRIO



Língua estranha no sítio do Zé Valente	181
Poema da soja	185
A língua do papagaio	186
Adivinhe se puder	188
O louco, o lápis e o papel	189
Trovinhas populares	190
Zé Valente e a bruxa Espelunca	191
Joaquim e Maria	196
Brincando de usar a língua	197
Receitas	199
Respostas das adivinhas	200





LÍNGUA ESTRANHA NO SÍTIO DO ZÉ VALENTE

Um belo dia de sol, Zé Valente estava conversando com Zé Ninguém. De repente, os dois escutaram alguém, no meio do mato, gritando assim:

- Sopocoporropô! Sopocoporropô!
- Deve ser um sapo coaxando! – disse Zé Valente.
- Deve ser um japonês vendendo sopa – respondeu Zé Ninguém.
- E se for um chinês morrendo afogado? – continuou Zé Valente.
- Por que morrendo afogado? – quis saber Zé Ninguém
- Por causa do tom de voz triste – respondeu o outro.

Os olhos de Zé Ninguém ficaram cheios de lágrima:

- Vai ver que o coitado do chinês não sabia nadar, escorregou e caiu no lago. Agora está lá cheio de água nos olhos, nas orelhas, no nariz, na boca...

- Água na boca? – perguntou Zé Valente. – Mas afinal ele está morrendo afogado ou morrendo de fome?

Enquanto isso, a voz lá longe gritava:

- Sopocoporropô! Sopocoporropô!

- Se eu fosse alguém, respondia a sua pergunta – disse Zé Ninguém. – Mas como eu sou Ninguém prefiro deixar pra lá.

Zé Valente e Zé Ninguém resolveram descansar um pouco, pegaram duas enxadas e começaram a cavar um buraco no chão. Os dois estavam felizes.

- Já pensou se a gente achar uma mala? – disse Zé Valente.

- Já pensou se a gente achar uma sacola? – disse Zé Ninguém.

E a voz lá longe:

- Sopocoporropô! Sopocoporropô!

E os dois cavando:

- Já pensou se a gente achar uma caixa?

- Já pensou se a gente achar um baú?

A voz continuava gritando.

– Cavar buraco é bom porque a terra é muito grande e nela a gente pode encontrar coisas que ninguém imagina! – disse Zé Valente.

– E se a gente não encontrar nada? – perguntou Zé Ninguém.

– Quem procura sempre acha – respondeu Zé Valente.

– Você acha? – quis saber Zé Ninguém.

E a voz lá longe:

– Sopocoporropô! Sopocoporropô!

Foi quando Zé Valente teve uma idéia:

– Vamos procurar o dono dessa voz? – E os dois foram.

Andaram e andaram pela estrada. Entraram e entraram no matagal. Chegaram e chegaram numa clareira, encontraram e encontraram um moço sentado numa pedra. O moço gritava:

– Sopocoporropô! Sopocoporropô!

Zé Valente chegou perto e perguntou:

– Moço, o que é sopococô?

O moço:

– Epeupu espestoupou muipuitopô trispristepê!

Zé Ninguém examinou o moço e disse:

– Xi! Acho que esse cara é alemão.

E Zé Valente:

– Pelo sotaque é inglês.

E o moço:

– Porporfapavorpôr! Mepê apajupudempém!

E Zé Valente:

– Jupudempém é mais francês.

Desanimado, o moço puxou um lenço do bolso e assoou o nariz.

Vinha passando um burro.

Zé Ninguém perguntou:

– Seu burro, qual é a língua desse moço?

E o burro:

– Sei não!

Vinha passando uma anta:

– Dona anta, qual é a língua desse moço?

E a anta:

– Sei não!

Vinha passando uma coruja. A coruja já chegou perguntando:

– Querem saber qual é a língua desse moço?

E ela mesma completou:

– É a famosa língua do pê.

Os dois amigos estranharam:

– Mas existe uma língua do pê?



A coruja deu risada:

– Claro que sim! A língua do pê é uma língua inventada.

E perguntou:

– Não inventaram o inglês? Não inventaram o português?

– Sim – disseram os dois amigos.

– Então! – disse a coruja e ensinou: – Toda língua é uma invenção.

Talvez a maior e mais importante das invenções que um povo pode fazer.

E, virando-se para o moço, perguntou:

– Qualpal épé opô propleplemapá?

O moço abraçou a coruja, chorando:

– Apátépé quepê enpenfimpim! Epeupu sópó queperipiapá fapalarpar copomopô topodopô mumpundopô!

Como os dois amigos não estavam entendendo nada, a coruja traduziu:

– Ele disse que só queria falar como todo mundo.

E a coruja explicou que só tinha um jeito: não falar mais a letra pê. Pediu para o moço experimentar.

O rapaz tentou.

– Uxa vida! Arece incrível. Assim é ossível! Nunca ensei. Arecia um roblema tão complicado! Arabéns! Almas ara você! Agora osso ser feliz! Ai do céu! Agora osso falar quase como todo o ovo!

Nesse instante, outra voz gritou no fundo do mato.

– Sopocoporropô!

A voz era meiga, doce, suave e muito delicada.

Os quatro saíram correndo e encontraram uma moça. Os olhos do Zé Valente e do Zé Ninguém ficaram maiores. Os olhos do moço também. Até a coruja soltou um suspiro.

É que a moça era a coisa mais linda. Parecia uma princesa abandonada e desprotegida, bonita como as estrelas, as jóias e as flores do campo. A princesa só sabia falar na língua do pê.

Antes de todo mundo, o moço já foi chegando todo jeitoso e gentil:

– Nãopão fipiquepê prepreopocupudapá queperipidapá!

A moça sorriu aliviada:

– Quepê sorportepê! Vopocepê tampambempê conponhepecepê apá mimpimnapá linpinguapá?

O moço respondeu:

– Claplaropô!

E a moça:

– Quepê lepegalpa!

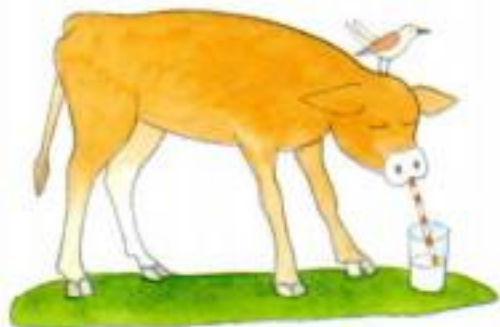
E os dois conversaram muito, riram, contaram mil coisas, se abraçaram, deram tchau e foram embora.

Desde esse dia, Zé Valente e Zé Ninguém acharam que era muito importante estudar a tal da língua do pê*.

* Veja na última página as regras da língua do pê.

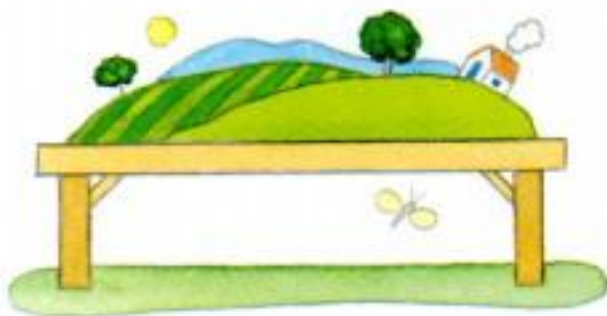
POEMA DA SOJA

A soja é só uma planta
Até aí tudo bem
Acontece que além disso
A soja encanta também
Encanta porque inventa
Inventa porque tem vida
Tem vida porque faz coisas
Que a gente vê mas duvida



Tudo isso, minha gente
Sai do mesmo vegetal
Vem da planta e da semente
Desse arbusto genial

Que também tem sua sina
Nasceu lá longe na China
Talvez por isso a menina
Tenha tanta vitamina



Dá carne mas não é peixe
Nem boi, carneiro e leitão
Dá leite mas não é vaca
Cabra e coco também não

Mas a soja não sossega
Não pára por aí, não
Sabe virar chocolate
E molho e óleo e ração



Mas chega de lero-lero
Quem recorda não esquece
A verdade verdadeira
Todo mundo já conhece:

Simplesmente está na cara
Dá pra ver a olho nu
Que a tal soja é um alimento
Importante pra chuchu!

A LÍNGUA DO PAPAGAIO

versão de um conto popular

Era uma vez um papagaio que vivia preso numa gaiola. Um belo dia, seu dono passou e disse:

– Tudo bem aí?



O papagaio suspirou sem responder nada.

– Você reclama de boca cheia – disse o homem. – Sua vida não é tão ruim assim. Tem casa e comida de graça!

– Mas eu queria ser livre para poder voar como os outros pássaros! – respondeu o papagaio.

Seu dono mudou de assunto:

– Amanhã vou sair de viagem. Devo visitar a floresta onde, anos atrás, consegui caçar você. Quer mandar um recado para seus amigos e parentes?

O papagaio levantou a cabeça, olhou bem para o homem e respondeu:

– Diga a eles que passo meus dias e minhas noites preso numa gaiola!

O dono da casa arranjou as malas e partiu. Voltou de viagem uma semana depois.

– E aí? – perguntou o papagaio. – Conseguiu falar com meus amigos e parentes?

– Sim – respondeu o homem. – Mas trago más notícias. Assim que dei a eles seu recado, eles arregalaram os olhos, colocaram as asas na garganta, botaram a língua de fora, gritaram, cambalearam e caíram mortos!

Ao ouvir isso, o papagaio arregalou os olhos, colocou as asas na garganta, botou a língua de fora, gritou, cambaleou e também caiu morto.

Chocado e sem saber o que pensar, o homem retirou da gaiola o corpo do papagaio e, com cuidado, colocou o pobre bichinho deitado em cima da mesa da cozinha.

Assim que se viu livre, o papagaio deu uma cambalhota no ar e saiu voando. Antes de sair pelo mundo gritou para o homem:

*Quando estiver de novo
Nos lugares de onde eu vim
Por favor diga ao meu povo
Que o truque deu certo sim!*



ADIVINHE SE PUDER

1. O que é, o que é?
Nunca dorme e não acorda
Quando acorda, não concorda
Quando concorda, discorda
Quando discorda, acorda?



3. O que é, o que é?
Conta histórias feito livro
Mora numa sala escura
Sabe romance, suspense
Comédia, drama e aventura?



5. O que é, o que é?
Quem conta não deveria
Sabendo é bom esquecer
Conhecendo é bom guardar
Quem não sabe quer saber?



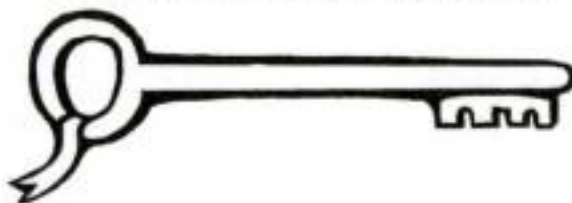
7. O que é, o que é?
Beija pobre, beija rico
Beija moça, beija moço
Beija braço, beija coxa
Testa, nariz e pescoço?



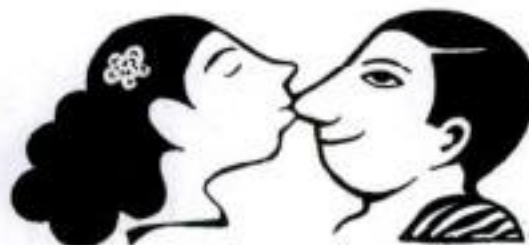
2. O que é, o que é?
Não existe quem não tem
Pobre e rico sempre têm
Gente, pedra, planta e bicho
E todo o resto também?



4. O que é, o que é?
Essa casca não é sopa
Quem descasca entra bem
Não é de bicho nem fruta
E nem de tronco também?



6. O que é, o que é?
É olho mas não enxerga
Só finge que sabe ler
Vive parado no rosto
Olhando tudo sem ver?



O LOUCO, O LÁPIS E O PAPEL

Um louco, num hospício, chamou a enfermeira, pediu papel e lápis e começou a escrever. Escreveu e escreveu o dia inteiro. De vez em quando parava para pensar, coçava a cabeça e continuava a escrever. Às vezes mordia o lápis e ficava sério. Depois ria, olhava para cima, escrevia. Vez por outra, ficava emocionado e até chorava.

Admirada, a enfermeira resolveu chamar o médico.

Quando o médico veio, o louco já tinha escrito mais de trinta e nove páginas.



– O que é que você está fazendo? – quis saber o médico.
– Não está vendo? – respondeu o louco. – Estou escrevendo uma carta.

– Posso saber para quem?

O louco olhou dentro dos olhos do médico:

– Para mim mesmo!

Surpreso, o médico perguntou:

– Puxa, que interessante! E sobre o que você está escrevendo?

O louco deu risada:

– Como vou saber se ainda nem recebi a carta!

TROVINHAS POPULARES

Vou-me embora desta terra
É mentira eu não vou não
Quem vai lá é só o corpo
Fica aqui meu coração



A unha nasce do dedo
O dedo nasce da mão
A mão é presa no braço
Por isso não cai no chão



Menina que sabe tudo
Me responda essa pergunta
Que segredo tem o mar
Que tanta água ajunta?



Minha gente eu vou embora
Pra onde eu vou eu não digo
Quem quiser saber pra onde
Levante e venha comigo...



Esse mundo vive cheio
De falsa filosofia
Quem não presta quer ser bom
Quem é bom não tem valia



O fogo nasce da pedra
A pedra nasce do chão
O amor nasce lá dentro
No fundo do coração



O segredo que o mar tem
Não é coisa de espantar
Não há riacho nem rio
Que nele não vá parar...



ZÉ VALENTE E A BRUXA ESPELUNCA

Certo dia, Zé Valente foi tomar banho num riacho perto do sítio e voltou com uma baita dor de barriga. Ficou desconfiado, pensando, pensando.

Um dia antes, Zé Ninguém subiu numa árvore, pegou uma frutinha lá no alto, chupou e passou três dias e três noites entrando e saindo do banheiro. Ficou pensando, desconfiado, desconfiado.

Depois, uma vez, de repente, veio um cheirinho assustador: mistura de comida estragada, xixi de gato, privada entupida, gasolina, mau hálito, peixe morto, borracha queimada, pum, óleo queimado, coisa podre, benzina, enxofre, meleca, ovo choco, fumaça de charuto, inseticida e chulé.

Zé Valente e Zé Ninguém resolveram seguir o perfume-ao-contrário, foram cheirando, farejando e acabaram descobrindo uma casinha no meio do mato. Na frente havia uma placa:

Bruxa Espelunca cada dia pior que nunca

Na ponta dos pés, os dois amigos foram espiar pela janela. Lá dentro, uma velha torta, nariguda, enrugada e corcunda mexia num tacho com uma colher de pau. Mexia e resmungava:

*Vou fazer o meu pudim
De meleca e de tormento
Vou receber de tristeza
De gosma e de sofrimento

Vou melar o mundaréu
De doença e de desgraça
Vou mandar dor de barriga
Pra todo mundo que passa!*

Zé Valente e Zé Ninguém resolveram fazer um plano. Depois de pensar muito, os dois tiveram a mesma idéia. Foram para casa, pegaram um monte de utopim e prepararam a massa de um pudim cheio de



fantasia, magia, bom humor e esperança. Fizeram também uma cobertura de brincadeira, imaginação, amor, inteligência, trabalho e muita alegria.

Depois juntaram tudo e tocaram para a casa da bruxa Espelunca. Zé Valente foi para trás da casa com a massa do pudim.

Zé Ninguém ficou na frente, tirou a viola do saco e começou a cantar:

*Essa vida fica boa
Quando alguém sabe cantar
Mas fica melhor ainda
Quando alguém vem escutar!*

Lá dentro, a bruxa parou de mexer com a colher de pau e gritou:

– Quem está aí?

E o Zé Ninguém respondeu:

– Ninguém!

A bruxa estranhou e foi ver se havia alguém lá fora. Deu de cara com o Zé Ninguém cantando e tocando viola.

– Vai embora, coisa-ruim! – gritou a velha.

Mas o Zé Ninguém cantou apaixonado:

*Eu te vi e tu me viste
Tu me amaste e eu te amei
Qual dos dois amou primeiro
Nem tu sabes nem eu sei!*

A jabiraca desconfiou:

– Vai embora, bicho feio!

E o Zé Ninguém:

*Você me chamou de feio
Sou feio mas sou dengoso
Também o tempero é feio
Mas faz o prato gostoso!*

A bruxa escondeu o riso. Zé Ninguém percebeu e atacou animado:

*Na estrada em que tu moras
Todo dia eu passo nela
Passo só para te ver
Toda linda na janela!*

A bruxa ficou vermelha:

– Vai embora, cachorro safado!

E ele:

*Eu queria, ela queria
Eu pedia, ela negava
Eu chegava, ela fugia,
Eu fugia, ela chorava!*

Enquanto isso, Zé Valente entrou na casa da bruxa pela porta dos fundos, jogou fora a gosma suja que cozinhava no tacho, colocou a massa de utopim e saiu de fininho.

Do outro lado, Zé Ninguém cantava, embromava e finalizava:

*Minha gente eu vou embora
Pra onde eu vou eu não digo
Quem quiser saber pra onde
Levante e venha comigo!*

A bruxa Espelunca até bateu palmas antes de fechar a janela.

Zé Ninguém agradeceu, fingiu que ia embora, mas ficou com Zé Valente espiando pela janela.

A bruxa voltou para dentro de casa balançando a cabeça, mexeu com a colher no tacho e resolveu experimentar um pouco. Pegou um bocadinho da maçaroca, mastigou e arregalou os olhos. Lambeu os beiços. Suspirou, gemeu e foi cantando, virando e revirando a colher:

*Vou fazer esse pudim
Cbeio de amor e esperança
Recheado de prazer
Alegria e confiança*

*Vou encher o mundaréu
De sonho, beleza e graça
Vou mandar felicidade
Pra todo mundo que passa!*

Quando disse isso, a bruxa Espelunca parou. Estranhou. Repetiu o verso. Fez uma careta assustada. Sorriu. Parecia meio zozza.

Foi quando Zé Valente e Zé Ninguém gritaram é um, é dois, é três, entraram de surpresa e fizeram um ataque de cosquinha, bagunça, agrado, folia, rebuliço, cafuné e mil beijinhos na terrível feiticeira. Foi tiro e queda.

A bruxa entrou na brincadeira, fingiu que estava zangada, deu chute de mentira, chorou de dar risada, de repente fechou os olhos, inchou, inchou e *catapóim*, explodiu no ar. No lugar da bruxa Espelunca apareceu uma moça linda como os amores. A moça sorriu e disse:

– Sou a fada Jasmim que faz cem anos estava encantada em forma de bruxa. Mil vezes obrigada! Graças a vocês voltei a ser o que sempre fui.

Antes de ir embora cuidar da vida, a fada mais os dois amigos foram até o Bar Baridade comemorar.

Zé Ninguém puxou a viola do saco e cantou:

*Bruxa feia não existe
Acredite meu senhor
É só tratar com jeitinho
Que ela pega e vira flor*

E o outro Zé emendou:

*Não existe bruxa feia
Nem bandida, nem malvada
É só fazer um carinho
Que ela pega e vira fada!*

JOAQUIM E MARIA

Joaquim era solteiro
Maria não era casada
Joaquim era bem pobre
Maria não tinha nada



Joaquim viu uma moça
Maria viu um rapaz
Os olhos dela brilharam
Os dele brilharam mais



Joaquim saiu de casa
Maria foi passear
Joaquim seguiu a pé
Maria só quis andar



Joaquim chegou mais perto
Maria se aproximou
Joaquim puxou assunto
E Maria conversou



Maria ia pensando:
– Ser sozinha não convém
Joaquim também achava:
– É duro não ter ninguém



– Achei você tão bonita!
Joaquim principiou
– Gostei muito de você!
Maria assim começou



Chegando naquela praça
Joaquim sentou na grama
Maria veio depois
Bonita feito uma dama



Depois a noite caiu
O mundo se iluminou
Quem antes andava triste
Feliz da vida ficou



Pra quem anda com esperança
Uma luz sempre aparece
Uma estrela no céu brilha
Um sonho cresce e acontece



Joaquim tem namorada
Nome dela? Leonor
Maria também namora
Nome dele? Zé Nestor



BRINCANDO DE USAR A LÍNGUA



Essa brincadeira não tem nada a ver com lambida, nem com mostrar a língua para ninguém. A língua aqui não é aquela coisa molhada que mora dentro da boca. É sim a língua portuguesa, a língua que a gente fala, o conjunto de palavras que usamos todos os dias para falar, conversar, contar histórias, explicar, mandar mensagens, ler e escrever. A idéia da brincadeira é a seguinte: partindo de um texto dado, tentar trocar o maior número possível de palavras usadas por outras e, com isso, criar um novo texto. Por exemplo, vamos olhar o seguinte texto:

"O menino voltava da escola para casa chutando as pedras do caminho, pensando e resmungando. A vida para ele era uma coisa todo o dia igual. Acordava, levantava, trocava de roupa, comia, escovava dente, ia à escola, voltava para casa, comia, fazia lição, brincava, tomava banho, jantava, dormia, acordava, levantava..."

(trecho do conto "Voltando da escola pra casa", extraído do livro *Não tenho medo de homem, nem do ronco que ele tem!*)

Se a gente fosse reescrever o texto acima, trocando todas as palavras, ele poderia ficar mais ou menos assim:

"O homem pequeno de pouca idade retornava do lugar onde a gente aprende a fazer lição dando pontapés naquelas coisas duras que ficam no chão, usando a cabeça e reclamando. Respirar e andar para lá e para cá para o homem pequeno de pouca idade era sempre a mesma coisa. Saía do sono de manhã, ficava de pé, vestia outros panos que cobrem o corpo,

enchia a pança, limpava os ossinhos de dentro da boca, ia para o lugar onde a gente aprende a fazer lição, voltava para o lugar onde a gente mora, enchia a pança, preparava os trabalhos do lugar onde a gente aprende a fazer lição, fazia coisas gostosas e divertidas, limpava o corpo, enchia a pança de noite, entrava no sono, saía do sono, ficava em pé...”

É bom lembrar que o mesmo texto poderia ser escrito de outras maneiras. Por exemplo:

“O bicho miúdo que anda, fala, pensa e dá risada voltava da casa de ensino batendo com a ponta do pé naqueles trechos nada moles que ficam na estrada, matutando e falando mal da vida. O contrário da morte para o bicho miúdo que anda, fala, pensa e dá risada era sempre uma repetição... etc.”

Na verdade, não há uma maneira certa ou única para fazer essa brincadeira. Cada pessoa faz do seu jeito. Depois é só comparar os resultados e dar boas risadas das coincidências e diferenças. Sugestão de texto para começar:

“Certa vez, um rei convocou os nobres da corte e declarou que era uma vaca. Os nobres ficaram assustados. O soberano disse mais: desejava ser morto e ter sua carne cortada e distribuída ao povo. Achando que o rei havia enlouquecido, os nobres convidaram os principais médicos do reino. Remédios e ungüentos foram experimentados mas, infelizmente, sem nenhum resultado. Enquanto isso, o monarca piorava. Mugia o dia inteiro. Sujava o chão do palácio. De vez em quando, saía galopando, dando coices e cabeçadas.”
(trecho do conto “O rei que virou vaca”, extraído do livro *Entre um raio de sol, sai um raio de lua*)

Brinque com esse texto e, depois desse, escolha outros trechos da *Coleção Fura-Bolo* ou mesmo de outros livros e comece a escrever. Bom divertimento!

Resumo da brincadeira: a gente junta um grupo de pessoas, escolhe um texto não muito comprido e distribui uma cópia para cada pessoa. Depois cada um lê e reescreve o texto escolhido tentando trocar as palavras. Se o grupo for de dez pessoas, tenho certeza, vão sair dez textos diferentes. Claro que muita coisa vai ou pode ficar igual. No fim, cada um lê seu trabalho para as outras pessoas do grupo. O jogo não tem ganhador nem perdedor, mas acho que todo mundo vai se divertir bastante.

RECEITAS

BOLO DE AIPIM COM COCO

- 1 quilo de aipim (mandioca doce)
- 1 vidrinho de leite de coco
- 1 pacote de coco ralado
- 2 xícaras de açúcar
- 2 colheres grandes de manteiga
- 4 ovos
- 1 colher de café de canela em pó

Descasque o aipim, corte em pedacinhos retirando os fiapos do miolo, ponha no liquidificador junto com os outros ingredientes e bata muito bem. Ligue o forno. Passe margarina numa fôrma redonda grande de furo no meio, polvilhe com farinha, despeje nela a massa e leve ao forno já aquecido. Deixe assar durante uns 60 a 65 minutos. Espete com um palito, se sair seco já está assado. Tire do forno com um pano, espere esfriar um pouco e desenforme em cima de um prato grande. Bom apetite! Pode também fazer com aipim ralado e misturar tudo numa tigela, sem o liquidificador.



BALA PUXA-PUXA

- 3 copos de leite
- 3 copos de açúcar
- 3 colheres de mel
- 1 colher grande de margarina
- 1 colherinha de fermento em pó

Misture tudo muito bem numa panela e leve ao fogo, mexendo até dar o ponto de bala (quando pingar um pouco na água e não desmanchar). Despeje numa pia de mármore ou assadeira untada com margarina, espere esfriar um pouco, enrole como cordão e corte as balas.

A seleção das trovas populares foi feita a partir da recolha de inúmeros pesquisadores: Afrânio Peixoto, Amadeu Amaral, Anna Augusta Rodrigues, Gumercindo Saraiva, João Dornas Filho, Leonardo Mota, Luís da Câmara Cascudo, Mauro Mota, Nilza Megale e Sílvia Romero.



RESPOSTAS DAS ADIVINHAS

Página 40

1. o milho
2. o resfriado
3. a dor de barriga
4. a bicicleta
5. o aviãozinho de papel
6. o macarrão

Página 66

1. a lição
2. a televisão
3. o futebol

4. o boletim escolar
5. a flor
6. a lua
7. os olhos

Página 87

1. o cigarro
2. a mão
3. a saudade
4. a guitarra
5. o planeta Terra
6. o sonho
7. o papel higiênico

8. o lixo e a poluição
9. a adivinha

Página 136

1. a árvore
2. o chulé
3. o sapato
4. o tênis
5. a borboleta
6. o cachorro

Página 164

1. a meleca de nariz
2. o Carnaval

3. o avião
4. a corda
5. o relógio
6. a língua
7. a bola de futebol
8. o beijo

Página 188

1. a corda
2. o nome
3. o cinema
4. a casca de ferida
5. o segredo
6. o olho de vidro
7. a mosca

Regras da língua do pê: em primeiro lugar, divide-se cada palavra em sílabas. Cada sílaba será repetida substituindo-se a primeira consoante por "p". As vogais serão repetidas na nova sílaba criada. Os acentos deverão ser sempre mantidos, inclusive o til. Exemplo: *Vamos embora porque já é tarde* fica *Vapamospos empemboporapá porporquepê jápá épé tarpardepê*. Pode-se optar, eventualmente, por não repetir certas consoantes, mantendo-as somente na sílaba com "p". Para ficar no mesmo exemplo, teríamos: *Vapamopos epemboporapa poporquepe jápá épé tapardepe*. No caso, foram excluídos o "s" de *vamos*, o "m" de *embora*, o "r" de *porque* e o "r" de *tarde*. Pode-se também excluir a segunda consoante em sílabas com "pr", "tr", "bl" e outras. Assim, a palavra *problema* ficaria *poprobeplemapá*, em vez de *propobleplemapá*, tendo, desta forma, sua pronúncia facilitada.